

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 166

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultramár, semestre - 600 •
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A REDACÇÃO

DA

Voz do Sargento

*Dá as Boas festas a todos os seus estimados
assignantes e collaboradores, desejando-lhes
um Novo anno cheio de felicidades.*

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Continuando ainda a discutir o assumpto das bandas militares que consideramos de grande importancia, emittimos hoje a nossa opinião sobre a sua organização, que é reforçada pela autoridade dos mestres que consultámos.

Todos os regimentos de infantaria deveriam ter uma banda de musica composta de um maior ou menor numero de pessoal do quadro permanente, visto haver necessidade de se attender á razão economica.

O que se não pode admittir, sobre principio algum, é a composição das bandas de voluntarios, que disponham simplesmente de um chefe de banda do quadro permanente.

Tal composição é não só irrisoria, mas evidencia a incompetencia de quem inventou taes pharmonicas!

E' uma organização theorica, mas não é pratica.

E' necessario que se dê a taes bandas, alem do chefe de banda, os elementos indispensaveis do quadro permanente para juntamente com os voluntarios, se poder tornar pratica a organização das bandas que a commissão inventou.

E os elementos do quadro permanente que julgamos indispensaveis não pode ser em numero muito inferior ao que já estava estabelecido.

D'estas bandas de musica seriam constituídas somente por pessoal permanente: as de tres dos regimentos de infantaria com sede em Lisboa; as de dois dos regimentos de infantaria com sede no Porto; as de um dos regimentos de infantaria com sede nas localidades onde estejam installados os quartéis generaes das 2.^a, 4.^a, 5.^a, 6.^a, 7.^a e 8.^a divisões; a do regimento de infantaria com sede no Funchal (Madeira).

O quadro permanente d'estas bandas seria o seguinte: 1 chefe de musica; 1 sub-chefe; 4 musicos de 1.^a classe; 6 musicos de 2.^a classe; 12 musicos de 3.^a classe; 8 aprendizes de musica; 3 soldados ou corneteiros impedidos na banda.

Isto é um total de 35 figuras, numero este que se julga indispensavel para uma banda regular, mas não completa.

Como se vê esta composição fica ainda muito longe da que é attribuida ás bandas estrangeiras.

D'esta forma teriamos 12 bandas constituídas somente por pes-

soal do quadro permanente, sendo as restantes formadas, parte por pessoal permanente e a outra parte pelos voluntarios.

As bandas permanentes disporiam dos seguintes instrumentos: flauta e flautim, 2; 1 requinta; 7 clarinetes; 4 saxophones: 4 cornetins; 2 filiscornes; 2 sax-trompas; 3 trombones; 3 bombardinos; 2 contra-baixos; 1 bombo; 1 pratos (pares) 2 caixas.

N'este numero não se inclue o sub-chefe que poderá tocar clarinete, cornetim ou bombardino.

Os 4 musicos de 1.^a classe eram destinados a tocar: 1.^o clarinete, 1.^o cornetim, 1.^o bombardino e requinta.

Os 6 musicos de 2.^a classe tocariam: clarinete, saxophone, cornetim, filiscorne, bombardino, e contra-baixos.

Os 12 musicos de 3.^a classe eram destinados a tocar: 1 flautim, 3 clarinetes, 2 saxophones, 1 cornetim, 1 sax-trompa, 2 trombones, 1 contra-baixo e 1 bombo.

Os 8 aprendizes tocariam: 2 clarinetes, 1 saxophone, 1 cornetim, 1 filiscorne, 1 sax-trompa, 1 trombone e 1 bombardino.

Os impedidos destinados a tocar pratos e caixas.

As bandas militares não são simples elementos decorativos nos exercitos, mas sim elementos especiaes de educação e elementos indispensaveis na guerra.

Alliam ao util o agradável.

As bandas teem missões importantes em todas as situações em que se pode encontrar um exercito em campanha.

A musica tem uma consideravel influencia nas marchas, como á evidencia ficou demonstrado nas manobras do Bussaco.

Depois de um violento combate junto ao rio Criz, os seis corpos de infantaria que entraram nas manobras, tiveram que fazer uma extenuante marcha para o Bussaco, onde iriam bivacar.

Pois bem, dos seis corpos de infantaria, apenas o regimento de infantaria 23 conseguiu fazer essa marcha e se o conseguiu foi sem duvida devido á sua banda que com as suas marchas arras-

tou os extenuados soldados até ao bivaque do Bussaco.

Nos combates cabe-lhes importantes missões, como sejam a de municidores, serviço este a que hoje se liga extraordinaria importancia.

Elles substituem os maqueiros em caso de necessidade, elles são os melhores auxiliares dos médicos e enfermeiros, como ficou provado na guerra russo-japonesa; elles são as ordenanças mais intelligentes porque reteem melhor as instruções ou ordens a communicar pelo habito do estudo; elles animam os soldados com as suas musicas guerreiras e patrioticas e depois do combate, ora cantam nos seus instrumentos os hymnos queridos da victoria ora traduzem em harmonias sentidas e commoventes a perda dos que morreram lutando pela defeza da sua patria.

Creia a commissão, que o exercito e o povo jamais lhes perdoarão o terem destruido o elemento que lhes era mais querido.

(Continua.)

Apparencias e contrastes

Entre milhares de coisas ficticias que dão aspectos da vida de Lisboa uma ha, sobre todas, que illude o mais pratico por mais alfacinha que seja. E' o vestuario.

O fato cobre todas as mazelas materiaes, disfarça a estupidez, encobre o vicio predominante, affasta a verdade de uma vida e dá aspectos moraes differentes da realidade. Não é preciso chegar-se ao apuro do talhe de uma casaca ou á perfeição do polimento de uns sapatos; é bastante julgar por outras peças de vestuario caras e inuteis. Não vamos procural-as num passeio aos bairros onde não ha luz nem ar e onde ás vezes não ha pão, vamos á cidade baixa, aos centros do luxo que fornecem impressões, á vida da arteria principal da capital.

E' quasi tudo ridiculo o que alli se vê. Ao lado da affectação o luxo mal assente. Ligado á impostura o vicio da imposição ri-

dicula do fato. Quem melhor se apresenta mais deixa antever intelligencia, honradez, brios. O tratamento é consoante o fato. Um paletot bem talhado ou uma bengala de castão amarello, que quasi nunca é ouro, dá direito a muitas excellencias e a um conceito superior. O chapéu alto é tudo.

A's vezes, por instincto de humilhação, ainda tão frequente no nosso povo, todos se affastam para deixar passar um senhor de chapéu alto e com uma manta de pescoço, branca, muito grande e apparatusamente posta.

Nas repartições publicas, estabelecimentos commerciaes e quasi em toda a parte, a apparencia vence tudo. Os porteiros curvam-se. Os caixeiros desfazem-se em amabilidades e julgam-se honrados em servir tão grandes senhores. Depois o sapato da moda com o seu laço de fitas e uma biqueira abaulada, de polimento, umas meias arrendadas, o chapéu d'abas direitas jesuiticamente feito e ridiculamente posto; só isto vale consideração, tudo mais é pelintra-gem que suja e faz duvida.

Vejamos quem é a maior parte da gente que illude pela ostentação do luxo.

A.—Tem um quarto alugado num 3.º andar da rua dos Correeiros, é empregado publico, ganha 1200 réis diarios e sabe alguma coisa de lér e escrever.

B.—Tem instrucção primaria. Não sabe fazer contas de dividir decimaes. É empregado de escriptorio. Ganha 500 réis. Os paes vivem desgostosos.

C.—Tem cartas de exame de portuguez e francez. Não sabe uma coisa nem outra. É caixeiro de loja de modas. Vive numa casa de pensão. Ganha 800 réis. Deve 3 mezes de pensão. Gasta tudo em luxo.

D.—Tem tido varias profissões. Começou por vadio que era quando não tinha nenhuma. Sabe alguma coisa escrever. Tinha um parente bem collocado que o empregou no escriptorio de um tabellião. Faz copias. Apanha descomposturas todos os dias e anda de chapéu alto e cheio de dividas. Ganha pouco. Vive á custa dos paes e não ajuda a manutenção da casa.

E mil exemplos. Lisboa é isto. É uma tradição. Ninguem lhe põe um dique. Primeiro do que tudo a ostentação. Fazer-nos valer aos olhos dos outros e dar-lhes a impressão do que desejavamos realmente ser.

A modestia no trajar reside quasi sempre nos homens de saber. São verdadeiros contrastes.

O luxo é um dos piores males de que enferma a sociedade portugueza, arruinandô-a.

S. FERNANDES.

ROMANTISMO

Tem para mim encanto supernal
Essa tristeza vaga e doentia
Que dimana do teu rosto ideal,
Não sei se verdadeira ou fantasia.

Mas julgo que ela seja natural,
Pois é causa da terna simpatia
Que brotou neste peito de vestal,
Imerso numa languida apatia!

Ha no teu olhar lúcido, admiravel,
Um fluido sedutor que é meu tormento,
Esplendido, poetico, infavel. . .

Então procuro ler teu pensamento;
Mas é sempre o teu rosto impenetravel,
E jamais consegui o meu intento!

LAURINDA SERYTRAM.

ACTUALIDADES

Até que emfim o clero recalitrante vae levando para o seu tabaco!

Trez eminencias reverendissimas, entre as quaes o celebre bispo da Guarda, apanharam da mão do sr. ministro da justiça o correctivo merecido ás suas fanhanhas de pigmeus pretenciosos.

Estas toupeiras procuram sempre a escuridão, as trevas para facilmente manobrem, sem receio de serem vistas, na especulação do Povo e no enriquecimento proprio e da egreja.

Convinha-lhes a monarchia, como lhes conviria uma Republica: — o ponto é que a Republica continuasse sendo o que era a monarchia: —crapulosa e, portanto, tolerante da crapula.

Viram que a Republica não lhes satisfazia os desejos, e o que fizeram? e o que fazem?

Amesquinham-na, ou por outra: tentam amesquinhal-a.

Tolerante de mais tem sido a Republica, — não mais o pode ser.

A isso está disposto, segundo parece, segundo se vê, o sr. dr. Antonio Macieira.

A Liberdade não pode estar sujeita á opressão aviltante dos especuladores.

A Republica, apesar de benevola, não pode tolerar em seu seio detractores da sua austeridade e da sua integridade moral.

A Republica só pode consentir em seu seio a religião fielmente cumprida, (para quem a quizer cumprir).

As maximas do evangelho não poderão jámais servir de arma contra um regimen de honra e prestigio, que deu ao Povo a Liberdade de consciencia e redimiu uma Patria decadente.

A Liberdade conquistou-se.
Foi preciso sangue?

Esse sangue condensou-se, e agora está caindo, transformado em orvalho sagrado, a dar estimulo aos que trabalham para o levantamento e regeneração de uma Patria gloriosa.

Para os reaccionarios esse orvalho não pode ser mais que gotas de chumbo incandescente que se derrama sobre as mãos que se estendem para o roubo e para a traição.

Por isso elles bramam e barafustam contra o brilho d'uma Patria nova e tentam em vão apagar a luz da Liberdade.

Continue o sr. ministro da justiça a proceder assim, que aqui nos tem, incondicionalmente, a seu lado.

CACIACOS.

Breves considerações

O desmoronar dum predio carcomido pelo tempo, a que faltassem todas as condições de salubridade e estabilidade, e a reedificação desse predio feito com a estética do engenheiro, da economia e da comodidade, servirá bem para frisar de quanto tem servido a Republica para modificar a sociedade portugueza nos seus costumes consuetudinarios, nas suas consagrações grotescas.

E assim, por exemplo, o dia de hontem, que apenas se conhecia como um dia grande e festivo por ser o primeiro dum ano, esse dia passou a ter uma designação chronologica com uma alta significação e que muito concorrerá para um futuro, ainda que remoto, levantar o nivel moral da sociedade.

Sendo esse dia como é consagrado á fraternidade universal, ideal de beleza incomparavel, ha de forçosamente nas camadas do porvir ir falando ao espirito e ao cerebro como uma data redentora que pede, que exige da humanidade mais alguma coisa de utilitaria e nobre, o artificio das convenções.

E aqueles que até aqui veneravam esta data possuidos do egoismo

de ser ela o inicio de todas as venturas idealizadas para um ano, deverão passar a venerá-la antes como um clarão que nos faz divisar ao longe outros tempos, em que outros afetos liguem a humanidade e em que por isso outra felicidade a ba-feje.

E só quando este sublime ideal — o da confraternisação universal — poder ser uma realidade, é que a humanidade poderá sentir-se inteiramente orgulhosa de ter conquistado a méta das aspirações dos homens sãos.

Mas nem por isso se devem amofinar as gerações do tempo presente, pois que para a realização de tão alevantado projecto, já traçaram um ligeiro esboço — implantando a Republica.

O tempo e o progresso, na sua marcha lenta e sempre de mãos dadas, se encarregarão de formar o resto com a sua gente.

J. A. Gomes.

REPRESENTAÇÃO

O Sr. Francisco Sales Fernandes 1.º sargento da companhia de policia de 2.ª linha de Valpoy, enviou ao Ex.º Presidente da Republica a seguinte representação:

Ill.º e Ex.º Snr. Presidente da Republica Portugueza

Francisco Sales Fernandes, primeiro sargento supranumerario n.º 4/98 da companhia de policia de 2.ª linha de Valpoy, respeitosa e expõe o seguinte:

Os sargentos das unidades de 1.ª linha d'este Estado vencem 125 réis diarios de auxilio para rancho.

Quanto aos de 2.ª linha a lei portaria provincial n.º 129 de 4 de maio de 1904 com fundamento a portaria regia de 31 de agosto de 1903 diz: «Art.º 19.º — Em regra não se cosinhará rancho procedendo-se a este respeito pela forma determinada para as tropas indigenas de 1.ª linha.» Ao supplicante porem como a todos os outros sargentos da companhia de 2.ª linha, não é, apesar d'aquella tão clara disposição, abonado o auxilio, talvez por não vir consignada na tabela orçamental a respectiva verba.

Ex.º Senhor. Nem mais arduo é o serviço desempenhado pelos sargentos de 1.ª linha nem de maior responsabilidade do que os que competem ao supplicante, que percebe sómente 7200 réis ao mez com a agravante de estar continuamente exposto a insalubridade da Provincia de Satary e por conseguinte de uma boa alimentação. E se, se acrescentar, Ex.º Snr., que pelo afastamento de centro comercial os preços dos generos alimenticios em esta provincia é elevadissimo ainda mais manifestamente precaria se torna a situação do supplicante

Sujeitou-se o supplicante a um concurso cujo programa era relativamente vasto — art.º 28.º da citada portaria o § 1.º do art.º 29.º na fé de que perceberia os vencimentos fixados na lei — citado artigo 19.º e n'esta mesma fé, humilde e respectosamente implora de V. Ex.ª a graça de mandar que o supplicante seja abonado de auxilio para rancho nos termos do citado artigo.

Quartel em Valpoy, 8 de novembro de 1911.

Francisco Sales Fernandes

mos, lhes não possam ir contestar esse avanço.

Dá trabalho o processo que expandi?

E' para trabalharmos e para morrer por Ela, que a Patria nos paga.

Veja a comissão os quadros 30 e 31 da aludida O. E. e notará as probabilidades que alguns cabos do nosso exercito teem de ser 2.º sargentos.

No nosso paiz tem-se ligado pouca ou nenhuma atenção á forma de se entrar no quadro de sargentos, como se o 2.º sargento nam fosse um individuo com responsabilidades, tanto na guerra como na paz, como se não fosse o futuro 1.º sargento e o futuro oficial. Os homens que em Portugal teem legislado sobre o assunto ou nam sabem ou têm esquecido que alguns generaes d'esse grande e incomparavel genio militar que se chamou Napoleão, tiveram nos braços as divisas de sargento, antes de nos hombros terem as dragonas de General.

Elvas, 18-12-911.

Manuel Antonio Vieira,

1.º sargento do grupo de metralhadoras 4.

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

Outras vezes ha febre e os phenomenos já referidos accentuam-se mais e temos o embaraço gastrico febril que por vezes apparece, sob a forma epidemica nas mudanças de estação, com caracteres mais ou menos differentes, segundo os casos.

Póde fazer-se acompanhar uma vez de nauseas e vomitos biliosos, com um ligeiro derrame de bilis ou suffusão icterica e então póde chamar-se *embaraço gastrico febril bilioso*; outra vez com epitoxis, fortes dôres de cabeça, diarrhéa ou prisão de ventre e febre mais ou menos continua ou de tendencia rimittente, sendo difficil differenciar-se de uma febre typhoide attenuada.

Nestes ultimos casos é por vezes (e mesmo a maior parte das vezes) considerado na provincia como ataques palustres ou febres intermitentes que só pela analyse do sangue se poderiam diagnosticar com rigor.

c) *Tratamento.* — Consiste em affastar as causas da irritação do estomago, deixando-o em repouso por uma dieta mais ou menos rigorosa, conforme a intensidade dos casos.

Assim se dará só agua ferrea ou gelada nos casos mais graves (dieta hydrica), usar-se-hão caldos de galinha ou de vacca de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas simplesmente ou intermediados de leite em alternativa.

Havendo nauseas ou vomitos principiar se ha por dar um vomitorio (Lenticulas de emetico a 1 centigramma, meio tubo. — Lenticulas de emetina pura a 1 milligramma, 10.)

Não havendo nauseas, nem vomitos serão dados purgantes salinos. (*Purgante de sal amargo.*) — Sulfato de magnesia, 50 grammas — Agua, 200 grammas. — Dissolva a frio. — *Sodas purgativas.*

N.º 1 — Acido tastrico em pó, 2 grammas. Guarde num papel em frasco de rolha esmerilada.

N.º 2 — Tartrato de potassa e soda, 8 grammas — Bicarbonato de sodio, 2 grammas.

Misture estes saes bem seccos e guarde em um papel num frasco de rolha esmerilada.

Modo de usar. — Tomar o papel n.º 1 e deitar num copo um pouco de agua que póde ser assucarada e com sumo de limão ou de laranja ou de tangerina, etc.

Lançar o papel n.º 2 noutro copo com um pouco d'agua tambem.

Dissolvidos os saes dos dois papéis, cada um em seu copo, junte-se a agua de um á do outro, de forma a ter os dois solutos num só copo e beba-se immediatamente emquanto ha effervescencia. — *Purgante de sulfato de sodio* — Sulfato de sodio, 50 grammas — Agua, 200 grammas. — Dissolva a frio.

Dois ou tres dias seguidos se usará este regimen ou mesmo mais.

Depois serão usados os desinfectantes (Lenticulas de benzoato de naphtol a 25 centigrammas, 1 tubo. — Lenticulas de benzoato de sodio, a 10 centigrammas, 1 tubo.)

A dieta começará a ser cada vez mais forte á medida que o apetite se fôr desenvolvendo e para este se desenvolver poderão ser usadas as (Lenticulas aperitivas, 6 — Lenticulas de hyposphosphito de estrychnina a 1 milligramma, meio — tubo. Lenticulas de methylarsynato de sodio a 1 centigramma, 6. — Lenticulas de sulfato de estrychnina a 1 milligramma, 1 tubo.)

d) *Prophylaxia.* — Como se viu, os desvios de regimen são uma das principaes causas, bem como o uso de alimentos indigestos; as emoções moraes, ou fortes calores; o abuso das bebidas brancas e das espirituosas, a abundancia de alimentos e das bebidas, o abuso do gelo, etc., tambem são causas d'esta doença e portanto para evitar.

Se se evitarem estas causas por uma regularidade de vida, de trabalho e de alimentação, conforme ao já indicado na primeira parte d'este guia, ter se ha evitado esta doença.

Gastralgia

a) *Definição.* — E' uma nevralgia do estomago que póde, por si só, constituir toda a doença, e então chama-se ou diz se essencial ou póde ser um symptoma associado a diversos estados morbidos.

b) *Symptomas.* — O principal é a dôr, sob a fórma de nevralgia.

Esta dôr estala sob a fórma de accessos, habitualmente expontaneos e independentes da ingestão dos alimentos, mas por vezes precedidos de nauseas, de arrotos, etc.

Em geral é violenta e até póde dar lugar a uma syncope.

E' pungitiva e angustiante por vezes. Póde durar alguns minutos, um quarto de hora, uma hora e póde repetir-se varias vezes no dia.

Os doentes procuram o decubito ventral (põem-se de bruços) e comprimem o estomago para assim serem um pouco alliviados.

c) *Tratamento.* — Em primeiro lugar calmar a dôr pelo uso da morphina pela bocca. — (Lenticulas de chlorhydrato de morphina, a 1 centigramma. — N.º 1 a 3.

O melhor enchido de Portalegre
Na casa Gaitto & Cannas
Rua de Ferreira Borges
COIMBRA

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 400 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (paé), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.
Execução rapida.

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inegalavel. Simples ou com wisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

RUA DA SOPHIA 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo. Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

POSTAES ILLUSTRADOS—O que ha de melhor e mais bonito, só tem a *Tabacaria União*, Rua da Sophia, Coimbra

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memuranduns, circulares, etc.

Preços modicos

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 166

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultramár, semestre - 600 »
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Na commissão encarregada de estudar o novo plano da reorganisação do exercito, o serviço da administração militar esteve representado por dois officiaes seus ao passo que os officiaes do quadro auxiliar de engenharia e artilheria não tiveram sequer um unico representante.

D'ahi resultou a administração militar apoderar-se de serviços que anteriormente estavam confiados a outras armas e serviços.

Assim o deposito geral de material de aquartellamento que estava confiado á engenharia e almoxarifados, passou para administração militar, sem haver vantagem ou necessidade de o fazerem.

Advinhamos as intenções porque se fizeram tão profundas transformações.

A administração militar quiz elevar-se de simples serviço auxiliar do exercito a arma superior, collocando-se por assim dizer ao lado do serviço do estado maior.

Apenas as armas especiaes (engenharia e artilheria) e o serviço de saude tinham quadros auxiliares onde tinham ingresso os sargentos d'essas armas e a administração militar tambem quiz equiparar-se ás armas especiaes, creando um quadro auxiliar onde teriam ingresso os sargentos das tropas da administração militar.

Não se limitaram a equipararem-se ás armas geraes, quizeram ir mais longe.

Não nos consta que os preparatorios exigidos e os cursos a que são obrigados os officiaes da administração militar, sejam mais demorados e completos do que os exigidos á infantaria, cavallaria e artilheria de campanha.

Ora as armas geraes destinam um terço das vagas de officiaes aos sargentos d'essas armas e por isso a administração militar pode muito bem reservar tambem um certo numero de vagas no seu quadro para os sargentos das suas tropas.

Os serviços especiaes confia-

dos á administração militar não são tão transcendentales que não possam ser confiados tambem aos sargentos das suas tropas quando recebam na Escola Central de Sargentos a instrucção especial d'esses serviços.

Creiam que não-de ser tão bem desempenhados como o tem sido pelos sargentos que em um mez ou dois se tem preparado para os concursos de admissão a officiaes da administração militar.

E se os afronta o ingresso dos sargentos das suas tropas no quadro de officiaes da administração militar, continuem esses sargentos a ter ingresso no quadro dos officiaes de infantaria que os receberão muito gostosamente.

Mas de qualquer forma, supprime-se o tal quadro auxiliar da administração militar, que não representa senão um luxo superfluo, inconveniente e escandaloso.

Resumindo, affirmamos: que o serviço de transportes das tropas d'equipagens não é privativo da administração militar (pois só n'esse caso admittamos essa subordinação) pois que além das formações administrativas as tropas de equipagens constituem o nucleo das formações sanitarias, dos quartéis generaes e outros.

Entendemos portanto que as oito companhias de subsistencias agrupadas em tempo de paz, para effeito de instrucção, disciplina e administração, constituam só ellas as tropas d'administração militar, commandadas por officiaes de administração militar.

As oito companhias de equipagens, agrupadas em tempo de paz, para effeitos de disciplina, instrucção e administração, constituam só ellas as tropas de trem que deverão ser commandadas por officiaes do quadro auxiliar de engenharia e artilheria.

D'esta forma dá-se aos officiaes do quadro auxiliar de engenharia e artilheria o que de direito e justiça lhes pertence e para cujo serviço são mais com-

petentes, alliviando-se assim um pouco o prejuizo que este quadro soffreu, só porque a administração militar pretendeu engrandecer-se á custa das outras armas e serviços, com manifesto prejuizo dos interesses do exercito.

Não queremos dizer que se não desenvolva tanto quanto possível os serviços da administração militar de que o nosso exercito bem precisava e que era mister reorganisar para desempenhar cabalmente a importante missão que lhe cabe no grande theatro da guerra.

E' preciso destruir a impressão que a muitos causa a reorganisação do exercito, que pelas profundas transformações havidas nos quadros das differentes armas e serviços, chegaram a comparar ao conhecido *jogo do rapa*.

Diz-se: neste jogo saiu o R (rapa) á administração militar e secretariado militar; o T (tira) á artilheria e serviço de saude; o D (deixa) á cavallaria e engenharia, etc.; o P (põe) á infantaria e almoxarifados.

Resta-nos a esperança que a revisão da reorganisação do exercito pelas camaras, ha de modificar e corrigir os principaes defeitos d'esse diploma, de modo a tornal-o uma obra perfeita e completa.

(Continua.)

Breves considerações

Para que as manifestações liberaes tenham aquele cunho de grandêsa que é mister possuirem para se imporem aos olhos de quem as presenciam, não basta o seu significado nem a cifra que atingem em pessoas.

E' forçoso tambem que sejam disciplinadas, condição basilár para as tornar agradaveis e respeitadas. Sem este importante factor a servir-lhes de guião, essas manifestações perdem uma grande parte do seu realce.

Porque, de facto, uma turbamulta ao serviço de causas cheias de nobreza fermentando a sua expansibilidade numa agitação

desordenada e numa vozeria de estontear, não é bem um acto que se imponha como simpático, mesmo áqueles que comungam nos mesmos ideais, mas que apreciam ver a sociedade proceder com a devida correcção.

E' antes a desordem pedindo a ordem; é antes o retrocesso pedindo o Progresso; é antes a expansão livre e tumultuosa de exaltados procurando atear sobre si as simpatias e o aplauso das consciencias; é antes um sintôma de revolução arvorado em evolução.

Evidentemente que não pode ser assim, no proprio interesse das causas que originam essas manifestações.

Tornar por consequência essas manifestações disciplinadas, fazendo agrupar convenientemente em volta de cada estandarte os individuos de cada classe e dispondo o conjunto com regras e precisão, que a todos competirá acatar depois de conhecidas, será talvez a melhor forma de tornar todas as manifestações liberaes dignas do fim que procuram atingir e do alto valor que representam.

Que as diferentes associações de classe tomem sobre si o primeiro encargo de conseguir este *desideratum*, e que as autoridades que sempre presidem a estas manifestações lhe prestem todo o seu apoio, é o que, quem verdadeiramente é patriota, pode ambicionar ao bom povo português.

E assim, caminhando lentamente, a passo e passo, iremos entrando na ordem d'uma nova vida.

Piano, piano se va lontano.

J. A. Gomes

ACTUALIDADES

Não passa um só dia sem que novos boatos não venham circular na sociedade portugueza.

E' o Couceiro que entra brevemente; é um combate na fronteira; é uma contra-revolução prestes a estalar... emfim coisas que nem ao herculeo e cor-

nigero proprietário do purgatório lembram.

Citam-se os dias em que não de cahir as calamidades com a mesma facilidade com que um puro Longines conta os segundos do dia.

Emquanto uma grande parte da imprensa estrangeira nos favorece publicando a verdade sobre o nosso estado actual, outra mette carapetões de mais largo calibre do que os famosos canhões de Krup.

Couceiro, esse apparece no mesmo dia em Portugal, Hespanha, França, Inglaterra, Alemanha, só faltando ao felizardo (mas creio que não tarda muito) ir á lua e ás profundas do inferno.

Uns dizem que os vadios realistas estão corajosos e promptos para o ataque contra a Republica, outros que elles mendigam e roubam.

Uns dizem que o estado financeiro é precario, outros fazem correr de que todos os dias elles levantam milhões e que até já adquiriram aeroplanos e couraçados!

No meio de tudo isto, assaralhopamento, confusão, risos...

E a Republica vive e viverá; porque está com ella a Alma Nacional.

CACIACO.

RESPONDENDO

As longas horas de ocio que me são dado gosar neste passeio ao norte, emprego-as em admirar esta uberrima região tão digna de melhor sorte; eis a razão primaria do meu silencio acerca do «tour de force» á queima roupa disparado no n.º 45 do *O Sargento* de 30 de setembro ultimo. Razão primaria não será bem dito. Mais propriamente lhe chamarei secundaria, porque a verdade é esta: um órgão da classe é exclusivamente para defeza de interesses communs e não para derimir questões pessoais, mas emfim, o exemplo está aberto e eu enveredo pela viella sob condição de que ponho ponto na conversa.

Vamos aos assumptos.

Numa terça feira, dia 13 (vejam que azar) mau grado meu, fui traiçoeiramente convidado a assistir a uma reunião de sargentos no Centro dr. Antonio José d'Almeida e ahi eleito por unanimidade, presidente da União dos Sargentos!

Pretendi declinar tão grande e immerecida honra, insisti mesmo, mas não me attenderam, nem mesmo o meu illustre camarada e terrível articulista Raphael Ribeiro.

Acceitei contrariado, mas logo se abrigou em mim a vontade decidida de cooperar para conseguir tudo a que a classe tem jus.

Nada fiz, é certo, mas a pouco e pouco, devido não sei a que força impulsiva, alguma coisa foi vindo. Uma das maiores campanhas a seguir ao tal dia aziago, foi o voto. Baniu-se a equiparação a mendigo e vadio. Ficámos, é verdade, equiparados á soldado, mas soldado era Napoleão. Pisei muita alcatifa, da Cruz Quebrada á rua da Infancia, da Calçada do Galvão á Arcada.

Muitos cumprimentos, muitos sorrisos, muitos apertos de mão e alguns com os membros inferiores, que se não fosse a camisola do desprezo de que ha muito uso, ficava com as costellas num feixe.

Da Cruz Quebrada, então trouxe um vagon cheio de promettimentos.

Ora já então eu me mechia mais um pouquinho, não é verdade sr. Raphael?

Numa bella tarde, encontrando-me em Belem com o meu caro amigo, disse-lhe que se ia reunir a corporação e (que parvo fui) dei-lhe conhecimento de que se preparasse para ouvir publicamente o que tinha a dizer-lhe, tudo amistosamente, está bem de ver.

O amigo não appareceu e... recorda-se da desculpa que deu mais tarde, sentado num banco em Al-gés?

Quem se meche mais um pouquinho?

Como nunca fui charadista, não sou capaz de decifrar o enigma: A União que ainda é União... tenho pena de ser tão pouco perspicaz.

Agora outro. O sr. A. Soeiro da Costa, meu muito amado e presado camarada, embora o não conheça, nem mesmo me dê ao trabalho de seguir o seu conselho, pedindo informes, poderá ser tudo quanto quizer, mas de delicado não tem nada.

Como o Estado se divorciou da Igreja, não ha perigo de a sua voz chegar ao céu e por isso ainda não é d'esta vez que me vem a excomunhão.

Se as atoardas espalhadas pelas santas e inofensivas almas que se entreteem a manejar a arma infame e traiçoeira da calumnia, (palavras suas) é suelto para mim, já acima fica dito qual a camisola de que uso, reforçada porém para o meu amigo.

Nem errei por não conhecer a questão, nem explorei com ella porque só uso o nome que assigna esta. Será explorador quem muda de nome a seu talante.

Sustento e renovo tudo o que disse. Condemno em absoluto as *imposições* emquanto não vir esgotados todos os meios brandos e suavios para conseguir os nossos fins.

Com o meu *moroso* caminhar, consegui ter a certeza de ser concedida a dispensa permanente do recolher e o uso do traje civil.

Quando o pinto sahia das cascas, apparece o quero, posso e mando da espada e... o pinto morreu. Se o amigo se quizer dar ao incommodo de se encontrar comigo, posso provar-lhe de modo irrefutavel a veracidade d'este facto.

Por dever de lealdade affirmo que não escrevi para o amigo por não o conhecer e não saber que tambem era careca.

Escrevi devido apenas a um facto por mim presenciado na estação de Santa Apollonia na occasião do embarque de caçadores 2 para o norte.

Em mim desmente-se o ditado: «Não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu.»

Olho sempre para o que fui e e nunca para o que poderei vir a ser, e esta norma põe-me a coberto de todas as investidas, incluindo as dos meus dois camaradas agora visados.

Desejo immenso que fique por aqui esta questiuncula que apenas tem importancia pessoal e permittem-me que lhes dê mais um conselho de verdadeiro amigo e sincero camarada:

Tratemos primeiro de liquidar paivantes internos e externos, com as minguadas forças de que os humildes, como nós, podemos dispôr,

deixemos entrar a Patria querida na normalidade e socego de que tanto carece.

E' mais uma prova de abnegação nossa e quando se conseguir esse desideratum que arma moral e formidavel temos para sem imposições, repito, chegarmos á Terra da Promissão.

Braga, 19 10 911.

Carlos Beja da Silva
sargento ajudante de caçadores 2

Ao som da vassourinha...

Em tempo enviei ao director do *Sargento* a resposta que agora vae transcrita neste jornal, por aquelle senhor não se dignar dar-lhe publicidade, antes devolvendo-me os autografos. Tinha feito proposito de não dar ouvidos a certas vozes, mas agora, mesmo agora, 15 horas e 30 segundos veem-me mostrar o n.º 60 d'aquelle jornal apontando o artigo intitulado a «Celebre Comissão».

A bem da *moral e omra* apontada, resolvi dar publicidade a estas poucas palavras, ficando a não mais responder a qualquer *quidam* que me interpele.

Emquanto o meu amigo Rafael Ribeiro se entretém a rabiscar umas altas e baixas ao ospital, estão o presidente e secretarios da já *celebre comissão* no doce goso da fronteira, longe dos que lhe são caros, sem saber ha cinco longos meses o que é conforto e alimentação regular, embora gastem mais do que o que vencem.

Com os atos do tesoureiro da já celebre comissão apenas tenho a dizer que estou desembolsado de alguns vintens em anuncios e impresos, não tendo o mesmo senhor cedido ao convite feito por varias vezes para prestar contas, e não tendo sido forçado a isso pela brusca marcha nossa para o norte.

Ha de presta-las na nossa proxima chegada a Lisboa, chegada que eu muito desejo para saber do sr. Rafael quaes os altos *misterios* que eu *muito bem sei*, segundo afirma.

Com a consciencia tranquila como tenho parece-me que o aguilhão não é para mim, mas era pratico pôr a sopa na mesa para ser comida por quem deve.

No mesmo jornal e numero, vem um outro aperto de mão com o pé, enviado pelo sr. A. Soeiro da Costa. Os que me conhecem, camaradas está bem de ver, e que não são poucos, sabem de sobejo que estes 78 quilos de materia com forma humana, e 20 anos de peregrinação atravez dos bons e dos maus (estes em maior numero) nunca encontraram vinho mau, mulher feia ou homem que lhes meta medo.

Tem graça a piada!! Medo de quê? seu D. Soeiro. Trago sempre no bolso uma pedra para os *pérrros*, um cavalo marinho para os garotos e a delicadeza para os delicados. Não se admire da delicadeza andar no bolso, porque é uma coisa de facil demonstração.

Quando insistentemente pedi a minha demissão de presidente da já celebre comissão, e que não foi atendida nem pelo amigo Rafael, já eu previa que havia desejos de pe nacho que nunca ambicionei. Tenho a consciencia de que alguma coisa fiz, embora não secundado pelos camaradas, mas logo que chegue a Lisboa reunir-se-á a assembleia onde apresentarei alguns documentos de

sensação, retirando-me em seguida — sem medo — fazendo votos para que seja presidente pouco moroso e *sem medo* o meu amigo Rafael (mas não deve faltar ás reuniões por *causa da tal coisa*) e para 1.º secretario o sr. Soeiro, que é para ter a satisfação de ver progredir a passos de gigante a classe a que me orgulho de pertencer.

Carlos Beja da Silva
Sargento ajudante de caçadores 2.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importancia correspondente a dois annos do sr. Carlos Augusto Ferreira, 2.º sargento da companhia de saude, Loanda.

A de um anno do sr. Joaquim Pires Coelho, 1.º sargento da 4.ª companhia indigena d'infanteria, Marimba.

A de um semestre dos srs. José Gonçalves Estorninho, 2.º sargento da guarda fiscal; Pedro Affonso Cardoso Dias, 1.º sargento da guarda republicana, Lourenço Marques; Dr. Euletherio Gaspar de Lemos, Alhadas; Alberto dos Santos Pereira Monteiro, tenente de infantaria; Antonio José de Lemos, músico de infantaria 23; Carlos de Mello, 1.º sargento de engenharia; Lourenço d'Almeida, espingardeiro de infantaria 23.

A de um trimestre, dos srs. Joaquim José Magro, alferes do secretariado militar; Antonio Lopes de Azevedo, 1.º sargento; Francisco Gomes Malaca, 2.º sargento de artilheria n.º 3 e Jayme Antonio Neves, 2.º sargento de infantaria 35, todos em serviço no Presidio Militar de Santarem.

«A Voz do Caixeiro»

Entrou no 2.º anno da sua publicação, o nosso collega local, *A Voz do Caixeiro*, pelo que o felicitamos.

Teve passagem a infantaria 29, o nosso camarada 2.º sargento de infantaria 35, Manoel Joaquim dos Santos.

Reunião

Reune na proxima quinta feira, na sala da Bibliotheca d'Infanteria 23, a Fraternidade Militar, afim de se proceder á eleição das direcções da 1.ª e 2.ª secção.

A Voz do Caixeiro, lamentando a sahida do seu querido Moraes Sarmento, apresenta a sua magua da seguinte forma:

«... apenas lamentamos, que pelo motivo de ter de engressar nas fileiras do exercito, nesse antro de depravação moral onde impera o **autoritarismo** infame dos **agaloados**...»

O colega sabe o que é o exercito?

Ora bolas; como agora ha pouca mosca, sahe sempre asneira!

Mais cuidado no futuro, porque esta coisa de escrever para o publico, não é o mesmo que aviar o fre-guez ao balcão.

QUESTÕES MILITARES

CAPITULO IV

Tempo de serviço na unidade de telegraphistas de campanha

Relativamente ao tempo de serviço decretado pela nova lei do serviço de recrutamento, direi que será muito pouco para os telegraphistas a fim de que elles se possam instruir convenientemente e fazer uma ideia do serviço que no futuro venham a desempenhar no caso de mobilisação ou outro qualquer caso anormal, porque não ha de ser em campanha que se hão de instruir, quando este serviço exige em tempo de paz uma longa pratica e assim o tem demonstrado os telegraphistas de praça, de dois annos consecutivos, excepto o tempo da instrução geral e a da sua especialidade, isto é, enquanto não são julgadas habilitadas a desempenhar o serviço nas estações telegraphicas permanentes.

De resto, todo o mais tempo está serem licenciadas tão unicamente empregadas no seu serviço especial.

Por isso não resta duvida alguma que estas praças se acham mais habilitadas que as de telegraphistas de campanha, e a razão é muito simples.

Os telegraphistas de campanha até á epocha actual, apenas tem tido como tempo util de instrução d'esta especialidade durante os dois annos, o maximo trinta dias, e esta instrução dada em Tancos, onde muitas vezes escasseiam os elementos necessarios para os instructores poderem dar uma instrução bastante desenvolvida em materia de electricidade.

Um dos maiores inconvenientes é o de alli tambem estarem sujeitos á nomeação do serviço regimental, isto não fallando nas celebres fachtinas que alli são precisas nomear quasi diariamente para serviço estranho á sua missão de telegraphista, o que muitissimo transtorna a sua aprendizagem.

Ou se hão de instruir como deve ser em todas as especialidades, o que para este fim seria necessario muito mais tempo, ou então sempre que sejam precisas para qualquer eventualidade, terão que recorrer á Inspeção dos Telegraphos Militares, e esta muitas vezes nem sempre terá pessoal disponivel para poder fornecer para se constituir as unidades de telegraphistas de campanha que tenham de entrar em acção.

Nos relatorios que procedem á realisação dos trabalhos finais, é esta instrução dada com grande aproveitamento, dando sempre lugar a grandes louvores aos instructores pela muita intelligencia, zelo e dedicação com que se houveram no desempenho d'essa missão, quando na realidade as mesmas praças apenas ficaram com uns pequenissimos conhecimentos de uma ou outra especialidade, o que não dá o sufficiente para por si só desempenharem o serviço da sua verdadeira especialidade e serem ao mesmo tempo responsaveis pelo serviço de caracter official sem terem depois uma pratica rigorosa de tres a quatro mezes consecutivos, agarrados a um aparelho morse ou a um heliographico.

Assim, com o tempo de seis mezes de serviço activo não recebendo os recrutados a instrução geral nou-

LITTERATURA

A MINHA MUSA

Fugiste! Que pesar, musa querida!
Tortura para sempre o peito meu
Uma tristeza ingente, indefinida...
Sem ti, musa ridente, o que sou eu?

Naufrago triste d'este mar da vida,
Não tendo, num horrisono escarceu,
O brilho duma estrela estremecida
Que nas trevas da noite se perdeu!...

Eras tu essa luz que me guiava,
Eras aureo fanal que iluminava
Desta vida o caminho tão tristonho!...

Eu sem ti já não tenho inspiração;
Fugiram do meu terno coração
As doces illusões dum roseo sonho!

Tavira.

LAURINDA SERYTRAM.

tra unidade mas sim no respectivo grupo, é de suppôr que toda a instrução seja dada muito apressada, pois que os referidos seis mezes deveriam apenas ser destinados a ministrar a instrução theorica.

As treze semanas mal chegarão para ministrar a instrução de infantaria e geral da arma, quando é certo, que todas as praças deverão receber uns certos conhecimentos de fortificação passageira, pontes improvisadas, inutilisação e reparação de vias ferreas, embarque e desembarque em caminhos de ferro e pela via fluvial e maritima, construcção de cosinhas e latrinas de bivaque, differentes systemas de bivaques e execução de alguns d'elles e que toda esta instrução é precisa para as praças da arma de engenharia e por isso as treze semanas serão muito insufficientes para se poder ministrar mais desenvolvidamente toda esta instrução de modo a ficarem com algumas noções dos trabalhos especiaes da mesma arma.

Além d'isso haverá ainda muitas sessões de instrução que serão passadas em palestras afim de lhes incutir no espirito as noções do dever, ordem, disciplina e obediência que constituem a verdadeira educação do soldado.

Restam ainda doze semanas que serão destinadas á instrução especial que para todos não será aproveitavel e que pouco ou nada ficarão sabendo a não ser algumas praças que já tenham alguns conhecimentos do serviço telegraphico e que aqui lhe possam ser uteis, attendendo a que continua a receber praças analphabetas.

Do contrario estas e outras pouco mais instruidas, findas as doze semanas pouco ficarão sabendo visto tratar-se de quatro especialidades por onde todas teem de passar, quer saibam ou não, para as quaes exige muito mais tempo de permanencia nas fileiras.

Tem depois em setembro mais duas semanas para repetição da instrução dada na escola de recrutados e para tomarem parte em exercicios de campanha com forças mixtas nas quaes se me afigura dizer que as mesmas praças apenas poderão prestar os seus serviços nos trabalhos

de construcção de linhas de campanha.

Seria um pouco mais dispendioso é verdade, mas por outro lado haveria grande vantagem para bem da instrução, conservar as praças alistadas ultimamente no serviço activo até ao dia 30 de setembro licenciando-as em fim de outubro.

Os mezes de julho, agosto e setembro seriam destinados a adquirir maior desenvolvimento no serviço telegraphico, telephonico e heliographico nas estações telegraphicas do Campo Entrincheirado de Lisboa.

Ainda para completar a verdadeira instrução da sua especialidade, torna se indispensavel mandar tambem differentes praças mais habilitadas no serviço telegraphico militar para as estações da Direcção Geral dos Correios e Telegraphos Civis, a fim de alli adquirirem certos conhecimentos do serviço telegraphico civil.

Em quasi todas as manobras que se teem realisado nos annos anteriores, tem havido sempre pelo menos um ponto da rede militar em communicação com a rede civil; e como nem todos os despachos entregues nas estações militares que tenham de ser transmittidos por intermedio das estações civis possam ser taxados como serviço official mas sim como serviço particular, é por esta razão que os telegraphistas militares precisam ter outros conhecimentos do serviço telegraphico civil.

Isto teria em vista evitar do futuro certas irregularidades que se tem dado nas mesmas manobras em que algumas vezes as estações civis em communicação com as estações militares terem perdido certas quantias provenientes de certos despachos que nunca poderiam seguir pela rede civil sem serem pagos e de varias questões sobre este assumpto.

Esta ultima parte provém quasi sempre de algumas auctoridades militares imaginarem que podem expedir despachos para toda a parte ainda mesmo que tenham de passar pelas estações telegraphicas civis sem estarem ao abrigo do regulamento que faculta ou não a sua expedição e os assumptos d'estes des-

pachos muitas vezes nada se relacionarem com o serviço militar mas sim puramente particular.

Comtudo, isto tinha em vista ter sempre pessoal habilitado para todo o serviço concernente á sua especialidade.

Em campanha a ligação da 1.ª com a 2.ª linha é feito na estação de junção onde funcionam conjuntamente duas estações telegraphicas, uma civil e outra militar.

Ora se em campanha todas as estações civis comprehendidas na zona de operações passam immediatamente a ser occupadas militarmente, logo é de toda a razão que o pessoal a empregar em toda a rede geral, tenha pratica naquelle serviço, pratica que só se adquire nas mesmas estações civis e com o respectivo serviço.

Uma outra vantagem superior para a nação seria a de no caso de haver uma greve com o pessoal da mesma direcção, o governo ter num dado momento pessoal habilitado para á primeira voz guarnecer todas as estações com telegraphistas militares.

Portanto se o Estado tem uma unidade de telegraphistas que lhe pode dar grande desenvolvimento na sua acção, a tenha sempre devidamente habilitada para acudir de prompto a qualquer eventualidade que possa acontecer neste paiz, a exemplo do que ainda ha poucos annos succedeu em França com o pessoal dos caminhos de ferro em eguaes circumstancias que tiveram de ser chamadas as reservas das unidades de caminho de ferro para guarnecer quasi toda ou parte da rede ferro viaria franceza.

Por ultimo direi que não dando uma orientação melhor da que tem actualmente o grupo de telegraphistas de campanha, desnecessario será cognominal-o de telegraphistas de campanha, quando na realidade é apenas uma unidade de engenharia com a missão de tropa de infantaria, por cujo serviço a sua maior preocupação é fazer guardas, rondas, etc., todo o serviço regimental.

A telegraphia militar não se pôde improvisar no momento de necessidade, o pessoal deve achar-se adestrado e os parques militares, devem conter o material adequado para este serviço especial.

(Continua.)

CASIMIRO RAMIRES.

2.º sargento telegraphista de campanha.

Batalhão Nacional

Conta da receita e despeza do sarau de 28 de agosto de 1911, em beneficio dos alistados pobres do Batalhão Nacional Republicano de Coimbra

RECEITA

Productos da venda de bilhetes	264,0050
Idem da rifa do retrato ex.º sr. dr. Theophilo Braga	19,0000
	<u>283,0050</u>

DESPEZA

Varias despezas	37,0150
Saldo entregue ao thesoureiro do Batalhão	245,9900
	<u>283,0050</u>

POSTAES ILLUSTRADOS—O que ha de melhor e mais bonito, só tem a Tabacaria União, Rua da Sophis, Coimbrs.

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

b) *Symptomas.* — Em geral são inoffensivos, mas casos ha em que provocam dôres abdominaes, prurido nasal, abatimento, ardencia dos olhos, cephalalgias, vertigens, accidentes nervosos variados e saindo do intestino, obstrucções biliares, vomitos, etc.

Todavia o signal caracteristico é com as fezes alguma ou algumas, ou com os vomitos.

c) *Tratamento.* — O unico remedio hoje usado e que é bom é a *santonina* que pôde e deve ser associado a um purgante e por isso as lenticulas vermifugas ou as entozoo-fugas são excellentes. — (Lenticulas entozoo-fugas, 1 tubo — Lenticulas vermifugas, 1 tubo.)

d) *Prophylaxia.* — Estes animaes, vivendo no intestino, ahí põem os ovos que saem com as fezes e, encontrando um certo calor e humidade que ha sempre na provincia em boas condições, germinam, e, sendo engulidos ou com os alimentos ou bebidas, vão infestar o intestino e d'aqui a grande abundancia dos taes parasitas na provincia.

D'aqui tambem se vê a necessidade de cuidar da limpeza das comidas e bebidas que se devem não deixar inquinadas pelas poeiras que podem levar os ovos d'estes parasitas.

3.º

ANKYLOSTOMOS

a) *Definição.* — São vermes cylindricos, de 6 a 18 millimetros de comprimento, tendo uma bôcca em forma de ventosa, armada de crochets com que se fixam fortemente ás paredes do intestino, sobre tudo no intestino delgado (duodeno.)

b) *Symptomas.* — Ao principio, não se notam symptomas nenhuns (um mez pouco mais ou menos), mas depois ha colicas, hemorragias intestinaes que nem sempre são constantes.

Em seguida começa a estabelecer-se uma anemia grave, cada vez mais accentuada, bem manifesta pela brancura da mucosa que forra as palpebras; fraqueza geral e abatimento profundo, oppressão thoraxica, cephalgias, palpitações, edemas, etc. Ha appetites extravagantes, como o de comer terra.

Porém o symptoma certo é o apparecimento nas fezes de algum ankylostomo ou de seus ovos, que só um tecnico neste ultimo caso com o microscopio poderá verificar.

c) *Tratamento.* — Quando a doença não está ainda muito adiantada em geral pôde curar-se. O remedio principal é o thymol.

(*Hostias anti-ankylostomicas:* — Thymol, 5 grammas — Colomelanos, 1 gramma — Licopodio, 3 grammas. — Misture e divida em 9 hostias ou capsulas de gelatina, guardando em vidro de rolha esmerilhada, um de quarto em quarto de hora, seguido de um purgante que deve de preferencia ser o de serne.)

Purgante de serne e maná. — Foliolos de serne, 15 grammas. — Aniz estrellado em pó grosso, 3 gram-

mas — Maná em sortes, 30 grammas — Agua a ferver, 150 grammas. — Deite o serne e o aniz na agua a ferver, como para fazer chá, espere uma hora, depois cõe por panno e exprima e dissolva o serne maná aquecendo levemente e mexendo. Por fim, filtre por pasta de papel ou salino.

Purgante de sulfato de sodio. — (Sulfato de sodio, 50 grammas — Agua, 200 grammas. — Dissolva a frio.)

d) *Prophylaxia.* — Estando hoje averiguado que esta doença se propaga pelas larvas que penetram atravez da pelle e se vão alojar no intestino, a prophylaxia deve consistir no seguinte:

As fezes dos individuos que teem esta doença devem ser desinfectadas a soluto de sulfato de cobre ou de ferro a 5 por cento ou ainda enterradas bem fundo (meio metro pelo menos)

Se forem para as fossas ou tanques septicos nada mais é preciso, salvo a desinfectação dos vasos (bacias) ou das roupas sujas.

Os cuidados da pelle, sobre tudo andando-se em contacto com a terra que pôde estar inquinada das larvas, devem merecer muita attenção, fazendo-se lavagens abundantes e minuciosas.

Não se beberá agua senão filtrada ou fervida.

(Continua.)

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

POSTAES ILLUSTRADOS. — Grande variedade, do que ha de mais moderno. — A venda no novo estabelecimento de tabacaria, loteria, papelaria e objectos de escriptorio, de Antonio Dias d'Oliveira Graça, Praça 8 de Maio, 45 — COIMBRA.

INTERNATO ESCOLAR

R. VENANCIO RODRIGUES
COIMBRA

N'esta antiga casa de educação e ensino, recebe o professor da Escola annexa á Normal, alumnos que frequentem o Lyceu, Escola Normal ou collegios, por preços rasoaveis.

Recebe tambem alumnas da Escola Normal, para o que ha casa separada e em boas condições.

Todos os alumnos darão referencias do seu bom comportamento.

Ha rigorosa vigilancia no estudo e comportamento dos alumnos.

O edificio, recentemente construido para este fim, possui excellentes condições hygienicas, e está situado no novo Bairro de Santa Cruz, quasi ao fundo das Escadas do Lyceu, e a pequena distancia do conceituado Collegio de S. Pedro.

Ha aulas de *Instrução primaria*, e de habilitação para *exame de admissão* á Escola Normal.

Préstam-se os esclarecimentos na Rua de Venancio Rodrigues.

João Pires da Silva

AGUA DE PIZÕES MOURA

A melhor de toda as aguas

Apreciada por toda a parte.
Isent. de substancias organicas.
Para uso diario e constante. Refrigerante inigualavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.º

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

IMPRESA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os moldes, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Bolões dourados. — Preços limitadissimos.

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

Rua de Ferreira Borges

COIMBRA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2,500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º • Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memuranduns, circulares, etc

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 163

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

O capitulo XIII do decreto de 25 de maio, trata da composição da Secretaria da Guerra.

Não pretendemos fazer uma analyse minuciosa e completa dos serviços que competem a esta Secretaria de Estado, mas simplesmente fazer notar o elevado numero de repartições que se crearam sem necessidade e salientar o facto de se encher a Secretaria da Guerra com officiaes da administração e secretariado militar.

A Secretaria da Guerra ficou composta de uma repartição de gabinete do ministro e de duas direcções geraes.

A 1.^a Direcção Geral comprehende 4 repartições e um archivo geral; a 2.^a Direcção Geral comprehende 9 repartições, um archivo geral e um conselho administrativo.

Uma d'estas repartições da 2.^a Direcção trata de assumptos que dizem respeito á engenharia; outra á artilheria; outra á cavallaria; outra ao serviço de saude; outra ao serviço veterinario; tres aos serviços de administração militar.

Como se vê, não existe uma unica repartição que trate dos serviços da infantaria, mas em compensação existem tres repartições para o serviço de administração militar.

Serão de muita importancia os serviços administrativos mas não o são menos os serviços que competem á infantaria, como por exemplo, os serviços de recrutamento e reservas, a instrucção militar preparatoria, a instrucção de tiro e carreiras de tiro.

Estes serviços estão espalhados por varias repartições da 1.^a Direcção Geral só para não serem entregues estes serviços a quem de direito pertencia, isto é, aos officiaes de infantaria.

Quer dizer a arma de infantaria foi mais uma vez prejudicada para contentar outras armas que raparam o que não lhes pertencia.

Assim á 1.^a Secção da 3.^a Re-

partição da 1.^a Direcção Geral competem os assumptos relativos aos serviços de recrutamento e passagens de um para outro escalão do exercito.

O chefe d'esta secção é um major ou capitão de qualquer arma. Porque se não tornou privativa esta secção da arma de infantaria, se esses serviços pertencem á infantaria, á semelhança do que se praticou com os serviços das outras armas?

Pois sendo estes serviços privativos de infantaria, não era naturalissimo que o chefe d'esta secção, fosse um official de infantaria?

A 2.^a Secção da mesma repartição, além d'outros assumptos, compete-lhe os assumptos relativos a bandas de musica.

As bandas de musica são privativas da arma de infantaria e o chefe d'esta secção é um capitão do Secretariado Militar!

Esta nem ao diabo lembra!
E' mais um caso de rapa!
Quem põe é a arma de infantaria...

A 2.^a Secção da 4.^a Repartição compete os assumptos relativos á instrucção militar preparatoria; os relativos a carreiras e campos de tiro, e sociedades de tiro civil.

O chefe d'esta secção é um major ou capitão de qualquer arma.

Como se vê os officiaes de infantaria foram corridos até mesmo dos serviços que lhes pertencem e que deveriam ser privativos d'esses officiaes.

Se n'essas secções existem outros serviços que não devam ficar a cargo de officiaes de infantaria, faça-se uma distribuição differente d'esses serviços, juntando n'uma unica repartição, todos os serviços que competem á infantaria, a qual ficaria a cargo de officiaes d'esta arma.

Ficariam as mesmas 4 repartições na 1.^a Direcção Geral, fazendo-se apenas uma distribuição mais racional e mais justa dos

serviços a cargo da 1.^a Direcção Geral.

Uma excepção é sempre escandalosa e n'um regimem de moralidade e justiça não se podem admittir excepções.

Todas as armas e serviços tem repartições na Secretaria de Guerra, dirigidas por officiaes d'essas armas e serviços, apenas a arma de infantaria fez excepção.

Assim a 1.^a Repartição da 1.^a Direcção e a 1.^a da 2.^a Direcção estão a cargo de officiaes do Secretariado militar; a 2.^a repartição da 2.^a Direcção pertence á engenharia, a 3.^a á artilheria, a 4.^a á cavallaria; 5.^a ao serviço de saude, a 6.^a ao serviço veterinario, a 7.^a, 8.^a e 9.^a repartições ao serviço da administração militar.

E esta injustiça é tanto maior quanto mais favorecida foi a administração militar que dispõe de tres repartições, sem que razão alguma justifique esse exagerado numero de repartições como mostraremos no proximo numero.

(Continua.)

31 DE JANEIRO

(Que taídores também houve algumas vezes.

LUSIADAS).

O leão escancarava as fauces para diglutar o tenro cordeiro indefezoz? Quem tinha por dever defende-lo, oprimia-o jesuitica e desumanamente!!

A Alma Portuguesa contorsia-se em fremitos de colera mal contida mas impotente. Impotente?

Não!

Então não estavam ali o capitão Leitão, o tenente Coelho, o alferes Malheiros, Alves da Veiga, João Chagas, Bruno, Vidigal, Cardoso, o Abilio, o Galho, e tantos outros?

Não estava ali, na Invicta, a tropa, a força viva da nação?

Não estava ali a guarda municipal de mãos dadas com aquela pleiade generosa e iroica, para remir toda uma patria escravidada e dominada pela quadrilha

«bragantina, de Jesus & comandita?»

Estava!

A lava atinjava já o nivel da cratera! Mais dia menos dia a erupção era inevitavel.

Como antidoto ao veneno que saturava os corações, as transferencias de sargentos, as preterições d'outros, sucedem-se vertiginosamente, qual torrente impetuosa lançando-se no abismo.

Os factos antecipam-se! Não se espera mais. E' no 31. Ha de ser. E veremos.

Era o que se ouvia a todo o momento nos cafés, nos jardins, nos teatros, nos quartéis, emfim em toda a parte da nobre cidade do Porto. As adesões da provincia e de Lisboa eram muitas e valiosas. Queriam apenas mais algum tempo para haver preparação e evitar fracasso.

Fracasso? E a guarda municipal? E a serra?

Brumosa madrugada aquela de 31.

Parece que a Natureza se comprazia em esconder com o seu denso nevoeiro os audazes moços que iam expôr as suas vidas pela sua causa, que era de todos, que era da Patria, a nossa querida Patria.

As portas dos quartéis abrem-se, os sargentos formam as suas companhias num silencio sepulcral, como quem vae para o funeral da «quadrilha.»

Um regimento sae comandado pelo sargento Abilio.

Tambem você me deixa, Abilio, a mim que era tam seu amigo, diz-lhe o comandante. Tambem eu, meu comandante, a não ser que v. ex.^a queira comandar o regimento para a revolução!!!

Sublime resposta!! Que estocidade, que desprezo pela vida, que abnegação!!

Ah! A razão e o direito quando imperam são uma força incomensuravel.

A manhã aproxima-se. Santo Ildefonso, Santo Antonio, Sá da Bandeira, Clerigos, Praça de D. Pedro, regorgitam de tropas, de elemento civil, todos numa furia doida, num sacrificio voluntario, para combaterem pelo seu Ideal, pela Republica!

Desfralda-se a bandeira verde-vermelha, o Simbolo d'uma era nova, d'uma crença, d'um feliz porvir. Nomeia-se governo provisório, juntas provisórias, proclama-se enfim a Republica!!

As lagrimas de satisfação inundam os olhos dos milhares de espectadores d'este facto sem precedentes na historia.

Despreocupação geral. E preocupação para quê? Não está ali a guarda municipal?

Que traidores também houve algumas vezes, disse o grande Epico.

Os «crachás» desnorteiam os espiritos.

O sonho dourado d'um penduricalho, um colar, uma fita azul, o piso das alcáttas palacianas, faz alijar o dever sacratissimo de cooperar na salvação da Patria. Os amigos d'ontem, os cúmplices de ha pouco, são os inimigos de já. Começa a ecátombe.

Fogo! Guerra sem treguas a esse punhado de criminosos que quer libertar o que de mais caro tem no mundo — a Patria.

Quem mata covarde e traiçoeiramente os bons, os generosos? — A guarda municipal, os cúmplices de ha pouco, os condecorados de amanhã!!

O numero vence o valor. A debandada principia, a justa causa perde-se, os cadaveres juncam o chão e depois... exílio, prisão, lagrimas affitissimas dos tenros filhinhos e das esposas amantissimas e o riso alvar brincando nos labios e olhos dos componentes da «quadrilha.»

O drama tem dois atos e o primeiro finalisou.

São volvidos vinte anos! Continuou o desterro e continuou a chantage e a prepotencia!

Comtudo a semente estava lançada á terra e havia de fructificar.

Raiou a madrugada de 5 de outubro e outro punhado de bravos impoz-se o dever de liquidar a quadrilha.

O nojento pardieiro monarchico cae pela podridão dos alicerces e não ha antisetico que o preserve. Está salva a Patria, está satisfeita a ambição, o Ideal do Povo.

Os generosos desterrados podem alfin gosar de novo a brisa fagueira do seu berço natal.

E vós, renegados, não vos queima qual ferro em brasa, essas asquerosas medalhas, quiçá cuidadosamente guardadas ao canto da mala, premio do perjurio?

Faz hoje vinte e um anos que se desenrolou o primeiro ato.

Temos entre nós quasi todos os bravos de então, queridos e respeitados pelo Povo. Falta-nos o capitão Leitão, a quem a implacavel morte não deixou assistir á realisação do seu ideal pelo

qual tanto lutou. Paz á sua alma.

Vivam os revolucionarios do 31 de janeiro!

Vivam os revolucionarios do 5 d'outubro!

Viva a Republica.

Braga, 31-1.º-912.

Carlos Beja da Silva,

Sargento ajudante de caçadores 2.

21 ANOS ANTES

Foi em 31 de Janeiro de 1891. Os primeiros rebates de uma revolução accordaram no Porto, a cidade do trabalho.

Emquanto a maioria dos portugueses se conservava numa apathia aviltante em frente da nação moribunda, emquanto na casa do rei era disputada a sua mão para ser beijada por labios criminosos e nas ruas se acotovelavam imbecilmente os bajuladores para lhe affirmarem o seu patriotismo (?) o Porto levantava o primeiro grito de Liberdade e sahia á rua para dizer a Portugal que nem todos tinham o direito de viver nessa apathia vergonhosa, nessa improductiva cobardia.

Foi bem aspero o resultado d'esse gesto patriótico. A perfidia d'alguns homens deu-lhe um successo ingrato e atirou com muitos portugueses para o fundo das masmorras d'slém-mar.

Emquanto apertavam as algemas nos pulsos dos heroes ornamentavam os peitos traiçoeiros dos delatores, inculcando lhes na consciencia o brilho da fidelidade (?) para o mandão da terra e os seus mandatários poderem, impune e livremente, extorquir a honra de Portugal em seu proveito.

E assim se viveu por alguns annos. O grilhão abafando a voz dos combatentes. A liberdade prostrada entre ferros.

Neste opprobrio e neste aviltamento sentia-se por cada puxão da grilheta o riso sarcástico dos condecorados; por cada sepultura aberta que recolhia um martyr da Liberdade um estremecimento de alegria na enxurrada dos tractantes.

Durou algum tempo esta gloria de criminosos, que foi alimentada pela ignorancia do povo até á madrugada de 4 d'Outubro de 1910.

Quasi 20 annos depois é que Lisboa fez o remate do movimento revolucionario iniciado no Porto e esphacelou, com verdadeiro triumpho, o regimen dos oppressores.

Quantos sacrificios se reuniram e quanto sangue se derramou por causa tão justa!

Está liberto, enfim, o povo de Portugal. E' preciso, agora mais do que nunca, que esse povo, com uma attitude firme e patriótica, garanta a Portugal a sua independencia e a sua autonomia. Qual deve ser, pois, essa attitude? A que fôr pautada pelos interesses da sua Patria e não pelas conveniencias dos homens. Não deixae que a vossa consciencia vá arrastada por palavras para o campo dos ambiciosos; conserve a antes na observação do que fazem os dirigentes do paiz e nunca optae por nenhum partido politico; se essa expectativa fôr aborrecendo e quizerdes de alguma forma ser util ao paiz, enfileirae-vos num só partido: o dos patriotas sinceros e independentes, o dos amigos desinteressados da Republica.

Nesse partido não se degladiam ambições nem se disputam popularidades — é o unico que não conhece chefes. Os que nelle estão filia-dos não teem reuniões, trabalham isolados, mas no mesmo sentido e com o mesmo fervor, para o bem da Patria e da Republica.

Partidos politicos constituídos por politicos e por quem vive da politica. Quando errarem, de forma a perigarem as instituições, os amigos da Patria e da Republica saberão eleminal-os com a mesma auctoridade e com o mesmo patriotismo com que em 31 de Janeiro de 1891 e em 4 e 5 d'Outubro de 1910 traçaram armas nas ruas do Porto e de Lisboa.

Transportemos o nosso espirito á recordação d'aquelle dia tão memoravel. A *Voz do Sargento*, representada por todos os sargentos amigos dedicados da Republica Portuguesa, e que nella labutam, presta a mais sentida e piedosa homenagem de respeito junto das sepulturas dos mortos do movimento revolucionario de 31 de Janeiro e saúda a invicta cidade do Porto, baluarte da Liberdade.

Gloria aos heroes! Paz aos mortos!
Viva a cidade do Porto!
Viva a Republica Portuguesa!

S. FERNANDES.

0 dia 31 de janeiro de 1891

Estamos no anno de 1912; e, pela solemnidade do dia que se commora, o 31 de janeiro de 1891, desperdicemos o tempo usual que nos occupa o estudo para a fatia de pão no futuro, e levemos o nosso pensamento até aquelle momento historico da malograda revolta.

1912!

1891!

Vinte e um annos!

Um grão de areia na ampulheta colossal do tempo! Mas para nós, os últimos modernizados na historia contemporânea de Portugal, qual quer coisa enorme a recordar o sacrificio de todos os momentos a que esta estóica nação se sujeitou, alguma coisa a lembrar o muito que se contém apagada, fingidamente, a luz divina da Liberdade consciencia, tudo o que nos faz meditar sobre o esmagamento brutal que derubou este povo rude e bom, sob a pata immunda dos cavallos, e a garra enluvada dos homens, governos da monarchia.

O que foi essa primitiva revolta na cidade do Porto, sabemos todos aquelles que teem vivido ainda que um pouco a historia de Portugal nestes últimos 25 annos. E se para grande numero, aquelle protesto popular representa a tradução dum ideal nobre e elevado, República, no meio da corrupção lamacenta, pestifera, e deshonrosa da forma governativa do momento, Monarchia, para outros, e nestes fico eu ainda hoje, elle traduz o fim dum estado mórbido e desesperado duma série de factos que a historia do tempo nos faz conhecêr. Elle não é uma revolução republicana; é um protesto de guerra do povo, e nomeadamente do liberal povo do Porto, que dirigido pelos fortes espiritos dos republicanos de então, se manifestou, e operou em determinado momento de maior crise.

Nisto fôram os republicanos sem-

pre sensatos: o sangue do povo que elles teem é da força do povo que elles se servem.

Mas aquelle fim, foi, sem elles o pensarem, só o principio; e, quero acreditá-lo, quando o espirito dos moribundos se debatia na agonia rápida, as balas inimigas faziam danno á sua crença nobre, que á própria carne donde o espirito se turvava e a energia faltava.

Se os mortos queridos, podessem voltar, gozár desta bemaventurança que nos trouxe o dia 5 de outubro, após 18 annos somente!

Mas, silencio. A hora não é de triumpho, mas de lagrimas.

Não ha hoje um grito de Liberdade, sangrando na luta dum grande ideal. O que existe apenas, e isso nos basta, é a saúde de todos os que pereceram. E' ao pranto de alguma velhinha que na frialdade do lar quasi extinto, se vai destillando gôttas a gôttas na face pergaminhada, pelo forte filho que lhe abalou de casa para a fileira, e... nunca mais voltou.

Non nemo.

31 DE JANEIRO DE 1912

Faz hoje 21 annos essa tragedia conhecida pelo nome de revolução de 31 de Janeiro, em que a Razão e a Força se debateram nas ruas do Porto com uma valentia e com uma audácia, que é só propria das grandes causas.

Quem venceu? A Razão.

O que houve foram apenas treguas de 20 annos, que a Força solicitou da Razão. E' que esta vence sempre e desde logo, porque, quanto mais ferida estiver, mais se engrandece; o que pôde somente tardar, é o direito de vencedora.

Houve mortos, houve feridos, houve condenados. Quem o permitiu? A lei sempre fatal dos movimentos de que pôde surgir o alguma coisa do util e do necessario.

Assim é a Vida desde que há homens: para se conseguir um fim utilitario e justo, sacrifica-se a existencia. Foi o que se fez, e é como procedem os individuos para quem a Vida é mais alguma coisa do que nonchalance e materialidade.

Se não fossem esses mártires, verdadeiros precusores da Republica, talvez que ainda hoje não podessemos divisar esse fóco illuminador da Liberdade, que Ella representa.

Eles foram como que os obreiros dos alicerces, e nós os do edificio. Mas se a nós nos pertenceu a obra de mais destaque, a elles competiu lhes a obra de mais sacrificio, aquela que mais vitimas fez, aquela que demandava mais arrôjo, aquela em que se careciam mais esperanças.

E' que os tempos eram outros e as condições da sociedade portuguesa ainda muito diversas. Havia um republicano por cem monarchicos. Era uma desproporção elevada de mais, para calcular exitos de victoria imediata.

Os mártires foram pois mais do que mártires: foram heroes, d'esses heroes temerarios e desinteressados, de que a historia nos regista por vezes exemplos atravez dos tempos, e que quando os lêmos, além de sentirmos pulsar por elles uma admiração e um respeito de comoção e de sinceridade, sentimos também a ufania de sermos como elles foram: — Portuguezes!

J. A. Gomes.

Cartas a Antonio Rodrigues

I

Tenho ocultado, meu presado amigo, no mais recondito da minha alma a magua profunda, mesmo o desespero cruciante que sinto em face dos atúaes acontecimentos politicos.

Nem a fleugma caracteristica dos americanos poderá, talvez, suportar em segredo o que eu, solitariamente, tenho soffrido.

Por isso meu caro amigo, porque não posso estar mais tempo sob o dominio d'um silencio atraz e torturante, eu vou pôr em duas mal redigidas linhas todo o meu pensar e todo o meu desalento ao ver naufragar no mar das ambições mesquinhas uma esperança que durante muito alimentei.

E note, meu amigo, que não encontrará nestas cartas que me propuz escrever-lhe a minima sombra de vaidades pessoalistas feridas, nem de sectarismo insatisfeito.

Ha-de vêr, sim, um patriota descrente d'uma felicidade que tanto tempo desejou para o paiz e que vê fugir, evolar-se, submergir no mar das dissidencias do personalismo cego a derradeira esperança de uma era de paz e de progresso, ou, então, de uma morte gloriosa e altiva...

Quando se proclamou a Republica estava eu gravemente enfêrmo.

Nem eu julgava que pudesse resistir a essa doença, que me reteve no leito nada menos de 14 mezes e 5 dias!...

Nesse outubro de 1910 tinha a minha doença attingido a gravidade, por assim dizer, maxima.

Dia a dia, hora a hora se esperava um desenlace fatal.

Comquanto eu, ás vezes, ainda quizesse illudir-me a respeito do meu estado de saude, conhecia perfeitamente que, dentro em poucos dias, deixaria de ser vivente, e não me lamentava...

E' verdade, meu amigo, não me lamentava; ainda que o meu amigo o não queira acreditar, eu digo-lh'o com sinceridade.

Eu tinha então 18 annos, — que havia de completar a 18 de novembro — e é facil de crêr que um homem nesta idade, quando antevê, em sonhos de visionario, um futuro ridente e dourado, não acha das coisas mais lindas marchar d'esta para melhor...

Emfim, eu tinha as minhas rasões para não ver a minha vida futura, caso eu não morresse, pelo prisma das illusões dôces.

Não porque eu temesse alguma coisa do mundo ou dos homens, porque nem de um nem de outros eu tinha atraído sobre mim as iras, mas... vamos adiante...

Ah! mas deixe-me tambem aqui dizer-lhe, meu presado amigo, que tambem não era porque a minha vida tivesse qualquer ponto negro — não, e quem me conhece o dirá melhor de que eu o deverei dizer.

Mas dizia eu que estava gravemente doente quando em 6 de outubro de 1910, me levaram a noticia que se tinha feito a Republica.

Calcule o meu amigo a alegria que eu, republicano, senti, a despeito do meu estado de saude, nesse dia, quando aos meus ouvidos chegou a noticia do advento do meu ideal.

Parece que o que os remedios me não puderam ou não quizeram fazer o fazia essa noticia, portadora da maior da minha vida!

Só quando me casar a sentirei igual!...

As manifestações de jubilo e entusiasmo da população d'esta nobre e bela Coimbra, chegando até a mim, faziam agitar tumultuosamente o sangue das minhas arterias, que me escaldava.

Era uma patria que revivia, e eu, patriota humilde mas ardente, que ria juntar á expansão de jubilo do Povo uma alegria ilimitada.

Com o ultimo fumo saído das armas revolucionarias, eu via desaparecer, envoltas na nevoa negra dos seus crimes, os ultimos representantes da dinastia brigantina, levando, como séquito as maldições d'um Povo e o sorriso amarelado dos resignados.

A Patria já não era, para mim, a imagem do soffrimento, o moribun do andrajoso e cadaverico, nos paroxismos da agonia, estatelado nas

lages frias e humidas d'uma caverna miseravel.

Ah! não! agora ella aparecia rejuvenescida, forte como as rochas graniticas, olimpica, invulneravel, despedindo scentelhas de luz e crença.

A duradoura tempestade havia passado emfim, e o sol occidental já não viria, triste, iluminar as pacientes ovelhas, mas sim juntar á alegria d'um povo digno a sua aurifulgente luz.

As estrelas tambem viriam mais scintilantes, como que querendo dar o exemplo de despertar do seu sono apático o nosso glorioso Portugal.

E foi no meio d'um turbilhão de ideias belas que eu, meu bom amigo, adormeci nesse dia inolvidavel da minha vida...

Quanto eu era optimista disse-m'o o decorrer do tempo.

Accacio Serra.

TRISTEZA!

Ao Albano Correia Napoles

No teu olhar doce e vago
Ha lampejos d'ironia,
Como no luar turvado
Por nuvens de ventania...

Se no altar da capella
Existe Nossa Senhora;
Tambem nesse teu olhar
Existe a luz redemptora,

Existe na minha vida
Uma invisivel prisão;
Quem me detem n'est'abrigo
São laços d'um coração

Deus fez a noite de tranças
Com geito t'as foi roubar...
E da luz dos olhos teus
A luz branca do luar!...

Figueira da Foz—Villa Verde

Eduardo Tudella

Falta d'orientação

Nós que sempre tivemos por habito, de imitar certos costumes, dos povos d'algumas nações, nunca conseguimos dar maior realce em taes usos, que fossem de utilidade.

Muito haveria que aproveitar se seguissemos pelo caminho porque varias nações tanto nos fazem lembrar, pela felicidade dos seus povos decerto, pela protecção que o governo lhes dispensa. Mesmo no velho continente, faz nos inveja essa felicidade.

Porque é tão feliz o povo hollandez, o suiso e o belga além de muitos outros? Nesses paizes, aos operarios garante-se o trabalho; soccorre-se a infancia e a velhice, todos se preparam para a lueta pela vida, por isso a miseria e a indigencia, quasi se não conhece.

Se formos ao operario inglez ou allemão, buscar alguns exemplos, observamos que elle não tem a propensão de andar constantemente pelas ruas a dar vivas a pretexto de qualquer acto menos solemne, gastando a ultima moeda em foguetes e outros artificios, sem proveito para ninguem.

O inglez, povo activo e trabalhador, nunca esquece que o tempo é dinheiro, e por isso bem orientado, as suas industrias prosperam e as emprezas são sempre bem succedidas. E' que, sendo um povo modelo, abstem-se dos vivas, manifestações e mensagens, que entre nós parece ser uma doença chronica.

Usando da ampla liberdade que a propria lei do seu paiz lhe concede, não abusa d'essa liberdade, sabe respeitar a auctoridade e comprehende que a mesma lei é recta, porque não admite excepções. Que differença d'orientação relativamente á nossa!

E' certo que habitos velhos não se mudam de um dia para o outro, mas tambem é verdade que, entre nós, mais alguma coisa se podia ter feito. Continua-se com a mesma tendencia da oratoria, sem insistirem porém, de que o commercio, a agricultura e a industria precisa de protecção, pois que podiamos exportar, quando importamos e que o paiz podia produzir em abundancia, o pão e a carne, como produz o vinho.

Não resta duvida de que o nosso paiz podia ser fertil; a Natureza assim o dotou para tal fim.

Existem, creio bem, muitos pro-

blemas a resolver, mas o primeiro, deve ser o da protecção ao proletario, porque afinal o que pede é trabalho.

De facto, de dia para dia é maior a crise em todas as classes; o numero dos sem trabalho augmenta, e cada vez custa mais a vida. Estes são os verdadeiros successos, posto que nem sempre se deva attribuir áquelles a quem está entregue o governo d'um povo. Muitas das vezes são crises devidas ás épocas, e que se podem observar noutro qualquer paiz. Mas o que não devemos é guardar para amanhã o que se pode fazer hoje; pois é mister repellir o habito antigo de «quem vier que trabalhe».

Que se cuide da infancia e da velhice tão faltas de amparo, e os validos, que é todo o povo que produz e trabalha, tenha em vista que os vivas ou as arruaças não fazem parte da divisa — *Ordem e Trabalho*.

Lisboa, 18 de janeiro de 1912.

J. Soares d'Almeida
2.º sargento d'engenharia

Por engano de paginação foi deslocado do respectivo logar, o resultado das eleições da 2.ª secção da Fraternidade Militar, a que em seguida damos publicidade:

2.ª secção — Direcção

Cabos — Benjamin dos Santos Lopes, 213 votos; Fernando d'Oliveira, 208; Alfredo Flavio Paes, 151; Affonso Dias, 145; Francisco dos Santos Galhardo, 137; Francisco Alves, 90.

Soldados — Manuel Dias Ferreira d'Azevedo, 139 votos; Isidoro Gomes Carneiro, 108; Armando Ayres, 79; Anthero Carreira de Freitas, 60; Justino d'Oliveira Simões, 54; Agostinho Nunes da Costa, 53.

Assembleia Geral

Cabos — Adrião Jorge André, 23 votos; Abilio Salles Martins, 23.

Soldados — Hermenegildo Adelio Vieira Saraiva, 21 votos; Joaquim Dias d'Abreu, 21.

PLACARD

Terminando com o presente numero, o 1.º anno da sua publicação *A Voz do Sargento*, e havendo ainda bastante srs. assignantes com a sua assignatura em atrazo, vimos mais uma vez rogar lhes a fineza de enviarem a esta redação, em estampilhas ou vales do correio, as suas importancias em debito.

Aos nossos assignantes de Angola, Lourenço Marques, Timor e India, pedimos para liquidarem as suas assignaturas, o que podem fazer por vale do correio, notas do Banco Ultramarino ou ordens de pagamento, nesta cidade.

Recebemos e muito agradecemos a importancia de suas assignaturas por um anno dos srs. Alberto de Abreu Couceiro, 1.º sargento d'infanteria, Chibia; Manuel do Couto Martins, 2.º sargento d'infanteria, Mossamedes.

A de um semestre dos srs. Joaquim Ferreira Mata-fome, sargento-ajudante de artilheria 8; Estevão Strol, musico de 3.ª classe d'infanteria n.º 26; João Moniz de Sá Borges, 2.º sargento de artilheria, Ponta Delgada; Francisco Simões dos Santos, 1.º sargento de infanteria, Benguella.

E a de um trimestre do sr. Manuel Pombo, selleiro-correio dos caminhos de ferro de engenharia.

CARTAS D'ALÉM MAR

PADRES

Ao Rev.º Padre José Manuel Pires,
Campo Maior — João B. Pessoa,
1.º sargento do 12 — Guarda.

O que são e que logar occupam os padres?

A parte rarissimas excepções, são uma raça objecta, intrigante e intransigente que jámais cessou e cessa de perseguir d'um modo rancoroso e odiento, todos os que escudados com a sciencia tentam desmascaral-os e oppôr-se a que a sua obra nefanda e retrograda, que ha 2:000 annos nos subjugua e avilta com os seus mysterios, admiravelmente urdidos, vá ávante!

O logar que occupam todos o sabem, sentados no throno da ignorancia e ameaçando esta com prodigos e chimericos castigos, tem caminhado atravez dos seculos de mãos dadas com a nobreza — sua unica alliada — até nossos dias.

E' incontestavel que estamos num seculo em que o progresso assombra o mundo e que a sciencia diffunde os seus raios de saber por toda a parte do orbe, tambem é incontestavel que não ha uma só nação que se reja por leis de ha 500 annos, por estar provado á evidencia que as leis que então eram uma summidade, são inadaptaveis hoje e, todavia, essa seita retrograda que tão perneciosa tem sido á humanidade, ainda não modificou as suas e como nos primitivos tempos rege se por ellas em pleno seculo XX, o que é um absurdo de paralogismo inadmissivel, por ser contraria á razão.

Ha! Mas a sciencia e o progresso, como o clero e nobreza, caminham a par, e, um dia virá em que offuscando-os com os seus raios luminosos e vivificantes os confunda num só — a Igualdade.

A religião a adoptar-se deve ser apropriada aos progressos da sciencia e da civilisação, sem o que em breve irmanará com as suas congeneres mythologicas, e isto, pela razão de que embora os principios adoptados ha mil annos fossem excellentes, são detestaveis hoje, porque um homem não póde retrogradar 10 seculos!

Timor, 10 — X — 911.

Augusto Leonardo Rodrigues
2.º sargento d'artilheria

Infanteria n.º 23

Fraternidade Militar

Direcção da 1.ª secção. Lista dos mais votados: — Augusto dos Santos Conceição, 42 votos; Lourenço d'Almeida, 42; José Pires da Cruz, 41; Eduardo Augusto de Sousa, 41; Julio Lopes Custodio, 41; Flaviano Henriques de Miranda, 36; Tubal Filipe da Trindade e Silva, 35; José Pereira, 33.

Assembleia geral: José Augusto da Cruz Vaz, 38 votos; Firmino da Silva, 38; José Filipe de Campos, 37; Fernando Ribeiro dos Reis.

Batalhão Voluntario

Teve exercicio na Insua dos Bentoa, no domingo passado, sob o commando do sr. alferes Casimiro.

«O Futuro d'Alcanena»

Recebemos a visita d'este bem redigido collega, com quem gostosamente vamos permutar.

Balancete de 1 a 31 de Janeiro de 1912

DESPEZA

Composição e impressão dos n.ºs 49 a 53.....	30\$500
Expediente gasto com os mesmos numeros.....	14\$385
Cobrança postal.....	1\$670
Somma.....	46\$555
Saldo positivo.....	50\$495
Somma.....	97\$050

RECEITA

Saldo antecedente.....	35\$550
Recebido como consta do n.º 51.....	48\$600
Idem, idem do n.º 52....	9\$000
Idem, idem do n.º 53....	3\$900
Somma.....	97\$050

Ao Sr. Ministro da Guerra

Mais uma vez nos pedem para chamar a attenção de s. ex.ª para o caso de os clarins usarem um distinctivo igual ao dos musicos.

Não seria possivel ordenar outro distinctivo, para evitar que um simples clarim se possa confundir com um bom musico?

Formatura do recolher

Quando veio o auxilio para rancho, houve duvidas se sim ou não devia ser abonado aos equiparados por a circular só tratar de sargentos.

Porém essa duvida foi esclarecida e eis os equiparados no goso da mesma regalia.

Com a dispensa da formatura do recolher não se poderá ter dado o mesmo caso?

Ao sr. Ministro da Guerra pedimos para que se digne tornar extensiva aos equiparados essa dispensa que em nada prejudica o serviço e a disciplina.

Cremos não haver necessidade que um musico tenha de abandonar sua familia para vir ao quartel, muitas das vezes debaixo de chuva, dizer — *Prompto*, e depois sahir para sua casa.

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

POSTAES ILLUSTRADOS. — Grande variedade, do que ha de mais moderno. — Á venda no novo estabelecimento de tabacaria, loteria, papelaria e objectos de escriptorio, de Antonio Dias d'Oliveira Graça, Praça 8 de Maio, 45 — COIMBRA.

AGUA DE PIZÕES MOURA

A melhor de todas as aguas

Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA.
Para uso diario e constante. Refrigerante inigualavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

Rua de Ferreira Borges

COIMBRA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2\$500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º • Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memuranduns, circulares, etc

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

IMPRESA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districts de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.



A VOZ do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600 »
Numero avulso, 30 reis

ANNUNCIOS — *Preços convencionaes*

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

O NOSSO 1.º ANNIVERSARIO

Com o presente numero entra *A Voz do Sargento* no seu segundo anno de publicação, o mesmo que dizer: E' passado um anno de trabalho!

Sim, é passado um anno que nos abalançámos a atirar para publico o nosso modesto semanario, que se não tem tido uma vida coroada de louros, tem ao menos sabido cumprir com honestidade o seu programma.

E' pois para nós uma satisfação esta data, e maior satisfação ainda em podermos afirmar com convicção que não ha ninguem que, com verdade, nos aponte qualquer falta.

Propozemo-nos defender os interesses dos sargentos e equiparados, pugnando por tudo quanto fosse Bello e Justo, e isso temos feito, embora muitas das vezes tenhamos de lutar contra qualquer arremço.

Nunca trepidámos ao receber cartas anonymas ultrajantes á classe. Archivamol-as para a nossa historia...

Se os nossos fins não têm satisfeito tanto quanto era nosso desejo, cabe-nos ao menos a satisfação de termos a nossa consciencia plenamente tranquilla, porque o nosso trabalho foi e será sempre honesto.

Na impossibilidade, pois, de contentar *tout le monde et son pere*, limitemo-nos á aspiração modesta de escrevermos segundo

a nossa consciencia e diminuta intelligencia. Em todo o caso estamos certos de que quem nos lê deve ter percebido a boa vontade que sempre tivemos em acertar.

E' justo dizer-se aqui que muito devemos aos nossos colaboradores, porque sem o seu concurso nós nada poderíamos fazer, pois que para tanto nos falta *engenho e arte*.

A Voz do Sargento nada nos deve, porque para retribuição do nosso trabalho bastam-nos as bençãos dos contemplados. Foi pouca a beneficencia, bem sabemos, mas d'isso não somos culpados...

Ao registarmos com prazer a entrada d'*A Voz do Sargento* no seu segundo anno de publicação, aqui reiteramos os nossos reconhecimentos aos nossos colaboradores e assignantes que tão cavalheirosamente nos têm auxiliado nesta cruzada tão santa como esta: *Socorrer os desprotegidos da sorte*.

A Voz do Sargento além de ser um órgão da classe, é um benemerito dentro das suas poses. Isso tem demonstrado nos seus balancetes mensaes.

As suas columnas estão sempre á disposição de todos os sargentos e equiparados, e continuará sempre na derrota de tudo quanto fôr contra a justiça.

Sigamos, pois!

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Não vemos razão alguma que justifique a existencia da 6.ª Repartição da 2.ª Direcção Geral a qual tem a seu cargo o serviço veterinario.

O serviço veterinario no nosso exercito não tem tão grande desenvolvimento que exigisse a creação d'uma repartição especial para esse serviço.

Pois não seria bastante que

este serviço ficasse a cargo d'uma secção que se augmentava á 4.ª ou 5.ª repartição.

Em 1902, uma das repartições do ministerio da guerra prussiano abrangia 6 secções. A 3.ª secção da cavallaria tratava da organização da arma, do serviço veterinario, escolas militar etc.

Na Austria, a 3.ª repartição do ministerio da guerra, trata dos

assumptos de cavallaria, trem, remonta e serviço veterinario.

Evidentemente que não podemos comparar o desenvolvimento do serviço veterinario nos exercitos prussiano e austriaco com o nosso. Propositadamente escolhemos estes dois estados, que são os que possuem uma cavallaria mais numerosa, para evidenciar bem que os nossos legisladores procuram quasi sempre arranjar muitos nichos para protigidos, muitas vezes com manifesto prejuizo do serviço.

Está a 6.ª repartição n'esse caso, e por isso entendemos que se deve suprimir, augmentado uma secção á 4.ª ou 5.ª repartição, como já dissemos.

A 7.ª 8.ª e 9.ª repartições tratam dos serviços administrativos. A 7.ª repartição está dividida em 3 secções, a 8.ª em 2 e a 9.ª constitue unicamente uma secção.

Nota-se já aqui que estes serviços administrativos foram bem *espremidinhos* para chegarem a tres repartições.

Em todo o caso sempre se fez sobrar um serviço das outras repartições para se crear a 9.ª repartição.

A melhor critica a esta 9.ª repartição é fazer a transcripção do artigo 219.º que diz:

A 9.ª repartição compete:

1.º — Fornecer ou facilitar os precisos meios de transporte para o pessoal, animal e material do exercito, quando lhe sejam requisitados ou superiormente determinados.

2.º — Liquidar com as companhias ou direcções dos caminhos de ferro e empresas de navegação as contas dos transportes por ellas fornecidos.

E mais nada! E só para isto se criou a 9.ª repartição!

Porque se não transforma esta repartição n'uma secção da 8.ª repartição?

A tal 9.ª repartição é tão rachitica que para o serviço d'ella, apenas são destinados dois officiaes de administração militar!

Seria a creação d'esta repartição um pretexto para augmentar mais um official superior ao quadro dos officiaes da administração militar?

E ao passo que se inventam repartições e comissões para a administração militar, o artigo 186.º dispõe no seu §º 1.º que, de cada concelho administrativo das unidades ou estabelecimentos, faça parte *em regra*, um official de administração militar.

Em regra? Sempre, é que deve ser!

Pois pode admittir-se que a administração militar se apodere do serviço e comissões que lhe não pertencem e deixe de desempenhar os que lhe competem nas unidades, obrigando por causa do tal *em regra*, que os officiaes das unidades sejam forçados a desempenhar serviços que são privativos da administração militar, prejudicando assim a instrucção e educação das tropas?

Não lhes bastou os officiaes do quadro auxiliar de engenharia e artilheria para os substituir no commando das tropas de equipagens, ainda querem tambem ser substituidos pelos officiaes das outras armas, quando *em regra* não sejam collocados nas unidades para fazerem parte dos conselhos administrativos?!

Damos em seguida o numero de officiaes por armas e serviços, que compõem as diferentes repartições da secretaria da guerra, com exclusão dos ajudantes e officiaes de reserva, para melhor salientar a injustiça feita á arma de infantaria.

Generaes 2; engenheiros 3; artilheria 2; cavallaria 2; quadro auxiliar de engenharia e artilheria 2; medicos 3; veterinarios 3; administração militar 18; secretariado 22; das diferentes armas 10.

Como se vê, não ha mencionado um unico official da arma de infantaria!

Simplemte phantastico!

E enquanto o regulamento de remonta determina que os officiaes da administração militar, medicos e veterinarios escolham montada permanente antes dos officiaes de infantaria, o novo regulamento tactico d'esta arma diz, talvez por ironia, que a infantaria é a arma principal dos exercitos, a quem incumbe a mais importante missão no combate!

Como é triste ver tão desprezada a arma mais importante e mais numerosa do nosso exercito!

(Continua.)

UM ANO DEPOIS

Faz um ano que viu a luz da publicidade o nosso pequeno mas altivo semanario.

Sem reclamos espaventosos, nam orientando o seu proceder nesta ou naquela corrente de opinião, como sõem fazer aqueles que só da insidia vivem, trazendo como rubrica «*Pela Patria e Pela Republica*» tem caminhado desassombadamente por esta senda espinhosa da vida, satisfazendo plena e cabalmente os seus fins.

Dirigido por esse camarada que é Antonio Rodrigues, a quem nam tenho a honra de conhecer, mas cujo character honrado e altivo se revella no jornal que tam superiormente orienta, tem-se afastado de polemicas estereis, as quaes só têm um fim—cavar a discordia e a desunião entre a classe—e assim tem saído incolume de todos os transes; porque a Verdade e a Justiça nam sam palavras vãs e porque na classe dos sargentos portuguezes ha muito amor por as suas divisas ganhas sempre com honra e muitas vezes com inornes sacrificios, como os d'esses camaradas que vam servir nas nossas possessões ultramarinas.

O nosso jornal atravessado o primeiro ano da sua existencia, porque a nossa classe sabe o que quer e para onde caminha, sabe qual o estado financeiro do nosso paiz, nam é destituida de senso e por isso tem sido sobria no pedir, visto que a Republica Portuguesa está acima dos interesses de qualquer classe, seja ela a mais prestimosa, a mais necessaria ao funcionamento da grande engrenagem de que Ela é resultante.

Antonio Rodrigues tem posto ao serviço da *Voz do Sargento* todas as suas faculdades de trabalho e de intelligencia, semeando o bem com os lucros que o mesmo trabalho tem produzido.

Nas columnas do seu jornal ainda camarada algum foi ofendido, se bem que para o campo das retaliações tenha sido arrastado.

Por este dia, que para ele representa decerto um dia como o do anniversario de uma pessoa muito amiga, lhe envia um abraço o mais modesto e obscuro dos colaboradores de *A Voz do Sargento*.

A um outro distintissimo camarada — Bento da Silva Fernandes — cujos escritos sam li-

ções para todos nós, um outro abraço por este dia.

Elvas, 1912.

Manuel Antonio Vieira

1.º sargento do grupo de metralhadoras 4

MEU PRESADO AMIGO

Deixar de te escrever neste dia em que é comemorado o 1.º anniversario do teu jornal, seria faltar a um dever que nem tu me perdoarias e até mesmo eu não perdoaria a mim próprio.

E' que o dever nem sempre é a obrigação imposta pelas convenções sociais; é muitas vezes, como agora succede, a expressão intima e significativa duma espontaneidade que, ou traduz amizade, ou traduz simpatia.

Endereço-te pois, como testemunho dêsse affecto, as minhas sinceras felecitações. Recebe as por ti e pelo teu jornal, com a dedicação que te merecer, e lembra-te que as não tens mais sinceras, o que afinal muito bem se explica.

Eu tomei como tu o encargo de darmos vida a um jornal de classe. Reúnimos para isso os nossos esforços (que não foram pequenos) e o jornal nasceu e cresceu. A certa altura muitos dos amigos do neófito (permite-me este termo de comparação) começaram por exigir que fizéssemos dêle o que me pareceu não convinha por modo algum que se fizesse.

Queriam-no de pistola em punho, ou como diria o grande épico Camões: ameaçando a terra, o mar e o mundo. Não podia nem devia ser. Para tudo se quer um meio termo: «*est modus in rebus*».

A creança tinha sido creada para ser educada e nunca para ser belicosa. D'aí, e pela insistencia que era bem uma impertinencia, nasceu o meu desânimo por continuar a assumir responsabilidades tão fora do proposito que nos tinha induzido a empreza.

A minha arrépsia portanto em tal conjuntura, seria faltar às minhas próprias determinações.

Sair, era o que se me impunha!

Tu então, mais resignado do que eu, dominado por uma imperiosa força de vontade, soubeste encarar a questão um pouco pelo lado da indiferença, e conseguiste assim tirar dela o partido da conciliação, de que aproveitaste ainda hoje manter ao jornal os seus créditos de correção e honestidade, que muito nobilita o teu character. Mas não sei qual de nós procedeu com mais acerto. Isto pela simples razão de que tu continuaste sendo jornalista, e ser jornalista é talvez uma das emprezas mais cheia de dissabores. Eu infelizmente experimentei o; é por conseguinte a minha auctoridade de experiente que me sugere este considerando. Não é facil nem mesmo possivel estar com todas as opiniões por mais nestéricas que sejam as que êsses jornais expendam; e as opiniões estranhas nem sempre são cordatas; por vezes são irrasciveis e desconchavadas.

De modo que se corre constantemente o risco de andar pela boca da critica esmordaçado como qualquer criminoso ou como qualquer ferrabrás.

A intolerância dos homens tem dêstes patomanias, que é preciso conhecer-lhas.

Esta vai já talvês um pouco fora da marca da etiqueta, por fastidiosa que se vai tornando.

Repito, para terminar, as minhas

felicitações pelo primeiro anniversario do teu jornal, a que ambiciono um futuro longo e prenhe de prosperidades; e oxalá que todos os teus amigos e assinantes saibam compreender as nobres intenções que te animaram, auxiliando-te nessa nobre crusada, de defesa pelos interesses justos da classe a que pertences, e de humanidade para com as victimas do infortunio, que indirectamente lhe dizem respeito.

Coimbra, 31. de janeiro de 1912.

J. A. Gomes

Cartas a Antonio Rodrigues

II

Algum tempo depois de proclamada a Republica, surge-nos esse heroe lendario, maluco e preverso, que se chama Paiva Couceiro, querendo que lhe entregassem o governo do Paiz.

Um bocado de compaixão do illustre ministro da guerra do governo provisório pelo estado mórbido de loucura mística do bandido, deixando-o em liberdade, deu azo a que êle abalasse para a fronteira, onde tem dirigido a celeberrima comedia que alguma dôr de cabeça nos deu, emquanto não precisamos claramente que o *grande Cretinetti* e a sua troupe não passavam d'uma quadri-lha de bandoleiros que, debaixo do nome de conspiradôres e acolhidos com um bocadinho de complacencia generosa da parte da Espanha monárquica, teem dado, segundo se consta, bastantes dôres de barriga aos lavradôres arraianos.

O que é certo é que esse aventureiro, com a eterna ameaça da incursão, deu-nos, já por diversas vêzes, o ensêjo de mostrar a identificação sublime que existe da parte do exercito e armada com a Republica.

A primeira vez, quando o illustre ministro da guerra chamou á atividade as forças da 1.ª reserva, viu-se como os reservistas acolheram essa chamada, não chegando a faltar 3/10, o que é simplesmente admiravel e unico em casos d'esta naturêza.

O governo provisório, lutando com inúmeras dificuldades, proseguia, no entanto, animado pelo estímulo da alma nacional, de cuja possuia a adesão aos homens que o compunham.

Fizeram-se leis, e puzeram-se em execução leis que, feitas por alguns ministros liberaes monárquicos, dormiam o sono dos justos, porque á monarchia não serviam, isto é, tanto podiam servir á monarchia como á Republica, mas que não se compatibilisavam com os manejos reacionarios e retrogradados d'aquela.

No numero d'essas leis uma se erguia, altiva e magestosa, mãe do progresso liberal, eman-

cipadôra e justa, moralisadôra e altruista — a da separação do Estado das egrejas.

Começa a inveja, a intriga; surgem desilusões...

Mas ainda não é tempo, — e julgo que não havêmos de chegar a esse extrêmo — de balbuciar o — Salve-se quem puder!...

No entanto, meu caro amigo, os amargos de bôca já não têm sido poucos...

ACCACIO SERRA.

"A Voz do Sargento," e os sargentos seus colaboradores

A ampulheta do tempo um ano marca hoje d'existencia para este mavortico hebdomadario que é *A Voz do Sargento*.

Mavortico lhe chamo eu, não só pelo seu titulo militar, mas ainda por ser ele quasi exclusivamente colaborado por profissionaes dessa arte guerreira de que é Marte o mitologico representante.

Por vezes os meus democraticos jaquetão e chapéo de feltro de civil, tambem se vem misturar entre os dolmans e os kèpis desses profissionaes.

Mas nem estes se sentirão deslocados ao pé dum civil, nem um civil como eu se poderá sentir deslocado ao pé de militares.

E' que hoje, com a Patria redimida pela Republica, todos nós somos, militares e paizanos, os mesmos cidadãos com os mesmos direitos e os mesmos deveres civicos.

O que poderia talvez parecer deslocado, eram os insulsos e deslavados versos que têm constituído a minha colaboração neste jornal, ao pé da prosa vibrante como notas de clarim, ou como imperativas vozes de baioneta, que costuma ser tantas vezes a prosa em que esses militares pugnam pela justiça da sua causa.

Mas nem assim eu me sinto deslocado, porque não consta que Marte e Apollo se tivessem alguma vez tornado incompativeis, antes parecem terem sido sempre amigos e companheiros nas esturdias do olimpo.

O que poderia haver, é perigo que os srs. sargentos, em regra muito namoradores, se puzessem a fazer pé d'alferes á minha Musa.

Mas disso não tenho eu medo algum.

A pobre é uma creatura tão engoiada, e desengonçada, e tão coxa do pé do ritmo, que, francamente, os senhores sargentos que caíssem em tal, só provariam oom isso ser dotados d'um sentimento da estetica por demais esquipatico.

De resto o Rodrigues, que é o dono da casa, e que é um rapaz casto como uma vestal... de barbas, nunca consentiria poucas vergonhas dessas a dentro do lar do seu jornal.

E já agora que comparei o Rodrigues a uma vestal, não deixarei passar o ensejo, que aqui se me oferece, de o cumprimentar pela maneira como ele tem sabido, sem desanimo, manter sempre até hoje o fogo sagrado da sua *Voz*.

E, amigo Rodrigues, tenha cuidado em não deixar apagar esse fogo por culpa dalguma negligencia sua, se não quizer merecer ser enterrado

vivo, como se fazia ás antigas vestes romanas.

Lembre-se que o seu jornal tem por lema *Patria e Republica*, e é o defensor strenuo da classe militar dos sargentos, que é, incontestavelmente, aquella que tem estado sempre na vanguarda de todos os mais belos movimentos democraticos do paiz.

E, para confirmação deste asserto, desnecessario se torna irmos folhear as austeras paginas da Historia.

Basta lembrarmos nos dos movimentos insurreccionaes do 31 de janeiro e de 4 d'outubro.

Na madrugada gelida e nevoenta do 31 de janeiro são sargentos como Amoinha Lopes, Augusto Salgado, Abilio de Jesus, e outros de que me não recordo agora, quem se põe á frente da Revolução, ou toma nela os mais arriscados postos; e no 4 d'outubro, são ainda Sangre-mann Henriques, Pimentel, Ernesto Feio, Manuel d'Oliveira e outros, emfim, d'igual heroismo, quem mais concorreu para o exito dessa Revolução que, pelo seu triumpho, logrou sacudir a Patria do seu letargo, e substituir ao rictus d'amargura dos seus labios a florida graça d'um sorriso d'esperança.

Ora tendo assim o seu jornal um tão sagrado lema como é o de *Patria e Republica*, e uma tão bella missão como é a de pugnar pelos interesses duma classe a quem a Patria e a Liberdade tanto devem, justo é que ele tenha uma vida tão longa quanto, pelo menos, seja necessario que ele viva para satisfação integral de tudo quanto constitua a usta aspiração dos sargentos.

Isto equivale a dizer, um pouco eufemisticamente talvez, que desejo á *Voz do Sargento* uma bem longa vida, pois as regiões do poder, são o contrario das regiões celestes. A estas nunca chegam vozes de burro, e ás regiões do poder são essas as que, em regra, mais depressa lá chegam. Essas e as daqueles que têm a espinha dorsal tão flexivel como a de qualquer palhaço de feira.

Ora os sargentos colaboradores deste jornal, como de resto os mais sargentos, tem provado, em regra, não só terem já uma nitida e intelligente comprehensão do seu papel militar e social, mas ainda aquella altivez de carater dos homens que se não dobram á conquista dum favor ou duma justiça.

E só pouco a pouco, eles irão assim escalando a fortaleza dos seus direitos.

Joaquim Gomes

LAMENTAVEL

Os lamentaveis acontecimentos dos ultimos dias vieram provar a falta de bom senso ou a malvadez de alguns agitadores que compellido para a greve o operariado, põem em grave risco a segurança do paiz.

De qualquer maneira que os acontecimentos se encarem, não se pôde deixar de notar a sua ineportunidade.

Se realmente o motivo da greve geral foram os acontecimentos de Evora, a União do Syndicato foi precipitada em a decretar, sem o conhecimento exato das occorrenças que não legitimam o procedimento d'esses grévistas; e o governo fez muito bem em usar da violencia porque nunca se deve deixar

atacar impunemente a liberdade de trabalho.

Se a greve geral, foi decretada por indicação de monarchicos ou sustentada com dinheiro da reacção, o governo deve procurar a mão oculta que se move na sombra e castigar sem piedade todos os traidores.

Se a greve geral é como se diz, filha da monarchia, deve o governo proceder com toda a energia, porque só a repressão energica e violenta quebra e despedaça a temeridade e a ousadia.

Não se julgue por isto que não tenhamos simpatia pelas doutrinas de Kropotkine, Tolstoi e outros grandes espiritos.

Essa simpatia possuímo-la e cremos até na realisação completa d'esse ideal sublime, num futuro mais ou menos proximo; mas custa-nos que esse ideal de solidariedade e amor seja enlameado com os estilhaços d'uma bomba que rebenta sem motivo nem justificação na praça publica.

Porque realmente, os anarquistas, só por malvadez ou mancomunados com a reacção podem usar de violencia em Portugal.

Não pôde ser de maneira alguma para implantar já neste paiz a emancipação social.

Primeiramente, porque o nosso povo, atrazado como está, analfabeto na sua maioria, não tem a minima comprehensão do que sejam ideias modernas e torna-se por isso completamente impossivel implantalas com exito seguro.

E depois sendo nós uma nação pequena, as grandes nações não consentiriam na existencia d'um paiz anarquista que seria um continuo foco de lutas internacionaes.

Portanto, qualquer movimento anarquista, não pôde ter outro fim que não seja o de prejudicar Portugal.

O ideal anarquista deve primeiramente estabelecer-se numa nação poderosa para não ser afogado logo á nascença.

E quando isto succeder, Portugal far-se-ha, facilmente anarquista, mas hoje é impossivel.

Para que serve pois esta continua agitação este desassocego permanente?

Não é com armas nem com bombas que um ideal progride!

Gaste-se, na instrucção do povo, o tempo que se desperdiça na arruaça; atraiam-se as creanças á escola e não se lhes semeie o caminho de explosivos; difunda-se o sentimento do amor por toda a parte e esse grande ideal natural e lentamente se implantará por si no coração de todos.

E então, um pequeno choque fará o resto, mas hoje é cedo, muito cedo ainda.

2 - 2 - 912.

CARLOS VICTOR.

UM ANNO QUE PASSOU

A *Voz do Sargento* tem cumprido honestamente o seu programma.

Conta-se que, na descoberta do caminho marictimo para a Índia, todas as manhas se levantava do convés das caravelas este brado, que na passagem do momento se traduzia em uma prece, escapada na vastidão do mar immenso, oração á luz, de fortes peitos:

— Bemdito seja o Sol, que vem nascendo!

Pois, facto singular, passados quatro séculos, o espirito humano na voz sonora duma virtude rara, a gratidão, ergue do peito justiceiro á infinita bellêza da vida, este grito immaculado do trabalho:

— Bemdita seja a Luz, que nasce da verdade!

Abençoada seja. Porque o homem, neste corpúsculo nêgro do espaço, é o germen da Razão e do Progresso.

Impolluta seja. Porque da razão humana se ha de criar a força nova que derrubará a brutalidade do passado, e do presente ainda, regenerando a purêza da Verdade e da Justiça.

Sagrada seja. Porque do conhecimento da verdade resalta a perfeição da consciência, illimitando a Liberdade e o Pensamento.

Nesta velha nação de heróis, navegadores e espadachins, a revolta lateja sempre funda ao evocar as paginas do passado; e nós, modernizados cegamente, sentimos mais a morte das glórias que passaram do que praticamente a procella da vida em que a acção do momento nos collocou. Não ha porém desesperança nesta verdade éthnica; pois ella é apenas o produto da orientação pedagógica que sempre normalizou todo o nosso ensino.

Eu mesmo assim fui educado, e talvez... vexado, até aquelle momento em que, educado pelos outros senti a coragem intellectual de ensinar aos outros a prática racional e útil ao momento da existencia; o resto, é um peso relativo no equilibrio das nossas funções sociais.

Eduquemo-nos pois pela prática do nosso tempo para a obra da perfeição; preparemo-nos pela consciencia de homens honrados para a procella do dia de amanhã; generalizemos, finalmente, o pão espiritual que conquistámos num intenso, persistente trabalho de todos os dias, e ao sulco fundo da roda do Progresso ajuntemos o esforço pessoal da nossa sciência, da nossa bondade, e ao fim, e o meu coração me segreda que não virá longe o termo, teremos dado á gélida natureza dos campos, o grito amoroso das papoilas tingindo os trigais em flôr, á pobreza degradante dos pequenos commércios nacionais, a riqueza honrada do oiro que tudo compra e tudo vende, á parestia esmagadora da industria, a alavanca poderosa da iniciativa, creando, desinvolvendo, fructificando por toda a parte a Historia de sete séculos desta sagrada terra que uma revolução modernizada tornou ainda mais querida aos olhos de portugueses.

Mas, pergunta-se a todo o instante, quem ha de construir este novo estado social?

Quem?... ninguém; mas havemos todos o trabalho para elle, ou haveremos sem elle a perda da nossa independência.

Não se vive eternamente na miséria.

Regenere-se a familia, generalize-se a escola, e ter-se-ha a sociedade reformada, ou melhor, uma nova sociedade portugueza.

E dos factôres organizados que mais têm contribuido para a regeneração lenta que se vai operando nesta sociedade de séculos, o jornalismo occupa o mais alto lugar. Elle preparou os espiritos para a revolução que libertou esta Patria, e

tem continuado a generalisação da sementeira.

A terra é ingrata; mas ainda é mais ingrato o meio desordenado porque elle tem seguido suas paixões: a politica.

A politica que resolve tudo, e que é ainda o producto da má orientação dos espiritos rebeldes, ou... interesseiros.

Mas, o joio é pouco. A opinião dos portes mantém-se na leva progressiva daquelles que aos interesses da República antepõem as necessidades da Patria.

Non nemo.

"A Gazeta dos Correios,"

Entrou no 2.º anno da sua publicação, este nosso collega que se publica no Porto, órgão defensor dos interesses dos empregados dos correios portuguezes.

A todo o corpo redatorial os nossos cumprimentos.

Tem estado bastante doentes, razão porque nos não tem mimoseado com a sua bella collaboração, os nossos amigos C. Figueiredo e F. Pinto.

Um abraço pelas suas melhoras.

O 1.º anniversario da "Voz do Sargento,"

SAUDAÇÃO

Faz hoje precisamente um anno que o intrepido jornal *A Voz do Sargento* se apresentava pela primeira vez aos seus constituintes, saudando-os como filhos d'uma patria liberta, em brilhantes artigos, superiormente dirigida pelo seu proprietario sr. Antonio Rodrigues, que tem hoje um lugar de destaque na classe a que me honro de pertencer.

Este jornal, que tão briosamente prestou o seu juramento no primeiro dia que veiu á luz da publicidade, tem mantido sem tergiversar, impolutas as suas catheticas affirmações de intrepido defensor dos interesses da classe e equiparados.

A sua divisa—*pela Patria e pela Republica*—tem sido cumprida franca e lealmente. Jámais adversou alguem que fosse amigo da nação portugueza e das instituições vigentes. Jámais deixou de aconselhar prudencia e união na classe que tão sincera e desinteressadamente defende, quando vê que uma pequena borrasca pode pôr em desalinho a invencivel força de tão numerosa collectividade. Jámais descançou um momento em pugnar pelo bem estar dos que á sua defeza confiaram os seus direitos postergados pelos canibae famintos de sangue e de vidas, que foram despedaçados a tiros de canhão. Jámais deixou de attender aquelles que bateram á porta da sua redacção quer fossem amigos ou adversarios da sua orientação, accetitando de bom grado os seus clamores quando elles por revoltantes injustiças são aniquilados.

Cumprindo como tem cumprido o seu programma, não resta duvida que este jornal devia chegar ao terminus do primeiro glorioso anniversario da sua publicação como reservados lhe estão de futuro largos annos de existencia para serem exaltados no intimo d'aquelles que prezam e amam, e melhor sabem quan-

to vale um jornal de classe que sem vaidade e desprezado de excellencia, abraça com toda a jovialidade as exposições dos seus constituintes.

Só não apreciarão este valor aquelles que costumam bater á porta da imprensa burgueza, que tem os seus cofres abarrotados d'ouro e os donos envergam trajes de brocados, de chapéu na mão desfazendo-se em upas e excellencia, implorando a publicação d'umas miserias linhas para chamar a attenção d'estes ou d'aquelles senhores que fingem não ver ou ouvir os rogos dos que tem tanto direito á vida como elles.

E para que nós, camaradas, arremessassemos as camandulas que nos prendiam as mãos e nos convenciamos de que já hoje não é licito inscrever nas lapides dos mausoleus, onde se espera dormir o somno inquebrantavel, como faziam os Cesares romanos antes da morte lhe extirpar o ultimo alento da putrida existencia: — aqui jaz Octavio Augusto, Imperador de Roma e Senhor do Mundo! — porque o fausto dos grandes senhores ha de baquiar pelo alastramento das ideias sociaes. Não consentirão ellas mais que a sociedade faminta e ultrajada torne a lembrar com rancôr ou saudade: — Oh! Quem comesse como o rei Assuero e fôra enterrado como Herodes!

— Assuero deu banquetes que duraram cem dias. Herodes depois de morto foi depositado em um leito de ouro recamado de perolas e pe-

dras preciosas; o corpo do monstro estava vestido de brocado de ouro, e a pequena quantidade de cinco mil carpideiras acompanharam o tumulto; porém aquelles lamentos, aquellas lagrimas, compradas com o ouro das victimas, não levaram ao céu o verdugo.

Este sol que hoje aquece o solo da nossa Patria é o sol vivificador da França que veio até nós e que outr'ora rompeu as trevas em que jazia o povo d'aquella grande nação e torrou no cadafalso as cabeças dos Luizes. Este sol doado pelos ideaes modernos e que nós com tanto amor guardamos porque nos ha de servir de directriz para alcançarmos em breve tempo um ideal mais Puro! um ideal mais Santo!

E para que este sol não se eclipse e nos esmaguem de novo os grandes senhores, é de toda a conveniencia termos a nosso lado um órgão defensor que nos sirva de porta-voz nas nossas aspirações.

Evidentemente demonstrada está a importancia d'um jornal de classe e os outros serviços que *A Voz do Sargento* tem prestado; eu, nestas desataviadas garatujas venho render-lhe o meu preito de homenagem pela commemoração do seu primeiro anniversario, desejando-lhe como é dever, largos e jubilosos annos de existencia, saudando o seu proprietario e illustres collaboradores. Vizeu, 31 — 1 — 912.

Carlos da Costa Figueiredo,
2.º sargento d'infanteria 14

LITTERATURA

GALANTEIO

Certo cravo, primor da natureza
Vendo exceder-se aos outros do jardim,
Disse á Aurora:

— «Injusto é tal beleza
Nascer, crescer, florir, morrer assim!»

«Mereço mais que o vaso d'um salão;
«Tenho sêde de beijos, de carinhos;
«Quero reinar por sobre um coração
«E não morrer assim, só entre espinhos!»

Pois de manhã, o cravo foi cortado
E a sorte destinou-lhe o peito teu.
Mas o vaidoso fez-se envergonhado,
Córrou, churrou, murchou, depois morreu!

Sabes dizer-me porque tal vaidoso
Perdeu assim tão cêde o seu frescôr?
E' que junto d'um rosto tão formoso
Teve vergonha a tão vaidosa flôr.

CARLOS VICTOR

BREVES CONSIDERAÇÕES

Só com uma resignadissima tolerância se pode hoje ouvir sem um formal protesto, êsse marulhar constante e desenfreado duma parte da nossa sociedade, nas suas conversações politicas, e que constitue positivamente o seu *dilectantismo*. Não é o caso dum estudo resultante duma observação meticolosa e consciante pelos actos da vida publica official, porque se o fosse, nós teria-

mos ou de fazer causa commum ou de nos quedarmos respeitosa, mente perante o poder dessa investigação, aliás muito honrosa para os seus protagonistas. Não é isso. E' antes o espirito duma critica expellindo odio, inveja, veneno, represália. E' ainda o espirito de deturpar os factos e de propagar atoardas de todo o jaêz, pulverizadas de fétidas cogitações caluniosas. E' ainda também o efeito lamentavel de prosápias mal contidas de quem procura ser onisciente e não passa dum pobre insciente. Pois que juizos e

que comprehensão poderão fazer certas creaturas dessa obra soberba de grande e de reformadora da República, se os seus cérebros nasceram tacanhos e os seus espiritos são tão frageis que a luz do Progresso os combustiona?

Miseraveis pela preversidade que os deprime; miseraveis pela estupidez que os desqualifica; miseraveis pela pequenez da sua sensibilidade moral.

E são estas creaturas assim possuídas ou duma nímia malvadêz ou duma manifesta pobreza de discernimento e de sentimentos liberaes, que são todos aquelles que são justos e nobres, que atraçoam e maldizem a obra da República!

Felizmente que Ela, de modo activo e sereno, avança sem trepidações no caminho da Honra e do Dever, sem dispensar a esses biltres a confiança que é devida aos homens de Bem, e castigando, quando a isso é obrigado, com uma firmeza que a torna crédora de toda a confiança e que só a conceitua aos olhos de quem a deseja ver progredir e florescer.

J. A. Gomes.

SONS QUE PASSAM

Os insignes autores do *D. Jaime* e do *Noivado do Sepulcro* que tanto apoteotizaram esta frase, podiam muito bem te-la substituido por *Tempo que passa*.

Um dia d'estes, casualmente despreocupado do espirito, sinto bater á porta e lá vou eu (creado de mim mesmo) saber quem tinha a ousadia de me vir importunar ás 10 horas da madrugada. Aibro a porta e deparo com um distribuidor que com a delicadeza que lhes é tão peculiar, me entregou um jornal.

Algo zangado, subo a escada, com pouca tenção de abrir o papel, mas a curiosidade que já fez pecar a nossa mãe Eva, também me fez pecar.

Sentó me numa cadeira polida com assento de madeira e deparo com o n.º 1 de — *A Voz do Sargento* — jornal que se propunha defender os interesses da classe, com palavras bonitas, longo programma, etc.

Descrente de tudo e de todos, ri-me com a brincadeira e deixei passar em julgado.

Ponto final.
Ali acima digo *um dia d'estes*, e deparo agora com o n.º 53 do mesmo jornal que annuncia ser o 54 já o primeiro do segundo anno. — Tempo que passa. — Um anno, ou sejam doze mezes, ou sejam cincoenta e duas semanas, ou sejam trezentos sessenta e cinco dias de trabalho insano, de desgostos, de obstaculos, que só a força de vontade, mas vontade de ferro, inabalavel, que nada teme como quem tem a consciencia do dever cumprido, pode resolutamente transpor.

Lembrei-me do meu riso de ha um anno e penitencio-me pela irreverencia ou descrença. A linha de conduta manteve-se, os interesses da classe foram tratados sem paixões e o medico assistente prognostica ao neofito uma longa vitalidade sem alleijões de qualquer especie.

Regosijando-me com tal prognostico, faço votos para que ele não falhe, n'esta epoca de corrupção que atravessamos, e que o Supremo (para o tempo quem será?) nos deixe dizer alguma coisa da nossa justiça, no n.º 106.

Um abraço de congratulação ao Director, e um pedido dos poucos que faço: Nada de desanimo. Labor omnia vincit.

Braga — Fevereiro de 1912.

Carlos Beja da Silva,

sargento ajudante de caçadores 2.

31 de janeiro

A corporação dos sargentos d'infanteria n.º 35 e grupo de metralhadoras n.º 5, de commum accordo com os habitantes de Santa Clara, festejaram o 31 de janeiro, havendo á noite musica e fogo preso.

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colysen
LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfectos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

IMPrensa ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

que lhe é devido, fosse qual fosse a cathogoria.

Em parte era de esperar; cheio de promessas e que as bombas eram a *artilheria civil* para a sua defeza, agora procederam como d'antes os aconselhavam. Adeante.

No meu fraco entender devem ser severamente punidos todos os agitadores e propagandistas das grêves e não venham para cá certos jornaes dizer, que a estas horas o operariado deve ter reconhecido que a violencia não foi proveitosa para a sua classe, e que o governo deve proceder com moderação para restabelecimento da harmonia social.

Mais moderação ainda? Infelizmente no nosso paiz quem faz a opinião publica, são dois ou trez jornaes politicos que nem sempre procedem como devem. Creio que o governo sabe muito bem o que tem a fazer, por isso é de esperar que mande para bem longe o escoria da sociedade, custe o que custar e dê a quem doer. Isto depois de feito o inquerito e se na rede foi encontrado algum operario honesto e bom chefe de familia, que se deixasse arrastar pelos maus companheiros, que se lhe perdôe e lhe sirva de lição.

Que se dê pois, caça aos vadios e rufias, que são os que vivem do assalto e do lupanar, e só assim a capital voltará a ter o socego e a harmonia que tanto precisa, e para o paiz poder merecer a confiança, afim de poder girar o dinheiro que está guardado pela incerteza inconsistente em que temos vivido, fomentada pelos maus patriotas.

De contrario caminhamos para... o Egypto, pois nos devemos lembrar da desgraça que seria a perda da nossa patria!

Seriam elles depois mais felizes?

Faz pena recordar que a maioria do nosso povo se manifeste por uma forma tão incorrecta.

Nós que já dêmos leis e novos mundos ao mundo, que fomos tão grandes num paiz tão pequeno, respeitado e admirado em toda a parte do globo; nós, «O grande povo do Occidente», como diziam os indios, os persas e os chinezes, e que pelo trabalho e esforço tanto nos admiravam, não deviamos dar motivos para que as outras nações nos considerem um povo sem ordem.

Que pensem bem nisto aquelles que tenham o orgulho de serem portuguezes e de possuir uma historia que nos dá immortal renome.

Sejamos pois bons patriotas, e se não for para nós o bem estar que assim possa advir, que esse bem estar seja para os nossos filhos.

De contrario somos um povo perdido.

Lisboa, 3 de fevereiro de 1912.

J. Soares d'Almeida
2.º sargento d'engenharia

“A Humanidade.”

Com este titulo começou a publicar-se em Coimbra um bem redigido bi-semanario, que tem como director o sr. José Donato, e como redactor principal o sr. dr. Gustaf Adolf Bergstrom.

Agradecemos a visita e desejamos ao novo colega uma longa vida cheia de prosperidades.

LITTERATURA

SOLTOS HARPEJOS

O teu sorrir de ternura
Fascinante, encantador,
Se é alegre traduz ventura,
Se é triste, traduz amor.

Se tu sorrís satisfeita,
Sem ter no peito amargura,
E's como a rosa que espreita
No prado entre a verdura.

Se sorrís quando estás triste,
Envolta em melancolia,
E's violeta que existe
Tão perto da terra fria.

Se quando a brisa flutua
E tu sorrís descuidada
E's como a palida lua,
Como a luz da madrugada.

Mas quando do teu sorrir
Sou eu o unico enleio
E's a estrela do porvir
Pela qual eu sempre aneio!

CARLOS VICTOR.

Ao sr. ministro das colonias

(TRECHOS D'UMA CARTA)

.....
Antes de terminar esta carta peço ao digno camarada que interceda no nosso jornal perante o ex.º ministro das colonias, um republicano verdadeiro e de rija tempera, para que termine de vez a perseguição infame de que estão sendo victimas os nossos camaradas da Companhia de Saude d'Angola e S. Thomé e Príncipe, (no numero dos quaes me honro de enfileirar) e ao serviço de enfermagem do hospital de Loanda, da parte do respectivo director, que tem a audacia e o arrojo de intitular-se *republicano do 31 de janeiro*, perseguição esta desde que foram expulsas do referido hospital as *Santas Irmãs de Caridade*, cuja *benemerencia e caridade* praticadas aqui, davam bem uma syndancia feita por um homem austero e imparcial, que se não movesse a manejos reaccionarios, que tanto apoio encontram nesta desgraçada terra, onde, de Republica, só ainda chegou a nossa querida bandeira e o hymno nacional.
.....

Cartas a Antonio Rodrigues

III

A lei de separação foi acolhida pelo Povo portuguez entusiasticamente, porque ela encerra em si todo o viver risonho e florido d'uma sociedade que quer emancipar-se.

A' vista de tal entusiasmo os bispos portuguezes, comquanto intimamente estivessem envene-

nados pelo odio contra ela e o seu autor, julgaram conveniente retrair os seus sentimentos rancorosos.

Um, mais audacioso, o bispo do Porto, Antonio Barroso, soltou o seu grito de rebeldia, de que não teve senão de arrepende-se.

Mas deixemos esse pobre bispo, castigado justamente pelo ministro da justiça do governo provisório, e analisemos o que se estava passando, ao mesmo tempo, dentro dos arraiaes republicanos.

Afonso Costa, possuidor já d'una grande popularidade, grangeada á custa d'um trabalho insano, trabalho d'um escarpelizador das podridões da politiquice monarchica, como o escandalo do Credito Predial, tratado do Tansvaal, Hinton, etc.—Afonso Costa, com as suas leis, impoz-se ao Povo como o primeiro estadista da Republica, o homem de que o paiz não podia, nem pode prescindir.

A inveja germinava no cerebro de muitos, mas tratavam de a esconder intimamente.

Afonso Costa faz-nos mal, muito mal...

Eis o pensamento latente dos invejosos.

Passado algum tempo, vêem as eleições de deputados.

Foram elas o primeiro golpe manejado pela mão dos inimigos de Afonso Costa contra ele.

Gente nossa! Gente nossa!...

O Directorio do Partido Republicano impõe candidaturas.

E eis, meu amigo, como os inimigos de Afonso Costa conseguiram a maioria na assembleia nacional Constituinte.

ACCACIO SERRA.

IMPRESSÕES

Num folheto denominado «Telegrafia otica» ha dias distribuido ao exercito, vem determinado na sua primeira parte «organização de pelotão» que o official comandante do mesmo seja nomeado entre os subalternos do regimento habilitados com o curso da arma.

De ha muito que os officiaes habilitados com o curso da escola do exercito constituem, segundo eles supõem, como que um escalão no nosso pequeno meio militar; de ha muito que os officiaes oriundos da classe dos sargentos vêm sofrendo uma situação deprimente, se bem que, na escola central de sargentos tenham sido obrigados a fazer da noute dia, para satisfazerem á elasticidade do respectivo programa; de ha muito que os officiaes praticos são olhados, pelos seus camaradas teóricos, com uma sobranceira, que, triste realidade, a pratica não justifica e que de forma alguma se harmonisa com os serviços que uns e outros desempenham.

E' certo que o nosso official pratico nam possui aquela fina *verve* que só se obtém numa mocidade sem cuidados pelos nossos liceus e um certo aprumo, que só uma longa permanencia em Lisboa, gastando as hombreiras dos cafés do Rocio, proporciona. Nam se apresenta carregado de diplomas, porém, em compensação, tem um largo tirocinio na vida das armas, cheia de responsabilidades e espinhos para todos que vestem uma farda, mas, muito principalmente, para quem a segue por essas ingremes etapas que vam desde o posto de soldado ao de official.

A par d'esta longa pratica, o nosso official (ex-sargento) possui também habilitações suficientes para o desempenho nam só de commandante de um pelotão de telegrafistas, como para cabalmente desempenhar todas as funcções de official de infantaria.

Que o digam os srs. capitães Oliveira e Reis Silva, instrutores na antiga Escola Pratica de Infantaria, que o diga o capitão do estado maior de artilheria, Ferreira da Silva, distintissimo professor de telegrafia e fisica na escola central de sargentos, se a alinea a) do programma do curso da mesma escola, nam habilita suficientemente, qualquer official pratico, para o comando de um pelotão de telegrafistas de infantaria.

Para que estas parcialidades entre officiaes da mesma arma?

A sociedade portugueza está elevada de preconceitos de castas, nas quaes impera esse espirito gregario, que nos fragmenta, de forma que a resultante de todas as forças que a compõe não tem aquela intensidade que todos os bons portuguezes desejam.

Se a pratica demonstrasse (o que nam é evidente (a falta de instrução do official pratico, organisasse-se um curso no qual essa falta fosse suprida, mas nunca desconsidera-lo ante o exercito e o paiz (que a to-

dos paga com iguaes vencimentos) apresentando-o como incompetente para o desempenho de determinados serviços julgados necessarios para o bom funcionamento d'esta grandiosa maquina chamada a nação armada.

Nós bem sabemos que muitas faltas de consideração que os nossos ex-camaradas sofrem, sam originadas por eles; porque, muitas vezes, alguns cujos dolmans acessam ainda os vestigios das divisas, se esquecem por completo de que foram sargentos, dando-se a um *snobismo* algo ridiculo e que nada justifica; e outros, felizmente poucos, carregando e desconsiderando o camarada de ontem, sem notarem que a eles se desconsideram.

A meu ver, o comando dos telegraphistas devia ser dado a quem fosse mais competente; porque o estudar e o saber nam é, felizmente, apanagio só de quem tem o curso da arma.

Elvas, 28 de janeiro de 1912.

Manuel Antonio Vieira

1.º sargento do grupo de metralhadoras 4.

QUESTÕES MILITARES

CAPITULO V

Organização de uma esquadra de postos opticos

Nos regulamentos provisorios de instrucção especial dos telegraphistas de campanha, elaborados na escola d'applicação da arma de engenharia e por elles se tem dirigido sobre a composição das esquadras de trabalho, se tem reconhecido para melhor regularidade do serviço de communições entre as diferentes unidades em campanha, de ser creada officialmente uma esquadra de postos opticos, unica e simplesmente destinada ao desempenho do serviço optico e que tão bons serviços tem prestado em exercicios de conjuncto a titulo de experiencia.

Ha quatro para cinco annos que os graduados teem reconhecido a sua grande utilidade, pois que são elles que lhes compete desempenhar esta missão de serviço e por este facto teem reconhecido bastante em não ter sido ainda creada officialmente a respectiva esquadra, tendo ao mesmo tempo apresentado alguns alvitres para a sua organização e até hoje ainda não foi estudada a sua constituição em material e composição de pessoal para guarnecer os diferentes postos opticos que a cada secção de telegraphistas de campanha é dado estabelecer.

Fornecendo cada secção de telegraphistas de campanha quatro postos opticos, sendo dois com heliographos Mauces e dois comapparelhos Maugin e quatro com bandeiras de signaes ou mais, se a grande necessidade de communições assim o exigir durante o dia, e quatro com lanternas de signaes e dois comapparelhos Maugin durante a noite, o que seria de toda a conveniencia ter um pessoal certo para o desempenho d'este serviço.

Succede que sempre que se falla neste assumpto, ouvirem-se as palavras sacramentaes — havemos de ver e hei de pensar nisso.

A telegraphia optica tem um emprego conveniente nas communições dentro das divisões, especialmente nas ligações entre os postos avançados e nas ligações eventuaes durante o combate.

Póde comtudo ser utilizada para reforçar uma ou outra communição sempre que o tempo o permita ou que careçam do material de telegraphia electrica ou telephonica por estes terem sido distribuidos.

Comquanto tenha como principal inconveniente o de exigir uma atmosfera limpida e o sol descoberto, não deixa de não prestar principalmente durante a noite, muito bom serviço a transmissão optica nocturna quando as distancias não sejam superiores a oito kilometros para as lanternas de signaes e vinte a vinte e cinco para os apparelhos Maugin, pois que serão estes os meios de communição que poderão lançar mão durante a noite no caso de faltar a telegraphia electrica e telephonica.

Ainda para a sua constituição torna-se necessario que seja adquirida uma viatura especial do formato pouco mais ou menos das da secção destinada a transportar o material necessario para o estabelecimento dos mesmos postos opticos e bem assim alguns dos heliographistas e signaleiros da respectiva esquadra, visto que estes vão sempre armados e equipados não podendo por forma alguma transportar para distancias superiores a cem metros, os apparelhos Maugin, por cujo facto excede a cincoenta kilos divididos por duas ou tres praças além do peso do seu armamento e equipamento.

Assim tambem seria de toda a conveniencia para bem do serviço e da disciplina que seja tambem adoptado na mesma secção um meio de transporte *taes como cargas a dorso* para conduzir os ditos apparelhos a sitios por onde as viaturas não possam transitar, como por exemplo em terrenos montanhosos ou em sitios onde haja obstaculos difficeis de transpor.

Serviriam para este effeito uns postes especiaes que antigamente faziam parte do material das secções de telegraphistas de campanha e que foram abatidos por nunca se lhe reconhecerem a sua utilidade. E não reconheceram, porque o pessoal era e é obrigado pelas penas da lei a transportar muitas vezes para distancias enormes os referidos apparelhos além do seu armamento e equipamento com todos os artigos que são dados levar para exercicios em campanha, como succedeu ainda não ha muitos annos, em que um sargento, um cabo e um soldado, numas manobras que se realisaram entre Mafra e Pero Pinheiro, tiveram de conduzir á mão o dito peso de Mafra para o Penedo Grande, do Penedo para Cheleiros e de Cheleiros para Pero Pinheiro.

(Continua.)

CASIMIRO RAMIRES.

2.º sargento telegraphista de campanha.

No goso de licença da junta, em contra-se entre nós o nosso camarada e assignante José de Campos, 2.º sargento d'infantaria, que regressou de Mossamedes.

Defeza nacional

E' no proximo dia 16 que se realisa no theatro d'esta cidade, o beneficio dos sargentos, onde se farão ouvir alguns tribunos da Republica.

Assalto

No dia 10 do corrente, quando se dirigia ao quartel de Sant'Anna, o soldado da 2.ª do 1.º, d'infantaria

23, sr. João de Mattos Silva, afim de comparecer á formatura do recoller, foi assaltado por uns meliantes, junto ao Collegio de S. Pedro, que o aggrederam barbaramente, sendo o seu estado um pouco grave.

O aggreddido ainda pediu soccorro, mas a respeito de policia...

Talvez estivesse no theatro a soccar algum tropa!

Com vista á ex.ª comissão encarregada de elaborar o projecto da reorganização do Exercito Colonial.

O que se deve fazer para instruir as praças de pret no Ultramar, para d'estas se poder formar os quadros de sargentos e officiaes do Exercito Colonial.

Criem-se em todas as unidades das diversas colonias, escolas para praças de pret, nas quaes se lecionem todas as disciplinas adoptadas nas escolas regimentaes da metropole, desde o curso de habilitação para primeiros cabos até 1.º sargentos, escolas que terão para professores dos cursos dos 1.º cabos e 2.º sargentos, nas companhias independentes, os respectivos 1.º sargentos e para 1.º sargentos um official; e nos corpos de mais d'uma companhia, um 2.º ou 1.º sargentos para professores dos dois 1.º cursos e para o 3.º um official

Nenhuma praça poderá ser promovida, a não ser que se distinguisse em campo de batalha, sem ter o respectivo curso, ficando por esta forma revogado o capitulo 5.º do Regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito de 1866 e seu apendice.

Criem-se os antigos quadros do Ultramar e promovam se para elles os 1.º sargentos que lhes pertencerem, tendo previamente feito um curso equivalente ao da Escola Central de Mafra, organisando para isso as respectivas escolas onde os mesmos individuos as fossem frequentar sem grande dispendio para o Estado e prejuizo para o serviço das unidades, devendo estas escolas ser para professores, officiaes do exercito da metropole com o curso de qualquer arma, enquanto no Ultramar não houverem officiaes competentemente habilitados.

Sendo creadas as escolas e os quadros a que acima me refiro, é convicção minha, de que em pouco tempo haverá no Ultramar sargentos e officiaes habilitados e em numero sufficiente para o serviço colonial sem ser necessario virem os da metropole com o soldo em duplicado como actualmente se pratica.

Macao, 15 de Janeiro de 1912.

Joaquim Manuel Cortez

1.º sargento d'artilheria.

Militar fujido

Está sendo procurado Arlindo Antonio Alves de Carvalho, natural desta cidade, soldado do regimento 24, de Aveiro, que se encontrava preso naquele regimento, afim de responder por um delicto que cometera, e que conseguiu evadir-se da prisão.

Realizam-se no domingo e terça feira espectaculos e bailes de mascarar no Coimbra-Centro.

Documentos antigos

Do nosso collega *Jornal de Coimbra*:

Gradações e postos militares do exercito de terra e armada real, e com que rodam os ministros, conforme a gradação dos seus cargos, decididas em 8 de Março de 1763, por consulta do Conselho de Estado, do de Guerra, e do Desembargo do Paço, a instancias do conde reinante de Schaumberg Lippe, marechal general e reformador das tropas de Portugal.

Os cadetes e porta bandeiras das tropas de terra, correspondem a aspirantes de marinha, e a lentes e doutores de capello.

Alferes, a guarda marinha, e a juizes de 1.ª instancia.

Tenentes, a 2.ª tenentes de mar, e a juizes de 2.ª cabeça de comarca.

Capitães, a 1.ª tenentes de mar, e a juizes da correição ordinaria.

Capitães de granadeiros, a tenentes commandantes, e a juizes do 1.º banco, e desembargadores do Rio e Bahia.

Majores, a capitães tenentes, e a desembargadores do Porto.

Tenentes coroneis, a capitães de fragata, e a desembargadores da Supplicação.

Coroneis, a capitães de mar e guerra, e a conselheiros da fazenda, Ultramar, e da Meza da Consciencia.

Brigadeiros, a coroneis de mar, e a desembargadores do Paço.

Marchaes de campo, tenentes generaes, e governadores das armas, não se lhes dá egualdade por serem gradações muito superiores.

Copia de hum capitulo da Carta Regia de S. M. F. que dirigiu ao vice rei do Rio de Janeiro, em 26 de Março de 1786, sobre as preferencias que os ministros pretendiam ter aos militares.

«Logo que esta minha Carta receberdes, mandareis chamar os desembargadores d'essa Relação, e em meu real nome os reprehendereis asperamente, do attentado que commetteram querendo disputar preferencia aos meus militares.

«E mais rigorosamente reprehendereis os desembargadores Manoel Francisco da Silva e Veiga e José Teixeira Alvares, que petulantes responderam á vossa carta de officio, no que muito louvo o vosso comportamento neste caso; e os dois desembargadores não mando riscar do meu real serviço por minha clemencia. Visto o seu atrevimento e d'aqui em diante ficam entendendo, e assim o fareis saber aos mesmos desembargadores, que fora da Relação, não tem gradação alguma, e se devem reputar como homens particulares; e que os militares gosam de toda a distincção e honras que lhe tenho concedido, e meus saudosos paes e avós, sobre cuja fidelidade descanço no throno, cinjo a corôa, e goso a posse dos meus reinos e estados. — Rainha.

N. B.—Os sargentos rodam com abbades e reitores.

Os furrieis com vigarios.

Anspeçadas com curas.

Soldados com mestres de rethorica e grego.

Musicos com escrivães e cirurgiões.

Tambores com meirinhos da Relação e coveiros das freguezias.»

CONVERSANDO

— Então por cá meu caro Guimarães? dá cá um abraço.

— E' verdade caro Vellozo; aca-bo agora mesmo de chegar de Mossamedes afim de gosar n'esta saudavel villa de Sá da Bandeira algum tempo de licença para convalescer.

E tu gosas com saude? Parece que sim, pois o teu aspecto não é mau.

— Felizmente agora estou restabelecido, mas ainda ha bem pouco tempo estive muito doente, naturalmente devido á grande differença do clima d'onde ha pouco regresssei, para o optimo de que, graças á Natureza, é adoptada esta excellente e pittoresca terra.

— Mas vamos ao que importa, Guimarães.

As tuas impressões acerca de politica em Mossamedes, que taes são?

— Pessimas amigo Vellozo! Isto por cá parece tudo mais socegado, ao passo que em Mossamedes andam enthalassados os grandes membros do partido colonial que ficam sempre muito aquem do honrado Partido Reformista.

Eu, francamente, sinto um bem estar em me retirar para aqui.

— Sim. E sem duvida que no Lubango, gosarás melhor saude como apreciarás a harmonia d'este povo pacato, que vive em perfeita paz, apezar que tambem não deixe de haver thalassas muito nojentos que para aqui vieram arranjando fortuna n'outros tempos, alguns á custa da bulla da *santa cruzada*, á *sombra do altar*, e como carreiros com uma simples carroça explorando o gèntio... Para elles um simples olhar d'um republicano os transforma n'um camaleão de mil côres... e desaparecem, mettendo o rabinho entre as pernas, para os seus quintaes; e emquanto uns apreciam o trabalho dos pretinhos escravos... de mãos inchadas e pernas ulcerozas, (devido aos maus tratos que sofrem) outros apreciam os *patos* e os seus... bellos quintaes com pombaes, etc.

— E' verdade, sim, já estou informado não só por pessoas auctorizadas e justiceiras, mas tambem por ter apreciado tamanho e inadmissivel vandalismo d'outras vezes que por aqui, e pelo interior, tenho transitado com demora. Alem de tudo no vizinho districto de Mossamedes, para onde devo regressar finda a minha convalescência e allí continuar a minha propaganda com os correligionarios defensores da nossa querida Patria, tudo se sabe e mesmo temos a nossa policia em campo.

— Pois, meu caro Guimarães, aqui prezentemente não temos policia (apezar de ser muito necessaria sobre alguns pontos de vista) mas quando se torne necessaria se organizará um nucleo, que terá identica missão, isto é; trabalhar para a completa aniquilação de todos os reaccionarios e defender sempre a Republica e a nossa querida Patria, eis a sua diviza; informando sempre com verdade tudo que possa ser cauza de perigo para este districto.

Porem tal medida não me parece ainda muito urgente.

Mais urgente, meu caro Guimarães, me parecem outras medidas que, no sentido de melhorar a situação do povo que habita o Planalto, deviam ser tomadas, pondo um dique completo ao abuso do commercio local que está vendendo todos os generos por preços elevadissimos e outros com 200 e mais por cento de lucro, o que se não pode admitir.

— Já tenho notado, effectivamente, a carestia de muitos generos mas

tenho esperanças que o Governo ha-de por cõbro a semelhante e revoltoso abuso bem como tambem ha-de providenciar por tempo, energeticamente, adoptando medidas uteis e necessarias para a exterminação dos reaccionarios inimigos e traidores da nossa querida Patria, do nosso querido Portugal!

Em Mossamedes, os do partido colonial, queriam para deputado um engenheiro civil, que no tempo da deposta e malévola monarchia chamava quadrupedes e ameaçava com cavallo marinho alguns cidadãos que deram o seu voto pela Republica, mas como tal não conseguiram, nem a conservação do mesmo engenheiro no caminho de ferro, nem ainda outras regalias... deu em resultado ficarem enraivecidos (enraivecidas tambem ficaram algumas senhoras o que contribuiu tambem para a continuação da raiva dos taes grandes membros do *Calumnial* perturbando assim a ordem publica) de maneira que começaram a fazer guerra ao ex.^{mo} sr. Governador capitão Caetano do Carvalho Correia Henriques, por ser justiceiro, não os apoiar na thalassice, por acabar com o escandalo da escravatura, (vendiam-se homens pretos como quem vende bêstas e alguns brancos quasi que marchavam na rêde...) não ir a caçadas, não assistir a baillaricos... jogatinas etc., enfim por o mesmo ex.^{mo} sr. ser um republicano sincero, um representante digno do Governo da nossa querida Republica Portugueza, em Mossamedes.

Ainda mais: Quando se soube a feliz noticia, telegraphicamente, da implantação da Republica em Portugal, todos os sargentos e equiparados, e varias classes comprehendendo o pessoal menor do caminho de ferro, chefe de tracção e officinas, chefe da fiscalização, chefe dos armazens e empregados do commercio (patrões poucos porque a maior parte ficaram em casa censurando o procedimento dos seus caixeiros!) sahiram todos para a rua com grande entusiasmo, empunhando bandeiras verdes e encarnadas e archotes, exopto os taes repetidos membros do colonial e o tal engenheiro da panellinha... que ficaram em casa mostrando grande abatimento misturado com tristeza, espreitando pela cortina, calafetando os ouvidos para não ouvirem a Portugueza, em summa esperando talvez alguma contra-revolução!...

São estes os que se dizem agora *somente elles republicanos* em Mossamedes, chegando a mesmo a ter o atrevimento de chamarem thalassas a republicanos convictos e mesmo a revolucionarios de 31 de janeiro de 1891 que defenderam sempre a cauza da Republica!!!

Parece impossivel mas é veridico, meu caro Vellozo!

(Continua.)

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pai), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

BONETS

E

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

Rua de Ferreira Borges

COIMBRA

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inigualavel. Simples ou com wisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

A VOZ do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 166

ASSIGNATURAS
Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 réis
ANNUNCIOS — *Preços conveniões*
Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

No que diz respeito á escola de quadros a que se refere o art. 410.º houve sem duvida esquecimento, como já frizámos, das escolas de maqueiros regimentaes. Vem corroborar esta nossa affirmacão, o facto do programma geral de instrucção da presente escola de recrutas, emanado da secretaria da guerra fazer referencia á instrucção dos maqueiros regimentaes.

Tambem na longa enumeraçao das differentes escolas de que trata o art. 410.º não ha referencia á instrucção especial dos avaliadores de distancias.

Com a precisão das novas armas de guerra e devido aos effeitos extraordinarios dos fogos da infantaria, os exercitos modernos tem ultimamente preconizado a instrucção especial dos avaliadores de distancias, reconhecendo não só a sua utilidade durante o combate, mas até considerando-os como elementos auxiliares indispensaveis aos differentes commandos na linha de atiradores.

A alinea h) do § 1.º do art. 411.º diz que haverá escolas preparatorias de officiaes medicos, nos hospitaes militares de 1.ª classe, Lisboa e Porto.

Sendo estas escolas destinadas a preparar os sargentos para a promoçao a alferes medicos milicianos, não vemos razao alguma para que se não creasse uma d'essas escolas em Coimbra.

No nosso paiz existem 3 faculdades de medicina, respectivamente em Lisboa, Porto e Coimbra.

Pela disposiçao da alinea h) só podem frequentar as escolas preparatorias de officiaes medicos, os estudantes de medicina de Lisboa e Porto, pois de certo os estudantes de Coimbra não irão interromper os seus cursos universitarios para irem frequentar de 10 de novembro a 10 de janeiro as escolas preparatorias de Lisboa ou Porto.

De resto, Coimbra tambem tem um hospital de 2.ª classe e a sede de 2 companhias de saude e por consequencia possui o pessoal preciso para instructores d'essas escolas.

Tambem não foi por motivo d'ordem economica que se deixou de crear a escola preparatoria em Coimbra, onde não faltam os elementos precisos para o seu funcionamento, tanto em pessoal, como em material.

E já que se facilita o ingresso nos quadros de officiaes medicos aos estudantes de medicina das Universidades de Lisboa e Porto, facilite-se tambem aos estudantes de medicina da Universidade de Coimbra e d'esta forma supprime-se uma injustiça e uma odiosa excepção.

A'lem d'isso as escolas de enfermeiros realizam-se segundo o determinado no § 3.º do art. 414.º junto dos hospitaes de Lisboa, Porto e Coimbra.

Quer dizer, os estudantes de Coimbra podem chegar até enfermeiros, os de Lisboa e Porto até officiaes medicos.

Podem responder que os estudantes de Coimbra se quizerem ter ingresso no quadro de officiaes medicos, frequentem as escolas preparatorias de Lisboa e Porto, mas a esse argumento já respondemos, que nenhum estudante sacrifica um anno do seu curso a dois mezes de preparaçao para official e que decerto não irá frequentar essa escola depois da conclusao do seu curso.

Deve-se pois facilitar e não dificultar a preparaçao de officiaes milicianos, cuja falta se faz sentir em todos exercitos modernos, e muito especialmente no nosso exercito.

O § 3.º do art. 419.º diz: a instrucção nas escolas de clarins e corneteiros é dada aos voluntarios que se tiverem alistado para fazer parte do pessoal permanente como clarins e corneteiros.

Como é que se ha-de dar instrucção a um pessoal que não existe!

Onde é que existem voluntarios para fazer parte do pessoal permanente como corneteiros?

Havendo 4 classes nos corneteiros como determina o artigo 490.º que tem as seguintes graduações: mestre de corneteiros, contramestre, corneteiro e aprendizes de corneteiros, em qual d'estas classes devem ser alistados os voluntarios que queiram fazer parte do pessoal permanente d'esta especialidade.

Evidentemente que deveriam ser alistados como aprendizes de corneteiros.

Pois bem, não se podem alistar n'esta classe, porque o quadro permanente do regimento de infantaria não teve sequer um logar para aprendiz de corneteiro!

O quadro permanente só comporta 1 mestre, 1 contramestre e 12 corneteiros. Aprendizes nem um!

Esta nem ao diabo lembra!

E' mais uma prova a convencer-nos de que quem fez tal quadro, nem sequer pertencia á arma de infantaria e por isso ella foi tão maltratada!

Como bem se applica aqui o adagio: *Quem te manda a ti sapateiro, tocar rabecaõ?!*

(Continua.)

O MELHOR CAMINHO

Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a com uma escola. O professor ha-de eliminar o carcereiro.

G. JUNQUEIRO

Fazei o bem, fazei a paz, fazei a gloria
Proclamae a instrucção gratuita obrigatoria;
Ter direito á ignorancia é ter direito ao mal
Alevantae o povo ao nivel da moral
A escola é para isso a unica alavanca.

G. JUNQUEIRO

Não me leiam os exaltados, os que julgam que a rehabilitaçao de um paiz está na boca das clavinhas e na ponta das espadas. Aquellas escaldam, estas partem. Causam terror mas não ensinam. A instrucção é o unico pharol que pode orientar um povo. As consciencias iluminam-se com o A B C, não se varrem com metralha. Se pozerdes um pé sobre o fogo que tenta devorar um montão de papel ou de panno, o fogo deixa ao de cima a certeza de se ter apagado, mas reaparece novamente e com mais intensidade. Se procurardes a origem remedeias o mal.

Estão entre ferros centenaes de creaturas que foram presas na madrugada de 31 de janeiro e dias seguintes. A estas horas choram mães e esposas amantissimas a sorte dos seus filhos e dos seus maridos. Em casa do pobre ha mais lagrimas e menos

pão, ha mais frio e mais tristeza.

Quantos culpados? Muitos. Quantos innocentes? Muitos. A innocencia aqui não exclue a boa intençao do gesto honrado, que pediu pão com menos suor. A culpabilidade envolve a traiçao dos que se serviram d'esse gesto para outros fins. Faça-se a selecção. A maior parte será preenchida de ignorancia.

Serão todos dignos de indulgencia? Certamente que não. Ha ali de tudo, desde o homem honrado ao ladrão e ao gatuno, desde o bom trabalhador ao vadio e ao desordeiro. A uns a liberdade, a outros o trabalho. O trabalho pode regenerar, o carcere nunca.

Lisboa está em estado de sitio e as garantias constitucionaes suspensas por 30 dias. Absteinho-me, pelo menos por agora, de julgar sobre esta medida ado-

ptada para segurança da ordem publica. Antes quero deixar aqui declarado o meu pensar sobre os verdadeiros culpados dos tristes acontecimentos que tão tristíssimas consequências tiveram

Quem são os responsáveis? São quasi todos aquelles que vieram com o povo até 5 de outubro de 1910 pelo caminho da Republica, na conquista de um ideal que se alcançou á custa de muito sacrificio e que depois passaram ao campo das ambições e dos odios pessoas e politicos, deixando o povo na estrada esperando honestamente a vez de auferir o pequenissimo quinhão a que tinha jus, e que se reduz a bem pouco.

Nunca mais se ouviu a palavra admiravel dos tribunos dos comicios, a palavra sublime que agitava o povo num entusiasmo delirante, o conselho austero e patriótico que encaminhava os assistentes na luta pelo ideal redemptor da Patria, a voz auctorizada dos propagandistas. Foram como o architecto que planeou a obra e abandonou-a, egualaram-se ao lavrador que semeou mas não colheu.

As ambições, a paixão pela popularidade, o mando, a gloria da superiordade, tudo se antepoz ao trabalho final dos homens que lançaram os fundamentos de uma Republica que nascia do Povo, pelo Povo e para o Povo, para tão sómente crear a indiferença, o desanimo, a descrença, os odios pessoas, a guerra das ruas.

A gloria especial e final ninguém a teve porque ninguém se lembrou de continuar a bella obra que accordou um povo do lethargo em que succumbia. O povo caminhava de mãos dadas e com o mesmo fervor de salvar a Patria, com os olhos fitos nos guias e attento ao mais pequeno movimento que embaraçasse ou protelasse a conquista do seu ideal. Mas um dia chegou em que se viu só e sem uma palavra amiga que lhe ensinasse o que deve ser uma Republica democratica, que lhe enviasse uma esperança, uma promessa como tantas lhe foram feitas. Nunca mais houve uma assembleia popular, nunca mais viu no espaço braços amigos a quererem estreitar-o num amplexo de fraternidade.

Dorme-se sobre os louros colhidos. A obra foi dada por finda, ou antes, foi demolida parte da que já estava feita.

Quando julgam dever associar-se a alguém para levar por deante a realisação de um pensamento, chamam a si esforços inuteis e já condemnados, se tentam demolir o que julgam ser estorvo á Republica o golpe é tão fundo que o effeito é contra-productivo.

O que é preciso, pois, para

fazer voltar a creença a esse povo? Aggredil-o? Não, ensinál-o. Prendel-o? Não, libertal-o. Chamae-o ás conferencias publicas feitas por homens de nome limpo e consciencia honesta, que tenham qualidades de organisadores. Dizei á imprensa, que é a grande educadora do povo, que não se faça echo das luctas e odios pessoas. As leis que sejam todas um grande exemplo de democracia. O parlamento que fructifique.

Respeite o capital. Distribui

S. FERNANDES.

ARROZ DE COELHO

Outr'ora em caçadores 5
A corporação amiga
Levava com certo afinco
Os interesses de barriga.

Contam que p'ra um jantar
(Tendo a junta calculado)
Foi o gerente comprar
Coelhos p'ra arroz guizado.

Mas depois na refeição
Nenhum sargento gostou
Porque o tal prato em questão
Pouco coelho mostrou.

Diz o fiscal:— os coelhos
Deviam dar mais que isto.
O presidente:— Está visto!
Cá temos costumes velhos!

trabalho—o trabalho dá riqueza ao paiz.

Este é o melhor caminho. Só assim pode a vida ser barata e o povo ser feliz. Haverá justiça, solidariedade, humanitarismo.

Cumprida que seja esta grande mas facil tarefa republicana e humanitaria, a obra gigantesca completar-se-ha com o maior effeito util. Haverá socego nas ruas, alegria nos lares.

E a fé ha de voltar.

Trinta coelhos granditos
Se não faltasse nenhum
Era um quarto a cada um
E não amostras dos ditos.

Emfim chamou-se o rancheiro
P'ra dizer o que fizera
Mas afirmou que metera
Toda a carne no caldeiro.

— Então se todos entraram,
P'ra quem guardar o melhor?
Disse um dos que não gostaram
De tal guizado primor.

— E que os coelhos, senhor,
Disse elle atrapalhado,
Entrando vivos p'ro pote
Fugiram com o calor!

CARLOS VICTOR

BREVES CONSIDERAÇÕES

Uma das classes, se não a primeira, de que mais directamente depende o futuro de uma nação, é inquestionavelmente, a do professorado primário. E na escola infantil que muito ha a receber e nenhum ensino é de effeitos proficuos como aquele que se ministra em tenra idade, naquelle periodo com que o espirito não reage e o cerebro começa a assimilar. E para maior garantia do que fica exposto, devemos ainda atender que é ainda nessa altura que o individuo não experimentou o pernicioso contagio do virus da devassidão e da perversidade; resultando, por consequencia, mais confiança e facilidade para quem competir essa missão de educar.

Como fundamento desta opinião, ademitamos o caso de se compararem duas creanças da mesma idade egualmente embrionarias, frequentando escolas diferentes e cujos professores diversamente individuos de ideias liberais e reacionarias. Observem-se mais tarde essas creanças, quando na adolescencia, e notar-se-ha, se não houver um meio estranho exercendo uma activa influencia, contraria, terem ideias puramente heterogeneas: a primeira dotada de uma certa vivacidade, intelligencia e propensão para o Bem; a segunda, desconfiada, astuciosa e vingativa.

Por sua vez devem os livros de leitura usados nas mesmas escolas ser tambem amoldados ás normas liberais, contendo doutrina que estimule o amor patrio e sejam completamente vazios de superstições e mystificações: que falem da vida de uma forma racional; que ensinem a respeitar com superior consideração

os homens que pela sua honradez, pelo seu saber, e até pela sua idade, se impõem á veneração e estima dos seus semelhantes.

Modificados que sejam os livros e obrigados os professores a fazerem prelecções de ensino moderno com uma aturada diligencia e solicitude, estimulando-os a serem bons patriotas e bons cidadãos, reformariamos com relativa brevidade a sociedade portugueza e com ella a vida do paiz. Seriamos então um muito maior numero de homens empreendedores, honestos e com ideias bem orientadas.

Mas não bastaria para conseguirmos este ideal, legislar neste sentido; exige o bom raciocinio que, para a consumação de tão apreciaveis resultados houvesse uma rigorosissima e permanente fiscalização, confiada a entidades que merecessem toda a confiança.

(Continua.)

J. A. Gomes

Cartas a Antonio Rodrigues

IV

Encontraram-se assim, face a face, na Assembleia Nacional Constituinte, dois grupos, formando opiniões e principios contrarios, a principio occultos.

E' justo que se diga, meu bom amigo, que existem no chamado bloco deputados que não representfielmente a vontade dos seus eleitores.

Impostas as listas pelo antigo Directorio do Partido Republicano, os eleitores elegeram os, na boa fé que os homens do regimen continuariam

unidos pelo menos durante algum tempo, para completa e feliz consolidação da Republica.

Trataram-se, no entanto, quasi que serenamente, vaidades retraidas, os primeiros assuntos na Assembleia Constituinte, e a discussão da Constituição fez-se tambem com pequenas agitações.

Surge a eleição para a Presidencia da Republica.

Quasi todo o paiz esperava que fosse eleito o dr. Bernardino Machado, apesar de surgir uma campanha surda do lado do bloco, já manifestada na discussão da Constituição, onde o mesmo bloco não queria que fosse eleito para esse alto cargo nenhum dos homens que compunham o governo provisório, o que era um opposição indirecta ao illustre ministro dos negocios estrangeiros do mesmo, o unico que tinha probabilidades de o assumir, dada a opinião de Teofilo, que se mostrava contrario á presidencia e que, coerente, a não aceitava.

Porque se levantou uma opposição tão grande do bloco ao insigne estadista?...

Era amigo de Afonso Costa!...

ACCACIO SERRA.

Defeza Nacional

Realizou-se no dia 16 do corrente no Theatro Avenida, d'esta cidade, o sarau promovido por alguns sargentos d'esta guarnição, que apesar do fim a que se propunha, não deu o resultado que se esperava.

Seria devido aos successivos adiantamentos ou á falta do amor patrio?

Fallou o grande tribuno Bernardino Machado, sendo por vezes interrompidas algumas passagens do seu discurso, com grandes salvas de palmas e vivas á Republica.

Cooperativa dos Empregados Publicos do Districto de Coimbra

Recebemos o relatório e contas da gerencia de 1911, d'esta associação, que, para avaliar a maneira correcta como a sua direcção se houve durante o anno, prova-o o Parecer do Conselho Fiscal, que passamos a transcrever:

« Em conformidade com o determinado no art. 28.º dos Estatutos, procedemos ao exame minucioso e ponderado de todos os livros, documentos e mais papeis relativos á gerencia de 1911, e esse exame deixou em nosso espirito a convicção de que essa mesma gerencia foi zelosa, honesta e proficua, resultando d'ella a continuação progressiva das prosperidades d'esta cooperativa; assim somos de parecer que deveis approvar um voto de louvor á respectiva Direcção e dar tambem approvação do relatório e contas apresentadas.

Coimbra, 23 de Janeiro de 1912

Arthur de Freitas Campos,
Antonio Continho de Moura Bastos,
Luiz Doria.»

Decorreram com grande animação os bailes carnavalescos que se realizaram nas diversas sociedades de Coimbra.

SAGÁCIA DO REI DINIS

Afonso III jazia no seu leito de carvalho escuro, as altas columnas a sustentar o dossel franjado; o olhar, apagado dos moribundos vagueava da imagem do Christo agonizado na rude cruz de ferro, á rainha bisonha que se derreava chorando aos pés do leito; e aos rogos do bispo que lhe assistia a doutrinar as penas do inferno, assentia num estrebuchar horrível apertando ao peito o escapulário bento que os dedos arroxeados mal seguravam.

Este drama durava á algumas horas, mas ia terminar com a rapidéz veloz do relâmpago; a agonia propositadamente demorada deu á vida a cortéza benéfica da eternidade. O rei num último arquéjo, soergueuse, tombou pára o espaço e... expirou.

O physico da corte foi cerrar-lhe as pálpebras, e voltando o rosto pára a assistência muda da scena, disse alto:

— O rei é morto.

Então o bispo num passo cadenciado, fazendo resoar as largas lajes do aposento com o canto do báculo, caminhou até o logar onde o infante D. Dinis chorava silenciosa menta a morte deannaturada do forte inimigo dos infieis, poisou-lhe á mão sôbre o ombro, e num ronco da sua voz maçada regougou:

— Basta de lágrimas... rei de Portugal.

O infante soergueu a cabeça, e saído do longo supôr, levantou se. Num momento, o seu olhar embaciado e vermélho das muitas lágrimas percorreu o âmbito. Depois, certificado o espirito da irreparável veracidade, caminhou sereno até o pesado leito de morte. Então ajoelhou, e orou.....

Finalmente ergueu-se, e voltado pára a assistência que o fixava attenta, palacianamente, descerrou os lábios deixando ouvir estas palavras:

— Senhor bispo! O rei de Portugal exige a vassclagem.

Sam passados onze annos de reinado; e Dinis, acálmadas as paixôis hostis da guerra fratricida, lança ao solo fecundo da Pátria as sementes do progresso e da estabilidade futura.

Corriam velôzmente os frigidios dias de dezembro de 1229; e estabelecidas definitivamente as últimas disposiçôis do direito consuetudinário, o rei determinara-se a conhecêr a realidade dos seus domínios, inquirindo dos homens bons as extorsôis fraudulentas dos nobres e do clero. Estavam recriadas as *inquiriçôis*; e no principio de janeiro haviam de iniciar a sua tarefa ao mesmo tempo melindrosa e... fatigante.

Este factio, reputado no momento actual, como uma promessa de direito, era neste tempo primitivo de arraigados sentimentos nobiliarchicos e religiosos, uma provocação, e... uma temeridade. Sancho I e Afonso II, tentaram-no, mesmo lutaram por elle; mas a frieza do sepulcro, lhes fêz perdêr a virilidade da vida. Sancho II pagara com o exílio a audácia do forte podêr, a temeridade dos rijos golpes nos infieis; e Afonso III, um perverso de carácter e um grande amigo do póvo, renegara no seu leito de morte toda a epopeia manchada do seu governo de rei.

Este seria mais feliz?

Seria;... nós todos o sabemos, foi.

O rei Dinis foi na história dos governos absolutos, o primeiro monarcha a quem se pode dar sem restricôis o titulo de rei de Portugal e do Algarve.

Gloriosos tempos que passaram; e volvidos seis séculos, profiquos sejam os tempos que vam correndo.

(Continua.) Non nemo.

Espada e Equipamento

Um homem quando é verdadeiro amigo d'outro, ainda que elle tenha todas as qualidades más, já mais lh'as notou; e, sempre que alguém tente desfazer o erro em que muitas vezes laboramos, sempre temos um argumento para defendermos, o que muitas vezes não tem defeza possível.

Vem isto a proposito das declarações do sr. tenente Helder Ribeiro, insertas no *Seculo* de 13 do passado Agosto, e em que o referido sr. tem palavras que sobremaneira honram os nossos camaradas 1.º sargentos e aos quaes foi concedido o equipamento de official, « simplesmente para conseguir que os nossos camaradas da posse d'um certo numero de regalias se conservem nas fileiras, evitando-se assim, que procurem antes de atingir esse posto, consigam fóra da vida militar outras carreiras a que se dediquem.»

Ora se a concessão feita aos nossos camaradas 1.º sargentos foi mais para nos servir de estímulo, mal avisados andaram os que surpreheteram n'uma tal coisa, porque se não houver outras coisas de ordem particular que obste os 2.º sargentos a abandonar as fileiras, não é uma espada que os retem,

não porque não aspirem todos ao posto immediato, mas mórmente por quasi todos saberem, assim como o mesmo sr., que a nossa promoção ao posto immediato não depende tanto das habilitações de cada um como o *de estar bem visto*, isto é, estar apadrinhado, e isto sem duvida motivado por ainda não estar organizada uma escala em que nós, depois de munidos com os respectivos cursos, fossemos incluídos por antiguidade de posto, pois sabe-se quanto se torna caricato o termos de amanhã respeitar como superiores individuos que ainda hontem eram nossos fachinas.

Não quero dizer com isto que as fachinas deshonrem alguém, porque quasi todos nós o fômos, mas simplesmente demonstrar que o actual regulamento de promoções só serve para proteger afillhados e chumbar os que não tem padrinhos.

Além do exposto, o citado sr. tenente « podia apresentar diversos casos, da effectivação d'esta ultima responsabilidade » o commando de companhias, « devido muitas vezes a inexperiencia e falta de ponderação de 2.º sargentos respondendo por companhias; — isto não porque em muitos casos seja muita a sua culpabilidade, mas por que lhe falta aquella experiencia, gravidade e ponderação, que são as caracteristicas do nosso 1.º sargento.»

Segundo se vê o referido sr. quer dizer com isto que um 2.º sargento com dez ou mais annos de posto, embora agregue a muitas habilitações litterarias a longa pratica que tem da professional, mas que não tem padrinhos, e um outro ao fim de trez mezes da ordenança consiga ser promovido ao posto immediato, que nada mais o tem a recomendar do que o ser *afillhado*, tem todos os quesitos precisos para ser incensado, em quanto que o outro, o *desprotegido*, embora conte na sua bagagem os attestados do seu saber, é um desqualificado, é um garoto!

E' triste! Que nos excluam a nós 2.º sargentos da concessão feita aos nossos camaradas, admitte-se, embora a não justifiquem, mas que nos passem um diploma, como o que s. ex.ª nos passa, é que se não pôde admittir.

Tambem vi no *Seculo*, que algumas das razões para justificar a nossa exclusão, — que diga-se de passagem não tem justificação possível — foi a quantidade enormissima de espingardas — 3:000 segundo os mathematicos — que ficavam ás moscas; ora se esta é a razão de peso, mandem-nas para Timôr aonde bastantes precisas são, pois tem distribuidas a tropas regulares espingardas s/ Remington!

Tambem ha quem diga que o equipamento não causa estôrvo; effectivamente para quem o não usa, assim succede, porém se quem tal affirma tivesse de fazer marchas de algumas dezenas de kilometros; já não quero nos climas tropicæos mas nos temperados, já assim não falava, e creio mesmo se os que tal affirmam lhe fosse entregue a titulo de experiencia, mal diriam a hora em que tinham advogado a sua utilidade; mas é da vaidade humana a aconselharem e advogarem para os outros, aquillo que não querem para si!

Resumindo: Das declarações que o *Seculo* publicou, parece deprehender-se que ao ser feita a concessão parcial do equipamento de official, a classe dos sargentos, só tiveram uma mira, só tiveram um fim: — a desunião, se tal foi o pensamento que presidiu á sua concessão, podem regosijar-se.

Ainda sobre as considerações do sr. tenente *diversos casos poderia apresentar*, que me abstenho de o fazer, por que não só tenho por s. ex.ª todo o respeito e consideração, mas sobre tudo... o codigo.

Timôr, 25 — X — 911.

Agostinho Leonardo Rodrigues, 2.º sargento d'artilharia.

Ao Ex.º Ministro da Guerra

Um distincto official amigo do progresso da sua patria, teve a amabilidade de offerecer *A' Voz do Sargento* o alvitre que abaixo expômos, e que por o julgar realisavel sem prejuizo para o serviço — trazendo ainda um grande beneficio para a Fazenda publica — ousamos chamar para elle a attenção de s. ex.ª o Ministro da Guerra.

Concedendo se licenças em todos os domingos, aos recrutas, com perda de vencimentos, não lhes permitindo o uso de fardamento e calçado da fazenda, teriamos uma economia de uma media de 230 réis por praça.

Suppondo que em cada regimento,

só 200 praças se aproveitariam d'esta concessão, tinhamos:

pret a 20 × 200 = 40000
pão a 30 × 200 = 60000
rancho (incluindo auxilio) 180 × 200 = 360000
Somma réis 460000

Só em infantaria... 35 × 460000 = 1:6100000 réis

15 semanas de instrucção: 1:6100000 × 15 = 24:1500000 réis

Dando por isso nas duas encorporações uma economia de réis 48:300000.

Se ainda lhes fosse concedida a dispensa da formatura, do rancho da tarde e do recolher de sabbado, e admitindo que só metade d'aquelle numero se aproveitaria d'esta concessão, teriamos mais (computando a despeza da 3.ª refeição em 95 réis)

100 × 95 = 9500 réis,

o que em 35 regimentos d'infanteria dáva um total de 3320500 réis, que multiplicado por 30 semanas, (duração de toda a instrucção) daria 9:9750000 réis, fazendo assim um total de 58:2750000 réis só na arma d'infanteria.

Para facilitar o gôso d'estas licenças, seria supprimida a instrucção de gymnastica na segunda feira, a qual seria ministrada no sabbado, contribuindo esta alteração para que os reservistas não perdessem a noite em grandes caminhadas e aproveitassem os primeiros embarques da madrugada de segunda feira.

Ahi fica o alvitre e oxalá elle seja tomado na devida conta, porque uma economia de 58:2750000 réis por anno, não nos parece que seja para desprezar.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importancia de um semestre dos srs. Antonio Amaro Correia, 1.º sargento d'infantaria 20; João da Costa Garrett, 1.º sargento d'infantaria 23; Joaquim Francisco Themudo, 1.º sargento e Virgínio Augusto Lopes, 2.º sargento da guarda fiscal; João da Silvá Diniz, 2.º sargento reformado.

A de um trimestre dos srs. Manoel Rodrigues Simões, Coimbra; Augusto dos Santos da Conceição, 1.º sargento e José Ramos Barata, mestre de corneteiros d'infantaria 23; José Domingues Rodrigues, 1.º sargento reformado; Manoel José Pinto, seleiro-correio e José Rodrigues da Cunha, serralheiro, de artilharia 5; José Manoel, 2.º sargento da guarda fiscal, Bragança.

CANTINA ESCOLAR

Receita e Despeza do sarau realisado no Teatro Avenida em beneficio da Cantina Escolar

RECEITA
Recebido da venda de bilhetes... 2360720
Idem de poesias... 80275
Bilhetes a cobrar... 30620
Réis... 2420615

DESPEZA
Pessoal do teatro, contribuição, imposto do selo, projecções cinematograficas, bilhetes, programas, distribuição, companhia de acrobatas, telegramas, officios, etc... 890508

Liquido — Réis... 153010

CARTAS D'ALÉM MAR

O mal do nosso atraso colonial aonde está? Eu lhes digo.

O celeberrimo mal para quem ainda nenhum doutor foi capaz de encontrar o sôro, têm-se encontrado ahi e cá; ahi, porque tem cerceado toda a autonomia que uma provincia deve ter, e cá, porque a falta de patriotismo tem sido tanta, quer da auctoridade suprema quer das que lhe estão subordinados, que isto está no adeantamento em que se vê.

Continuarei a expôr o meu modo de pensar sobre este assumpto e que uma longa estada no Ultramar me tem sugerido, se não tiver as honras da publicação, porque em caso contrario, já chega para ir encher o cesto dos papeis inúteis.

Timor, 10 - 10 - 911.

Nardoel.

CONVERSANDO

(CONCLUSÃO)

O rancôr para com o referido sr. governador augmentou mais desde que foram prohibidos os padres, (que tambem pertencem á panellinha colonial... terrivel seita negra, como aqui há no Lubango, acompanhados dos sáchristas capataz Fortuna, Baptista etc) e ordenada a retirada das celebres irmãs da caridade!...

A minha ideia é que os thalássas, agora republicanos mascarados, já estavam resolvidos a fazer guerra a um governador da Republica que não fôsse da força dos dois ultimos governadores do tempo da ládra e vil monarchia!...

Lamento bastante que nessa pittoresca cidade de Mossamedes se estejam dando os factos a que aludes.

D'esses factos se infere que, com quanto mais criterio e correcção é administrada a lei por s. ex.º o governador Correia Henriques, maior é a exaltação d'esses abominaveis reaccionarios. A meu vêr devia succeder o contrario.

Quem cumpre e faz cumprir a lei do seu paiz com inexcédível zelo, honra e dignidade, como tem cumprido o mesmo ex.º governador, é digno dos maiores applausos e do mais alto louvor.

O Governo da Republica já mais deve desligar das suas mui nobres funcções sua ex.º, porquanto d'ellas se tem sabido desempenhar com muito zelo e reconhecida intelligencia.

E' da escravatura e dos negocios clandestimos que nesta provincia de Angola se tem arranjado as melhores fortunas.

Bom será que o procedimento do sr. capitão Correia Henriques, sirva de exemplo para o vizinho districto da Huilla, aonde tal procedimento já devia ter sido posto em pratica.

Deixar pois de pôr cõbro a abusos de semelhante natureza e a outros, por meio dos quaes alguns funcionarios da indecente deposta monarchia se encheram..., é deixar de cumprir o mais sagrado dever perante as leis da Republica, cuja influencia devêras patriótica parece não ter chegado ainda a certos pontos d'este districto, d'entre os quaes se destaca o Cuamato!...

Nesta região custou a crêr... a noticia telegraphica da implantação da Republica excepto aos sargentos,

cabos, soldados e alguns officiaes que com grande enthusiasmo mostraram sua alegria por tão feliz nova.

Os sargento, poucos depois, chegaram a ser ameaçados com cavallo marinho!... Alguns foram castigados, disciplinarmente, injustamente!... não incluindo offensas e desconsiderações que muitos outros tem soffrido moralmente. E' necessario que estes abusos se não repitam pois a monarchia já cadaçou felizmente.

Não é só no Cuamato que os sargentos recebem desconsiderações immerecidas; é tambem em varios pontos do districto!

— Descança, amigo Vellozo, que tudo ha-de entrar na ordem pouco a pouco...

A traz do tempo tempo vem.

Eu te garanto que todo aquelle que me offerecesse cavallo marinho pagava o atrevimento sem perda de tempo e se me tocasse... então ai d'elle!

— Bem, amigo Guimarães, vamos jantar e brindar pelas prosperidades da Republica, da nossa querida Patria, do Exercito Portuguez, da Armada e assim cumprimos o nosso dever!

— Sim, é verdade, caro Vellozo, já são horas!

A nossa inspiração já nos estava raptando o tempo que nos é necessario para tal fim! Sigamos!

Viva a Republica Portugueza!
Viva o Exercito Portuguez!
Viva a Marinha!
Abaixa os traidores da Patria!
Viva a Independencia de Portugal!

Lubango 11 de Dezembro de 1911
Manuel Vellozo e João Ribeiro
Guimarães

2.º sargentos d'infanteria

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM GUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Codigo do Registo Civil, 200 réis.

Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrução Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis.

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

POSTAES ILLUSTRADOS—O que ha de melhor e mais bonito, só tem a Tabacaria União, Rua da Sophia, Coimbra

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO

COIMBRA.

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e impressão de jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMODOS

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

BREVEMENTE

Anuário Commercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — mais de quatro mil endereços — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc., de todo o districto. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do districto. Resúmo de todas as leis da Republica

Preço, 500 réis

IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc. Execução rapida.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado
Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras. Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Bolões dourados. — Preços limitadissimos.

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc

A VOZ do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 166

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 réi
Ultrammar, semestre - 600 »
Numero avulso, 30 réi

ANNUNCIOS — Preços convencionados

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Sobre instrucção de tiro o art. 425.º determina que os militares das tropas activas e das tropas de reserva deverão fazer, em cada anno, e n'uma carreira de tiro oficialmente reconhecida, o numero de sessões que fôr determinado.

E' uma determinação theorica mas não pratica, emquanto não houver o numero de carreiras precisas em todo o paiz, onde facilmente os militares do activo e da reserva possam receber a instrucção de tiro.

Estando a actual lei da organisação do exercito, cheia de artigos transitorios, poderiam ter acrescentado n'esta altura mais um *transitorio* em que se resalvasse o absurdo acima apontado.

Determina o § 1.º do referido artigo que a nenhum militar será dada passagem das tropas activas para as de reserva, sem ter frequentado, com aproveitamento, as carreiras de tiro, durante, pelo menos, quatro annos.

Evidentemente que não póde prevalecer esta determinação emquanto se não construírem as carreiras precisas para serem frequentadas pelos militares.

Faculte-se em primeiro logar os meios, e imponha-se depois a penalidade aos que não cumprirem.

O artigo 431.º estabelece como condições indispensaveis para a promoção ao posto de alferes dos quadros permanentes:

1.º Nas diversas armas e no serviço de administração militar:

a) Ser, pelo menos, segundo sargento, habilitado com o curso da sua arma ou serviço da Escola de Guerra;

b) Ter bom comportamento civil e militar;

c) Ter feito o curso da Escola de Guerra, como alumno ordinario por ter sido apurado no concurso para a matricula da mesma Escola.

O § 1.º do mesmo artigo acrescenta:

Nas armas de cavallaria e infantaria as vacaturas do quadro permanente de officiaes serão providas: dois terços pelos militares a que se refere o n.º 1.º d'este artigo e o terço restante pelos sargentos ajudantes do pessoal permanente das respectivas armas, que satisfizerem ás condições exigidas em legislação especial.

Como se vê, d'este § 1.º foram excluidos os sargentos ajudantes de artilharia de campanha.

Pelo desdobramento do quadro de artilharia, nos quadros de artilharia de campanha e de artilharia a pé, tornou-se a artilharia de campanha n'uma arma geral.

Actualmente são consideradas armas geraes, a infantaria, cavallaria e artilharia de campanha; e armas especiaes a engenharia e artilharia a pé.

Para as trez armas geraes são eguaes os preparatorios exigidos para a matricula na Escola de Guerra; os cursos n'esta Escola são da mesma duração; permanecem durante um anno no posto de aspirante a official depois de concluido o curso da Escola de Guerra; permanecem no posto de alferes o mesmo numero de annos; têm os mesmos vencimentos e gratificações.

Qual é portanto a razão, porque se excluiu do § 1.º do artigo 431.º os sargentos ajudantes da artilharia de campanha?

Porque é que os sargentos ajudantes da artilharia de campanha não hão de ter ingresso, como os seus camaradas de infantaria e cavallaria, no quadro permanente dos officiaes, quando satisfaçam ás condições exigidas em legislação especial?

Não serão elles tão competentes para commandar uma secção d'artilharia, como os seus camaradas para commandar um pelotão de cavallaria ou infantaria?

Reconhecem competencia aos

officiaes milicianos para commandarem secções e até baterias de artilharia e não querem reconhecer essa competencia aos sargentos ajudantes da artilharia de campanha!!

Não precisa este assumpto de forte argumentação para demonstrar claramente a injustiça que se evidencia pela exclusão dos sargentos ajudantes da artilharia de campanha no preenchimento do terço das vacaturas no quadro d'esta arma.

Não é só injustiça é um verdadeiro escandalo!

E por isso mesmo continuaremos a analysar este assumpto mais detidamente no proximo numero, não só porque entendemos que se devem combater as excepções odiosas mas defender os interesses d'uma classe que tem direito a ser tratada hoje com mais consideração.

(Continua.)

Estendendo a mão á caridade!...

Cheios de vida e esperança rapazes houve que vieram assentar praça e aqui ambicionaram pelo seu estudo e dedicação um futuro mais ou menos sorridente. Porém, a má sorte e de quem menos esperavam, a Republica, põe-os na rua mandando-os licenciar.

Vêm assim desaparecer numa derrocada, sem qualquer murmúrio que explique tão coerciva medida, a somma de trabalho que levaram a fazer os cursos das escolas regimentaes que nenhum valor tem para o civil, ainda, para cumulo da sua já grande infelicidade que ora persegue os cabos do exercito, nossos inseparaveis companheiros do fastidioso trabalho da caserna.

A par d'isto mais alguns annos de readmissão os fez demorar no serviço das fileiras e assim avançaram na idade abraçando com ardor a vida militar, desprezando-se por completo de qualquer mister civil que hoje deploram a sua falta.

Com enternecimento aqui o dizemos que estes dedicados ser-

vidores da Patria, que bem podem classificar de ingrata, breve os desiludiu, lançando-os na miséria! E' lhe tanto mais custosa a lucta pela vida quanto é certo esses homens conhecerem apenas: regulamentos de tiro, de campanha, de tactica, etc., que no civil para nada serve.

Como de nada serve tambem as noções de grammatica, geometria, geographia, historia, etc., que nas escolas militares aprenderam. De nada lhe prestam essas chimeras que lhes meteram na cabeça, porque nem sequer tem a equivalencia d'um simples exame de 1.º grau!

Pode amanhã um cabo apresentar a caderneta que lhe serve de murtalha, com o 3.º curso averbado, para concorrer com qualquer outro individuo a um logar onde seja exigido o exame de 1.º grau, fica preterido; porque estes cursos dos quartéis nenhum valor official tem para esse fim ou outros semelhantes.

Licenciados á força como tem sido, alguns cabos do exercito que já difficilmente podem encontrar no civil uma collocação ainda que modestissima lhes garanta o pão para mitigar a aso-berbada necessidade que os atormenta, vão engroçar a legião da mendicidade.

Não vem longe o contingente que se lhe ha de juntar de outros tantos cabos escorraçados das provincias ultramarinas para a metropole; ou porque acabaram a commissão, ou perderam a saúde, dasse-lhe passagem ao colossal batalhão que nos passeios, nas ruas e nas praças publicas, de medalhas ao peito estende a mão á caridade!...

Juntae, companheiros da desgraça, os obolos mendigados que mão calosa ou ducal vos meteu na sacola da desventura em troca do serviço á ditosa Patria prestado. E, num festim, dos que hoje são tão vulgares, de confraternisação, ataca o estomago com essa metralha e fazei trovejar a *Portuguesa* nas vossas gargantas de coral; atoa os ares com vivas á Justiça, á Fraternidade e ao Progresso!... Não

ao Affonso Costa, Bernardino Machado, Theophilo Braga e outros, porque isso foi chão que deu vinha!!!

Já ha muito tempo que não temos noticias d'elles. Naturalmente estão a descançar da estúpida da Rotunda, enquanto nós andamos por aqui vergados ao peso do progresso-economico que bem mais parece uma fabrica de revoltados.

E ai de nós, portuguezes, se essas fabricas nos faltam!... porque então, ou retrogradamos ou estacionamos; e depois, esta pequena nação, por ser productiva, será assimilada pelos grandes potentados europeus que tendem a fazer desaparecer as raças menores para satisfazer as exigencias do seu numeroso povo attenta a falta de producção que ora se manifesta a passo de gigante nos grandes mundos: — Nuns trasbordam as grandes armadas que sulcam os mares do Universo; e noutros trasbordam as machinas de guerra que cruzam a terra em todas as direcções!

Uns fabricam aço e chumbo para metralhar; e outros produzem o essencial á vida para alimentar o estomago dos seus metralhadores!

Uns refastelam-se recostados nas suas cadeiras com guarnição de docel; e outros morrem num catre do hospital á mingua e á dôr!...

Bem dita seja a humanidade cá do planeta de Affonso... Henriques, em especial; e dos ascendentes em geral.

C.

BREVES CONSIDERAÇÕES

(Continuado do número anterior)

As leis atávicas, é certo, influem bastante no organismo social e muito ha de bom ou de mau que depende unicamente desta circunstância; mas essas leis embora se não possam dissipar, temperam-se, maneando-as segundo as exigencias, competindo essa tarefa mais do que a ninguém, ao professor primário.

Não basta pois termos professores para ensinar a ler, escrever e contar; isso é tudo e não é nada.

Nós imaginamos, com certo afincado de crença, que morto o analfabetismo a sociedade passaria pela metamorfose desejada, ou antes, que todos os males se sepultariam com elle.

Disparatada illusão! Saber ler e escrever não basta para tornar o homem consciente e disciplinado.

Ensiná-lo a ler, é apenas um preliminar dessa missão; nada mais.

Mas para a obra ser completa, muito conviria que os bons patriotas se ligassem a esses professores tanto nas aldeias como nas cidades, e, pelo menos aos domingos e dias feriados, os auxiliassem a fazer a propaganda dos bons ideais.

Por sua vez, delegados idóneos do govêrno, deviam também aproveitar esse ensejo para explicar da ma maneira geral as differenças

do Paiz, pois que o desconhecimento delas por parte do povo, é manifestamente crasso.

E enquanto muita gente culta perde um preciosissimo tempo na critica da politica, caluniando, infamando, a maior parte das vezes sem causa nem competencia, prostituindo as melhores intenções dos homens de Estado, melhor seria que cuidasse do seu paiz, dando-lhe o concurso do seu esforço para lhe melhorar a situação, procurando para isso a esfera de acção compativel com as suas forças intellectuais.

Mas não. A sociedade de hoje na sua quasi generalidade, é da tal que nunca recebeu catequeses de civis-

mo e por isso mesmo é impotente para semelhante sublimidade.

Para o que ela serve melhor, é para os homens de valor e de trabalho, muitas vezes sem outra razão que não seja a de satisfazer os caprichos do seu espirito fecundo em preconceitos e rabulices e árido em doutrinas neotéricas.

A República muito tem feito no sentido de promover uma orientação moderna e garantida na familia portugueza, mas precisa muito de cuidar desta empreza que venho expondo, para que tenha construido o seu inexpugnável baluarte de defêsa.

J. A. Gomes

LITTERATURA

A ALGUEM . . .

São seus olhos as estrellas,
Os labios côr de romã,
O seu rosto tem scintelhas
Como uma linda manhã.

E quando a vejo á janella
Olhando encantos na rua;
Toda de branco vestida
Tem a poesia da lua!

Parêce — qual Deusa Diana,
Com seu lindo olhar d'ufana,
No seu coche cristallino.

E ás vezes fico a scismar,
Sob seu leito côr do mar
Se eu adoro algum anjinho.

F. da Foz — Villa Verde,
1—4—911

Eduardo A. Freitas Tudella.

Cartas a Antonio Rodrigues

O que é facto é que Bernardino Machado não foi eleito para a Presidencia da Republica.

Longe de mim, meu caro amigo, a louca ideia de julgar que a Presidencia da Republica ficou mal em tregue nas mãos de Manoel d'Arriaga; sómente quero aqui frisar a attitude do *bloco* na opposição injusta a tudo o que julgasse selacionado com o illustre autor da Lei de Separação.

Foi então, e obedecendo á logica natural, que se formou o Grupo Parlamentar Democratico.

Esse grupo formou-se porque não podia deixar de formar-se, reconhecida clara e evidentemente a guerra desleal dos grupos que se congloraram para combater Afonso Costa.

Ficou, então, d'um lado a União Republicana, tendo por chefes Antonio José de Almeida e Brito Camacho, e d'outro lado o Grupo Parlamentar Democratico, tendo por orientador Afonso Costa.

Em vez de exporem lealmente os seus meios de viabilidade, começa-

ram os dois grupos atacando-se ferozmente, numa furia desordenada de vaidades e ambições mesquinhas e repugnantes.

A imprensa d'um e outro lado começava tambem em ataques furiosos e insensatos.

União! União!...

Era o grito que soava do norte ao sul, oriente e ocidente do paiz!...

Comtudo, a União que se pedia não era a união em toda a sua lata acepção; não era a união de ideias e principios, porquanto isso seria rematada loucura; seria tentar oppor diques impossiveis á ordem natural das coisas.

Nós vamos ver, meu presado amigo, no proximo numero, a União que se pedia — aquela que todos nós desejavamos!

ACCACIO SERRA.

A todos os nossos collegas, que nos dispensaram palavras amaveis pelo nosso anniversario, os nossos agradecimentos.

Tiveram passagem ao grupo de metralhadoras n.º 5, os nossos camaradas Gomes Maximo e Cruz Vaz, ambos 1.º sargentos d'infantaria 23.

Um abraço de felicitações.

Prevenção

Prevenimos alguns dos nossos collaboradores, que, embora para o publico, se abriguem atraz do anonymato ou qualquer pseudonymo, que a redacção não prescindê dos seus nomes em todos os escriptos, reservando-nos o direito de guardar sigilo quando assim o declarem.

Recebemos uma poesia, em condições de poder ser publicada, mas não o será enquanto não houver conhecimento do nome do seu autor.

CARTA

Cidadão redator do jornal *A Voz do Sargento*. — Já passou um ano de assinatura do vosso jornal, e, até hoje, apesar da vontade de meter o meu bedêlho, permita-se-me o termo, nas lides jornalisticas, ainda não tive a coragem de vos endereçar algumas linhas.

Noutros jornais, ás vezes, tenho rabiscado qualquer coisa em que procuro fazer traduzir o meu pensamento revoltado contra tudo o que seja injustiça; outras vezes apoiando e instigando individuos mais conhecedores do que eu, á pratica ou persistencia nos seus escriptos uteis á sociedade.

Presentemente eis-me num d'estes casos.

Publicou o vosso jornal n.º 55, de 14 do corrente, sob a epigrafe *Maus patriotas*, uma local que deveras me sensibilizou. Nela ha lamentações verdadeiramente patrioticas lançadas sobre um povo que tendo sido, outr'ora, o simbolo da modestia e da cordura, se tem convertido, pela falta de educação civica, em azorague d'estas mesmas qualidades que tanto o dignificaram; ha nela energia tão digna, no apelo á justiça, para castigar os arrua-ceiros de mascara, que muito enaltece as qualidades pessoais do seu articulista e nos enche de entusiasmo, pois que não é facil muitas vezes dizer-se o que nos vai na alma.

Infelizmente, serão poucos os que ao seu lado enfileiram, porque a suprema vaidade de querer ter fóros de bom ou de parecer não ligar importancia ao que em redor d'elles se passa, quer sejam coisas que digam respeito á Patria, quer particulares, já avassalou quasi todos os espiritos.

E, se alguém vai fóra d'esta criminosa rotina, não faltam duestos de pedantes, zombarias de insolentes e chasquear de fleugmaticos balôfos apregoando a comparsas de opereta que é inconveniente vir na imprensa, assim, dizer as verdades, pedindo premio para os bons e castigo para os maus patriotas!

Sim neste nosso querido paiz

onde infelizmente sobeja a vaidade e a barriga, mas onde escasseia o patriotismo, é talvez perigoso dizer verdades como as que o articulista d'essa local referiu; mas não será um crime dizel-as e repetil-as amiudadas vezes para que sirva de lição aos que vivem na sombra e de alento aos que são verdadeiros patriotas.

Não desanime, pois, Soares d'Almeida e não abandone o timão da verdade e da justiça, que assim só naufragará quando estas também o tiverem.

Mt.º at.º obrg.º

Lagos, 17 de Fevereiro de 1912.

José da Cruz Barros,

2.º sargento da guarda fiscal.

Ao Sr. Ministro das Colonias

Por intermedio de um amigo, foinos presente uma carta d'um distincto official, que, por não dispormos de espaço, não podemos publicar já d'uma vez, mas que iremos publicando por partes e para a qual chamamos a atenção de sua ex.ª o Ministro das Colonias.

Meu caro amigo:

Saude e felicidades é o que lhe desejo. Como sabe, encontro-me em Cabinda, no Congo, onde continuo a dar-me bem, apesar do clima não ser dos melhores e onde não considero, já agora, pelo que lhe vou relatar a minha estada inteiramente inutil.

Cabinda é um bom porto de mar, que se presta admiravelmente para testa de caminho de ferro, que atravessasse todo o Congo, região fertilissima e de uma exuberancia de vegetação extraordinaria.

Sabe o meu amigo o estado do nosso paiz e por isso calcula, que tudo isto não é o que poderia e que pôde ser ainda.

O nosso dominio mesmo, não é aqui completo, pois que o estrangeiro procura empolgal o.

Escrevo-lhe, para que o meu amigo possa levar ao conhecimento de todos os que se interessam pela sua patria, acontecimentos aqui passados, para resolver como entender no sentido da maxima solidariedade com os mesmos acontecimentos, que vou relatar, para defeza e manutenção do nosso dominio n'estas paragens, para prestigio e auctoridade da Patria e da Republica.

O que aqui se passou foi o seguinte:

Na vespera do dia de Natal, eu, trez camaradas meus e mais dois funcionarios civis d'aqui, fomos á missão catholica que fica a 25 kilometros de distancia da sede do districto, á missa da meia noite.

Depois de termos estado em casa dos padres da missão, que são francezes, na occasião em que dois cortejos constituídos, um por individuos do sexo masculino e o outro por individuos do sexo feminino, entoando um cantico religioso, se dirigia para a capella proxima, ao som tambem de instrumentos metalicos, tocando a alvorada, dirigimo-nos para a mesma capella e com a maior correção e acatamento, assistimos á solemnidade religiosa, e creia o meu amigo, que pela minha parte, cá n'estas plagas e pela dos meus companheiros, segundo elles dizem não

se achava desagradavel, antes pelo contrario, estar-se ouvindo a musica e os canticos.

A uma certa altura, porém, principiou a communhão, e como dentro e fóra da capella estavam aproximadamente trezentos pretos e mulatos, entre crianças e adultos, para commungarem, estava-se demorando muito aquelle acto e promettia, pelo que alguns brancos, que ali estavam e que eram os que já indiquei, sahiram da capella.

Até aqui tudo correu bem, como vê, porém, passado algum tempo, na occasião em que dois tenentes entravam de novo na capella, dizendo um para o outro, que estava ali muito calor, foi um d'elles advertido provocantemente por um preto de que ali se não fallava, retorquindo-lhe aquelle, que se callasse elle, dando-lhe acto continuo um sôcco, por ter o preto levantado a mão de uma maneira aggressiva.

Estabeleceu-se grande motim, atirando-se os pretos aos dois tenentes, como uma onda negra que pretendesse tragal-os, aguentando-se elles na refrega com a maior valentia, distribuindo sôccos para todos os lados, pois nada tinham nas mãos com que se defendessem, por estarem completamente desarmados, enquanto alguns manejavam cacetes.

N'estas circumstancias, tive eu de intervir, e, arrancando um pau das mãos d'um preto, consegui com o auxilio de quatro sargentos, que até ali tinham estado sempre fóra da capella, entrando por saberem os officiaes em perigo e d'um dos funcionarios civis, a que já me referi, prender o preto, que mais se salientava, e acabar com o conflicto dentro da capella, trazendo o preso para fóra da mesma.

Nesta altura o superior da missão, padre André Espinassa, francez, da congregação do Espirito Santo, que até ali, passivamente, a tudo assistira assim como os outros padres, exigiu que se soltasse o preso, mantendo eu a ordem que tinha dado, de ser o preso conduzido para a cadeia.

Para tal exigir fiava-se o padre na attitude da pretalhada da missão, que se tinha afastado com ar aggressivo e formado grupos nas proximidades.

(Continua.)

Adriano Correia d'Almeida.

TIMOR

O que é Timôr?

Se a pergunta fôr feita a um geographo ou a quem saiba um bocado de geographia, diz-nos logo que é uma pequena ilha situada na oceania, a taes e taes graus de latitude e longitude; se fôr feita aos defensores do D. Manuel, dizem que é um lugar muito bom para os jacobinos; e se ella ainda fôr feita aos homens que superintendem na nossa administração, triste é dizel-o, volvem logo que é um sitio muito adequado para os traidores!

Compulsadas as respostas só vemos que os primeiros é que falam verdade, por quanto os restantes, não são mais que um aggregado de mentiras de lesa malvadez ou ignorancia, porque embora o celebrado João Franco, tornasse esta colonia lendaria, com a sua lei de 13 de fevereiro, igualmente celebre, a colonia longe de ser o que muitos supõem, é talvez uma das poucas que

n'um futuro não distante, rivalisará com as mais afamadas que possuímos, se os que surprehendem aos seus destinos não descurarem os seus interesses.

A ignorancia d'uns e a requintada má fé d'outros, tem feito d'esta colonia cavillo de batalha para satisfazerem as suas ambições, já ameaçando com ella a todos que lhe causavam estorvo, os que estavam no poder, já fazendo vêr, os que o ambicionavam, o logar que estava reservado áquelles que se não quizessem impôr aos desmandos dos primeiros, e como tem sido por causa d'estas e outras que a provincia tem uma reputação pessima, e uma vez que estão no poder homens cheios de boa vontade, não era desconveniente que lançassem os seus olhos compassivos para ella e a auxiliassem a adquirir o credito a que tem jús, já por meio de conferencias publicas, já por meio de jornaes, e ainda por meio de folhetos que distribuidos gratuitamente, descrevessem não só a benignidade do seu clima, que a meia hora do litoral para o interior é optimo, mas ainda o solo e o que é susceptivel de dar e que a meu vêr, nada ha que se não dê n'esta abençoada terra, tão fertil é o seu terreno e tão variada a sua temperatura é.

Timôr, 25 — X — 911.

(Continua.)

Agostinho Leonardo Rodrigo,

2.º sargento d'artilheria.

UM MARIOLA

Por conhecermos o malandro a quem o nosso amigo padre Tavares se refere, transcrevemos da *Folha de Tondela* o que segue:

«Enviado pela mão oculta de certo mariola, trouxe-me o correio um livro de propaganda religiosa, cujo conteúdo não discuto, por me parecer escrito com orthodoxia. Tambem não discuto o defeito de ser um livro anonimo, porque livros ha, como o da Imitação de Cristo, que me merecem todo o conceito, apesar de, até hoje, não saber, ao certo, quem seja o seu autor.

Mas se o livro, em si, me parece bom, o pandigo que teve o descáro de o macular com a sua pena imunda, deturpando a sua doutrina para enlamiar, com as mais nojentas referencias, uma pessoa inofensiva, é que me parece ser um verdadeiro mariola!

Simbolo da hipocrisia e da mentira, astuto e miseravel cobarde, não duvidou aviltar-se, transformando-se na mais daninha toupeira, para ver se infeccionava de virus peçonhento o caracter de quem, pelo menos, se présa de ser sincero.

Tambem tenho defeitos; tambem, como qualquer outro, tenho faltas no cumprimento dos meus deveres profissionais; mas aquelas de que tão caluniosamente me acusas, deturpando o meu procedimento de padre pensionista, ainda não mereceram as censuras dos meus bons freguezes e ex.º prelado, a quem deveria competir condenalas, se realmente as tivesse cometido. Se eles um dia me vierem a condenar, sofrerei tão resignadamente o castigo, como corretamente julgo ter procedido até hoje, cumprindo os meus deveres de paroco e de cidadão.

Confortar-me-ha, ao menos, a esperanza de que alguém me fará justiça á minha sinceridade; ao passo

que tu, cobarde, serás sempre amaldiçoado por toda a gente de bem, porque, encoberto com a maldita capa da hipocrisia, de que nunca te despojaste, tramas na sombra contra a reputação alheia, pretendendo denegrir o caracter de pessoas bem intencionadas.

Deturpaste o livro para me ferires, como deturpas as doutrinas de Cristo, de quem te dizes lidimo representante, para iludires os ingenhuos e hipocritamente os explorares; mas quem te não conhecer que te compre, que, para mim, és um grande mariola.

Barreiro, 14 2 912.

O vigario — F. Tavares.

Bailes do carnaval

Não podiam ser mais imponentes os que se realizaram no Club Recreativo e Coimbra-Centro nos dias 18 e 20 do corrente, para os quaes recebemos convites que agradecemos bem como as atencões que nos dispensaram os seus illustres presidentes.

Está bastante doente a gentil filha mais nova do sr. tenente de infantaria 23, Manuel da Silva Piedade, a quem desejamos um rapido restabelecimento.

Começou já a instrucção de tiro para os recrutas d'infanteria 23 e grupos d'administração militar.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importancia da sua assignatura correspondente a um anno do sr. Paulo da Silva Coelho, 2.º sargento d'infanteria, Evole; a de um semestre dos srs. José Pedro de Mattos, 1.º sargento d'infanteria 4; José Alves Arezes, 2.º sargento d'infanteria 3; e a de um trimestre dos srs. Joaquim Antonio Relá, 2.º sargento reformado; Joaquim Cabrita, 2.º sargento d'artilheria; Joaquim dos Santos Farrejota, 2.º sargento d'infanteria 4; Manuel José Viegas Lata, 2.º sargento em serviço na emigração clandestina, em Elvas; Antonio José Gonçalves Negreiro, 2.º sargento e Braz Antunes, 1.º sargento da guarda fiscal; Adriano Gabriel d'Aguiar Dias, capitão, Fernando da Conceição Rego, tenente, Manuel Branco Baptista, 1.º sargento, Emilio José da Matta, Filipe Cardoso Carbanças, 2.º sargentos, todos do Forte da Graça; Augusto Emiliano Gonçalves, 2.º sargento d'artilheria; Manuel Antonio Vieira e Manuel Antonio Lucio, 1.º sargentos, Mariano Leonardo Rana, Domingos dos Reis Severo, 2.º sargentos, todos de metralhadoras 4; Joaquim Pires Baptista, 2.º sargento da companhia de subsistencia, Elvas.

Officiaes de barbeiro

Foi festejado no domingo o aniversario da associação de classe dos officiaes de barbeiro e cabeleireiro, realisando se uma sessão solene e um sarau, no Centro Fernandes Costa.

Apareceu ha dias no commissariado de policia, a pedir para ser internado num asylo, um pobre velho que conta a bonita idade de 108 annos.

Bernardo d'Assunção

Foi promovido a tenente chefe de musica de 2.ª classe o sr. Bernardo d'Assunção, regente da banda do regimento 23.
As nossas felicitações.

CARTAS D'ALÉM MAR**AVANTE**

Como faz bem nos momentos de indignação pelo atrofamento moral e fisico, pronunciar religiosamente estas seis letras!

Nas horas tragicas do heroismo é a palavra que mais assalta um heroe, que mais o incita a acommetimentos grandiosos, que mais o entusiasma!

Anteposta ao vocabulo Liberdade, é de uma harmonia ideal arrebatadora!

A'vante por tudo quanto é justo, e liberdade por tudo quanto for logico, são duas coisas que diferentes se fundem numa só, á aspiração dos oprimidos,

A'vante, encute coragem e liberdade a aspiração, por isso eu hoje d'estas longinquoas paragens e em homenagem aos heroes da revolução grito como elles ha um anno:

A'vante pela Patria e pela Republica!

Timor, 5-X-911.

Nardoel

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

4.º

Oxymos

a) *Definição* — São vermes cylindricos de 3 a 13 milímetros de comprimento, mais delgados que os antylostomos, habitando em geral o anus, recto e intestino grosso.

b) *Symptomas* — Prurido violento e sensação de queimadura no anus, sobretudo á noite. Nas creanças é que se encontram principalmente estes parasitas.

Nas raparigas podem passar para a vagina.

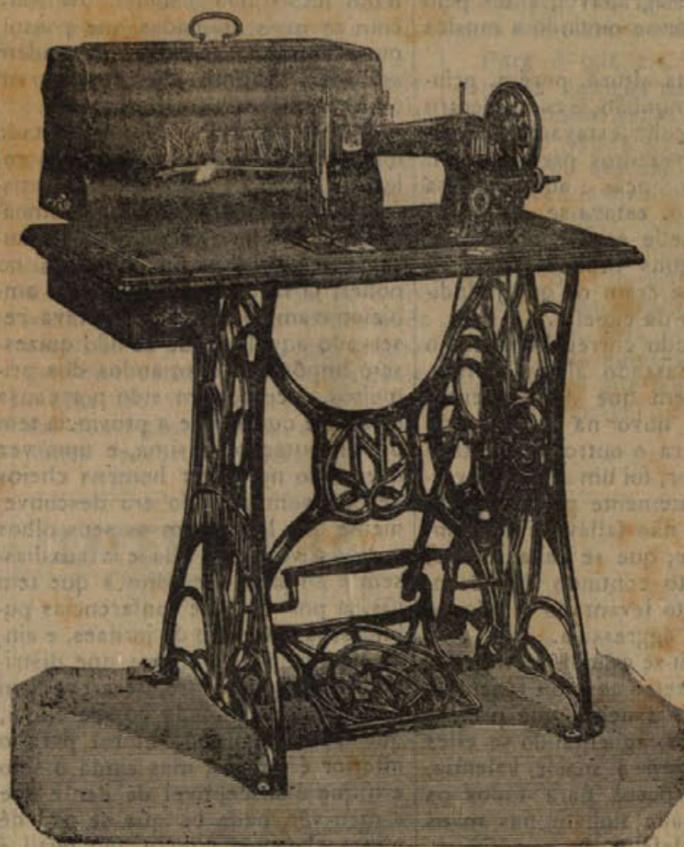
Os signaes ou symptomas certos são o apparecimento ou o encontro dos ovos nas fezes que, tal qual na doença anterior, só um tecnico com o microscopio poderá verificar.

c) *Tratamento* — Dar-se-ha a santonina e calomelanos (lenticulas vermifugas) como no tratamento das lombrigas.

Para o prurido untar como pomada mercurial fraca (Pomada mercurial fraca — Tome 5 grammas da forte cuja formula adeante se transcreve e junte 15 grammas de vaselina, misturando bem) (Pomada mercurial forte. Mercurio, dose 1 gramma. Lanolina 9 grammas. Mixture bem). Será facilitado o tratamento com crysters frios.

c) *Prophylaxia* — Grande limpeza de tudo quanto possa inquinhar os alimentos das creanças.

(Continua.)

**CASA J. DA FONSECA**

Rua do Visconde da Luz — 1

Praça 8 de Maio — 8, 9 e 10

COIMBRA

Machinas de costura NAUMANN e AMERICAN —
Bicycletes B. S. A., PEUGEOT, e de diferentes marcas.
Bicycletes B. A. L. — desde 30\$000 réis!!!

Instrumentos musicos e accessorios

Pianos GAVEAU — Pianos usados

Vendas a prestações e a prompto pagamento
com grandes descontos

Peças soltas, Agulhas, Oleo, Algodão e Seda para todas as machinas

COMPLETO SORTIDO D'ACCESSORIOS PARA BICYCLETES

Reparações garantidas

Agencia da Companhia de Seguros

COMMERCIO E INDUSTRIA

LOCAÇÃO DE PIANOS

ALUGAM-SE BICYCLETES

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2\$500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

**DROGARIA VILLAÇA
COIMBRA**

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc.

BONETS**ARTIGOS MILITARES**

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro Uniformes para militares.

IMPrensa ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.
Execução rapida.

**Importantes leis da Republica
Portuguesa**

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Codigo do Registo Civil, 200 réis.

Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrucção Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis.

**Anuário Comercial e Industrial
do Distrito de Coimbra**

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, comerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de annuncijs. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

tros tempos tão defendida com calor, entusiasmo e apregoado desinteresse da parte do citado senhor.

Miserias da vida!

Se outr'ora alguém nos dissesse que Antonio José assim procederia, seria por nós escorraçado...

E comtudo hoje o que vemos?!

Esse popular e querido orador desquitado dos seus companheiros de lucta, attrahindo a si, a corja por elle acerrimamente causticada, aquelles que antigamente punha abaixo da lama e hoje lhes adoça a boca, lhes faz tagatés e chega a ser ridiculo aos nossos olhos que tivemos por elle muita consideração e que fazemos votos para que com os seus processos não arraste este querido Portugal, até onde difficil é presagiar...

Carta dirigida a um amigo

Meu caro amigo e collega

João M. D. Agria

Lubango

No jornal *A Voz do Sargento*, publicado em 26 de dezembro do anno findo, vem escripto um artigo meu, sob a epigraphe — *Carta d'além mar*; em que insere alguns periodos não satisfactorios para alguns camaradas.

Consta-me, de facto, que a impressão não é boa por parte de quasi a totalidade dos sargentos de Lubango, porquanto, segundo dizem por ahi, encerra ali termos suggestionarios e que evidentemente alguns estão abstractos de taes attrictos; é natural que o meu amigo calcule esteja, tambem, incluído no numero desprestigiado, mas não está...

Não mencionei nomes pessoases, e isso bastou para os conhecermos, por isso que se julgaram muito intelligentes, fechando o jornal e indressando-m'o com injurias e deprecições que não estão abalisados a fazer; porém, é certo que o meu amigo, comquanto o seu senso comum e alto criterio d'homem honrado não fizesse isso, julgo-o offendido sem esta affirmativa de que não foi, por pensamento algum incluído nesta questão.

Não o quiz nem quero incluir no despotismo da classe, muito embora se diga ali alguns *collegas*, esta palavra deve ser rectificada no nosso jornal da *Voz* para *camaradas*, pois a interpretação é muito differente e na realidade é o que deve ser.

A causa do despotismo não o affirmo só eu, querendo fazel-o, está a meu lado o 2.º sargento Dores a quem foi dirigida a phrase de *graxa* por alguns segundos sargentos a um primeiro.

Portanto, meu caro João, aqui lhe patenteio tanta gratidão pelo seu procedimento criterioso, como lhe assevero que vou pedir a publicação d'estas linhas dirigidas a um homem honrado e sério, e, tambem com o fim de mostrar a esses intelligentes... que não temo as suas supplicas infundadas e malévolas!...

Termino esta, com um apertado abraço do que se confessa

amigo muito grato

Manuel P. Roxendo,

1.º sargento de cavallaria.

Foi collocado em infantaria 15, o nosso amigo José da Silva e Souza, nosso companheiro de trabalho na fundação d'*A Voz do Sargento*.

LITTERATURA

VERSOS SEM ARTE

À BORGUEZIA

A ti, burguezia, que medras na crapula
E te deleitas no horrído sofrimento do pobre
A cujas filhas pões a primeira macula,
Eu digo: só vales o teu dinheiro, já não és nobre.

A ti que o ouro, mercê do nosso suor, juntas a montões,
A ti besta humana, nau sem rumo nem sorte,
Eu digo: a humanidade emancipou-se já não tem grilhões,
E para ti, impiedosamente agora, vota a morte.

A ti, que á descendencia entregas esta tutela escravizadora,
E, não vês, tal é a cegueira, a nossa emancipação,
Eu digo: para traz egoista, que minha raiva esterminadora,
Porá cobro á tua infrene e despotica ambição.

Alcunhas a plebe de escoria e de ambiciosa,
E não vês, não sentes, não tens uma facultade
Que te mostre, faça sentir e diga imperiosa,
Que essa peculiar ambição tem principio na Desigualdade?

H. H. Branco.

Organização do exercito colonial

Sr. director. — Peço-lhe algumas palavras sobre o seguinte:

Tantas vezes tenho ouvido fallar da nova organização do exercito colonial, que chego a convencer-me de que a commissão nomeada para a estudar ha tanto tempo, está a confeccionar tropa de barro para completar os quadros de todas as provincias, supondo balões, que não ha gente para os completar.

Pois temos cá 1.º sargentos com mais de sete annos de posto e muitos dos quaes, por motivo de idade, vão perdendo a esperança de serem promovidos a alferes, o que se poderia remediar se se augmentasse o actual quadro privativo ou se criasse o quadro colonial, mas mais largo, para nele poderem dar entrada antes de chegarem a ser atingidos pelo limite de idade, todos os actuaes 1.º sargentos que estejam nas condições de promoção, que são já bastantes, deixando assim um caminho aberto para os 2.º que estão vendo prejudicados os seus belos projectos feitos quando se aventuraram a dar o passo para o Ultramar.

10-2 912.

Pacho

O que é um jornal

O homem que sabe ler e não tem um jornal em casa, é como a pessoa que póde comer, apresentando-se-lhe pão, e morre de fome.

E' bem certo que tu gastas com qualquer bagatela mais do que necessitas para pagar uma subscrição!

Toma, pois, uma assignatura, paga-a.

Não ha nada que dê peor ideia de uma pessoa do que o facto inverosimil e altamente humilhante déla assinar e não pagar, pois de tão pouca coisa chegamos a esta tristissima verdade.

Quem trapaceia, mesmo um nikel a um pobre jornalista, é porque tem más entranhas. Isso é, infelizmente, a dura realidade; convence-te e desengana-te.

Não leias coisas inuteis nem peças jornais emprestados a quem quer que seja, porque, sendo o jornal o pão, pedil-o emprestado para ler, é o mesmo que comer em casa alheia.

Acostuma-te a ver que em tua casa não falte algum jornal e por via de regra paga pontualmente a tua assinatura.

Não te arrependers!

Um jornal é um amigo que nos visita e ensina muito. A leitura dos jornais torna-se indispensavel.

Uma pessoa, embora pobre, deve assinar pelo menos um jornal.

Um jornal é o amigo que nos entra pela porta a dentro e nos vai levar noticias de toda a parte.

O jornal é o advogado dos interesses do povo, para o qual dedica as suas forças.

O jornal é o propagandista que mais se empenha pelo desenvolvimento da industria e do commercio.

O jornal é a tribuna publica onde falam todas as ideias e onde se discutem todos os assuntos magnos de interesse geral.

O jornal instrue: é por assim dizer uma escola que modifica o caracter do individuo e o habilita a acompanhar questões de alta importancia.

X.

(Do Sul da Beira)

DESANIMO

Já o padre Antonio Vieira dizia: Não louvo nem condeno; admiro-me...

Eu não louvo, porque devia condenar, e não condeno porque me é defezo fazel-o, expandindo comtudo, na qualidade de cidadão livre, a dôr que me vae n'alma, ao presenciarmos os descabros moraes de que vou sendo espétador impotente.

O tribunal das Trinas vae pondo

em liberdade uns *desgraçados* que a *vil calumnia* aquilatou de conspiradores!!!

Esses infelizes, desprotegidos da sorte, logo que recebem a almejada liberdade, vão refazer-se das forças perdidas em Caxias e Alto do Duque, para Verin, Tuy e Orense. Coitados! Não irem antes para o raio que os parta e mais alguém...

De infantaria 10, dizem os jornaes, fugiram umas dezenas de soldados, para se juntarem ao D. Quichote! Ah, Cervantes, perdoa-me a comparação.

Quando um exercito, que é exercito, constitue uma familia, doe nos sempre ver a desdita que sofre qualquer dos seus membros.

Vão sendo licenceados, nos termos do art. 473.º da organização do exercito, alguns 1.º cabos que voluntariamente assentaram praça ha dois anos para seguir a vida militar. Dois anos de percurso neste tenebroso val de lagrimas, são um peso enorme na balança da vida.

Ha dois anos que se eles soubessem o que hoje lhes sucede, poderiam ter trocado a louca ambição de envergar uma farda e defender a Patria, por qualquer officio que lhes assegurasse o pão de cada dia. No commercio já usariam meias solas, e agora vão lutar talvez com a fome, até que recobrem o tempo perdido!!! Times, Times!

O abaixo assinado, na qualidade de presidente que foi da já celebre commissão de sargentos, declara:

1.º — Que não teve, não tem nem terá em seu poder, quaesquer fundos da mesma commissão.

2.º — Que desembolsou, mas não desembolsa nem desembolsará mais, qualquer quantia para a mesma.

3.º — Que segundo informações, o fundo da mesma commissão, que não é pouco, esteve, está e estará até que se tomem providencias, em poder do tesoureiro, Inacio Cabral, 1.º sargento de caçadores n.º 5.

4.º — Que o mesmo senhor foi pelo declarante, particular, amigavel e oficialmente convidado a comparecer ás reuniões e prestar contas, ao que sistematicamente se recusou.

5.º — Que se não procedeu como devia, em face de tal recusa, pela brusca retirada para o norte.

6.º e ultimo — Que esta declaração vae com vista a inofensivas almas a quem o declarante não deu, não dá, nem dará satisfações, por os julgar com temperatura da Siberia.

Braga, 12-3.º-912.

C. Beja da Silva,

Sargento ajudante de caçadores 2.

CARTAS D'ALÉM MAR

TIMOR

Dos diversos alvires para o desenvolvimento da cultura do café, cacau, borracha, coqueiro, algodão, canna doce e muitas outras ccisas — que uma longa estada aqui me tem suggerido, parecia-me que o melhor que o estado tinha a fazer, era criar escolas agricolas regionaes, nas quaes fossem internadas todas as creanças entre os 10 e 15 annos, aonde a par da instrução intelle-

ctual lhe fosse ministrada a da agricultura e alguma profissional e logo que as creanças de ambos os sexos tornados homens e mulheres, constituir povoações exclusivamente de internados, a quem no acto da sua sahida fosse entregue alguns centenares das arvores de fructo, que durante o seu internato tivessem plantado, e das quaes, o estado ficaria cobrando um imposto por um determinado numero d'annos, findo os quaes ficavam sendo propriedade particular de cada um, mas sempre com a clausula da escola tomar conta d'ellas logo que no seu possuidor se reconhecesse ser desleixado incorrigivel.

O alvitre exposto parece-me que não é de todo em todo mau e creio mesmo que a não ser assim será difficil, scñão de todo impossivel, civilisar-se esta gente com toda a sua indolencia e aproveitarem se todos os terrenos susceptiveis de serem fontes de verdadeiras riquezas, antes que a ignorancia dos indigenas e indolencias de muitos que só pensam no dia em que terminam a commissão de serviço os devalorisem.

Mas o dinheiro, o dinheiro para taes despesas aonde o vamos buscar? Perguntar-lhe-hão muitos.

Não é preciso muito, creiam-n'o, e se não é verem nos proximos numeros, caso os nossos camaradas da redacção, honrem este com a sua publicação.

Timor, 3o — X — 911.

(Continua.)

Agostinho Leonardo Rodrigo,
2.º sargento d'artilharia.

ADEUS MOSSAMEDES!

Adeus Mossamedes, terra do cará (batata doce) peixe e pianos e tambem de muita gente bôa; adeus Mossamedes perfumada de pó di ar-rôz das carinhas de donzellas... gordúxas e infezadinhas, incluindo tambem, já se comprehende, as muláttinhas (quasi todas) de narizes achatados e cheirando muito bem a águas de varias especies, com o fim de occultarem um só cheiro nauseabundo: a *cattinga*, que herdaram das mães negrinhas que desprezam e offerecem chicote! (sic)

Adeus Mossamedes, sertão á beira-mar plantado, que consentiste dêssem o nome de largo *Arthur Torres*, ao largo fronteiro á estação do caminho de ferro quando, é certo, que tal individuo não conseguiu ser elevado a *diputado* nem tão pouco a conservação no mesmo caminho de ferro como engenheiro director, por querer administrar á antiga... (sic)

Tal nome não póde continuar por muito tempo!!! Ha de forçosamente ser substituido pelo nome do grande democrata, ex.º Governador Caetano de Carvalho Correia Henriques, que mette muitos dos teus filhos *batateiros*, e outros typos *chrónicos* do continente portuguez na ordem e progresso!

Adeus thalassa, que chamaste espantalho, no kilometro 147 do caminho de ferro — *apoiado pelo camaradinho Feliciano*, (o pala de chumbo) — ao escudo representativo do actual e bello regimen!

Ainda não te arrependeste?

Adeus thalassa do thalassa que offereceu cavallo marinho e chamou quadrupedes a cidadãos dignos de estima que, no tempo da vil e para sempre deposta monarchia, votaram

nas ultimas eleições pela Republica hoje felizmente implantada! (sic)

Adeus thalassa — *vice-consul* — que ainda esperas a todo o transe (com outros da tua laia mas interesseiros de barriga) uma intervenção estrangeira!

Não thalassas!... tal não acontece, porque para traz não se volta, mas sim avança-se sempre para a civilisação.

Adeus garboso, que, resplandecente de estrellas, consentiste no alto do posto meteorologico que um *bigode rapado* fizesse signaes de avançar bêstas... com a gloriosa bandeira verde e encarnada, symbolo da nossa querida Patria Portuguesa redimida, sem que por tão escandalosa e inadmissivel occorrença as auctoridades tomassem nota e prohibissem, pedindo-te a responsabilidade, apesar de se encontrarem presentes!!!... (sic)

Adeus moralizador justiceiro que não prendeste, como te competia, um garoto, que, com o cavallo que montava, atropelou um teu soldado policia que ficou ferido gravemente!

Adeus caritativo... que soccorreste um garoto filho de boer, indo com elle por um bracinho á pharmacia da *élite*, e não um soldado tambem ferido, mandando em vez do soccorro devido e caricias, lavar o sangue derramado para não dar nas vistas! Pois depreheende que o soldado pode ter tanta, ou mesmo mais dignidade do que tu apesar de ser unicamente um simples soldado raso.

Adeus thalassas que no nojento jornal *O Sul* insultaes injustamente o digno governador, actualmente ausente, ex.º capitão Caetano do Carvalho Correia Henriques!

Mas vós se assim procedeis é para evitar o *arrefecimento* de algebeiras e por isso andaes sempre ao mando dos grandes *thalassões*, alu-gadores e vendedores de pretos de carne e osso exactissimamente como elles.

Adeus *macuta e dez réis* que te fizeste thalassa assanhado por se ter acabado a tua mangedoura no palacio do governo. (sic)

Adeus thalassa que não quizeste que se deitasse fogo em 5 de outubro, mas o fogo appareceu na retirada do ex.º governador que ha-de voltar, ou para melhor situação, para vos affligir.

Adeus advogados de *cutatas*, de intelligencias rarissimas...

Adeus amigos de Mossamedes, que vou ser presente á junta de saude provincial, para regressar á minha querida patria: *Portugal!*...

Adeus Mossamedes, que afinal não és má terra, mas os *aristocratas* arruinam-te pouco a pouco se, sem perda de tempo, o Governo lhes não metter um freio.

Adeus acérrimos thalassas que quereis um governador á vossa feição, isto é, querei-vos governar e o governador sómente para bailaricos, beijócas... caçadas, batota no Garrett, consentir a escravatura, etc., etc., (sic)

Adeus thalassas que apresentaste na ponte caes uma cadeira com corôa encimada por uma cruz, tal e qual á antiga... para o presidente da commissão dos festejos de 31 de janeiro findo, nella se sentar!!!

Adeus presidente do centro colonial, amigo e protector dos pobres, que tenho paixão por andares illudido e conviveres com semelhante e abominavel seita!

Adeus boa gente que frequentaes tal centro!...

Haja só um partido a valer: — Republicano!

Um só partido mas a valer!
Assim o affirma um grande estadista.

Ordem e progresso, Republica e legalidade!

Adeus 4.ª companhia de deposito que mais me parece, nos ultimos tempos, uma companhia de saltimbancos do que um quartel de militares, com especialidade nas dependencias das secretarias que devem ser sómente habitadas por sargentos. (Sic)

Adeus amigos e correligionarios!
Eu defenderei sempre por onde transitar a nossa querida Republica Portuguesa, não a deixo desvirtuar e espionarei eternamente os reacionarios.

Adeus rua dos Calheiros!
Adeus velhas ciumentas!
Adeus Moinho das Furnas!
Adeus Mossamedes!

Camaradas! Os sargentos e equiparados da guarnição de Mossamedes desejam-vos, e aos vossos, mil venturas.

Adeus camaradas do Exercito Colonial!

Viva a Republica!
Viva a democracia!
Abaixo os traidores á patria!
Mossamedes, 10 de fevereiro de 1912.

João Ribeiro Guimarães,

2.º sargento.

Batalhão Nacional

Realizou-se domingo a festa comemorativa do 1.º aniversario do Batalhão Nacional.

A's 8 horas houve exercicio no quartel de Sant'Ana, e ás 13 nova formatura na insua dos Bentos, a que assistiu o sr. general comandante da 5.ª divisão do exercito.

A' noite teve logar na Associação dos Artistas o sarau promovido pelo Batalhão Nacional, em que tomaram parte distintos oradores.

Livro

Temos sobre a nossa banca de trabalho a 17.ª edição da *Arimetica, Sistema metrico e geometria*, do sr. Ricardo Diniz de Carvalho, para uso das escolas primarias.

Não gastaremos tempo em elogiar o perfeito trabalho do distinto professor primario, porque o acolhimento mais que favoravel que ella tem tido, desde a sua primeira edição, em todo o paiz, é o maior elogio feito ao seu autor; sómente diremos que a nova edição é consideravelmente melhorada.

A *Voç do Sargento*, felicitando o digno professorado primario portuguez, que tão belos ornamentos possui, como Ricardo Diniz de Carvalho, agradece a gentileza cativante da oferta.

CARTA

Thomar, 12-2-912.

Cidadão director.

Como cidadão portuguez que sabe «que a preferencia é a mascara do consentimento», cabe-me nesta hora solemne dizer relativamente ao caso da ditadura militar já publicado em columnas d'alguns jornaes, o seguinte:

«Pezem bem a responsabilidade perante a Patria, os que mesmo re-toricamente aprovam semelhante facto.

«Vejam e não se esqueçam do apuro de tão tremenda responsabilidade.»

Encerro esta dizendo que limpo de todo o falso pensamento e com a maior lealdade estimava que os jornaes da nossa classe não se referissem a tal assumpto, que muito nos pode prejudicar.

Natal.

PLACARD

Pedimos aos nossos assignantes a sua attenção para os recibos de cobrança que vão ser enviados para o correio, afim de evitar a devolução com as malditas sacramentas: *avisado e não veio pagar—apresentado e não pagou.*

— Tendo-se queixado grande numero de assignantes da falta da recepção regular do nosso jornal, pedimos a fineza de nos dizerem qual o numero ou numeros que lhes faltam, que immediatamente serão en-viados.

Outrosim pedimos tambem a fineza de nos avizarem em postal, de qualquer mudança de situação ou residencia, para se poder providenciar para devidos fins.

Recebemos e muito agradecemos a importancia de sua assignatura por trez trimestres dos srs. Antonio Soares, 1.º sargento d'infantaria 23; Manuel Pereira Machado, Coimbra; João de Brito Pimenta d'Almeida, capitão da administração militar.

A de um semestre dos srs. Manuel Augusto Pedro, sargento-ajudante do regimento d'infantaria de reserva n.º 23; Joaquim Maria Ferreira, major d'infanteria 23; Gaspar d'Almeida, 2.º sargento do grupo de metralhadoras 5; Humberto Rogerio M. Stoffel, correeiro d'infantaria 35.

A de um trimestre dos srs. Manuel da Silva Piedade, tenente, José Alves da Silva e Luiz Rodrigues Jacob, 2.º sargentos, Manuel Martins Candido, sub-chefe de musica e Eduardo A. de Sousa, musico de 3.ª classe, todos d'infanteria 23; Henrique da Costa, Antonio Ribeiro das Neves Machado, Eduardo Simões de Faria Couto, Joaquim Lopes Gandarez, João Machado, Imprensa Académica, João Gomes dos Santos, Prim Antonio de Figueiredo, Cortinhas & Ferreira, Antonio Caetano e Joaquim dos Santos, todos de Coimbra; João Antonio, musico de 1.ª classe, Luiz Villa Verde, 1.º sargento, ambos d'infantaria 35; Antonio Joaquim Gomes Maximo, 1.º sargento do grupo de metralhadoras 5.

Doente

Tem estado bastante doente o nosso amigo e assignante Manuel Martins Candido, sub chefe de musica de infantaria 23.

Um prompto restabelecimento é o que deveres lhe desejamos.

Reunião familiar

Correu bastante animada a reunião familiar que se realisou no domingo no *Club Recreativo Conimbricense*, levada a effeito por um grupo de socios desta collectividade.

ENSINO PRIMÁRIO**Arimética, Sistema métrico e Geometria**

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em harmonia com os actuaes programas de instrução primária

POR

Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscrição Escolar, professor diplomado de instrução primária e sócio honorário de El Fomento de Las Artes de Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇOBrochado..... **160 réis**
Cartonado..... **210**

A' venda na livreria F. FRANÇA AMADO

Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 123

COIMBRA

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 42, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

*Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.**Codigo do Registo Civil, 200 réis.**Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.**Lei da Instrução Primaria, 100 réis.**Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.**Constituição Política da Republica Portuguesa, 60 réis.**Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.**Bases da Ortografia Portuguesa, 100 réis.***BONETS**

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

BONETS

E

ARTIGOS MILITARES**H. SANTOS CALLEYA**

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

IMPRESA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

ALFAIATE**Antonio Ribeiro das Neves Machado**

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

BREVEMENTE**Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra**Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horários, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica

Preço, 500 réis

PENSIONATO ACADEMICO

Situado na rua n.º 6 do aprazivel, saudavel e hygienico bairro

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de Coimbra, num edificio com muito ar e muita luz, a 5 minutos do Lyceu e muito perto da Universidade

TRATAMENTO EM FAMILIA**Direcção e administração a cargo de****José d'Albuquerque**

Official do exercito

Alojamento: — Em magnificos quartos, todos com graddes janellas. — Dois ou tres pensionistas em cada quarto conforme a sua capacidade e tamanho.

Preço do alojamento por cada pensionista: — Até ao fim do anno lectivo, 8:000 réis, pagos no acto da admissão.

Mobiliario — a cargo dos pensionistas.

Os pensionistas que quizerem um quarto só para si, pagam o dobro do preço marcado.

ALIMENTAÇÃO: — 43:500 MENSAES

Almoço — Sopa e 1 ou 2 pratos, chá e torradas.

Jantar — Sopa e 2 pratos, 3 decilitros de vinho e sobremeza.

Ceia — Chá e torradas.

A's 5.ª feiras e domingos ha doce e á sobremeza.

NOTAS

1.º — A verba alimentação deve ser paga sem falta até a dia 2 de cada mez, e bem assim qualquer outra despeza.

2.º — O Pensionato fornece livros, pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é intuito seu negociar com os pensionistas.

3.º — A alimentação especial e tratamento por doenças, são pagas á parte.

4.º — O Pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento de roupa dos pensionistas, por 1:000 ou 1:500 réis mensaes, conforme a roupa de goma que usar.

5.º — A importancia do alojamento só é restituída por falta de cumprimento d'estas condições.

6.º — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnisação alguma das verbas de alojamento e alimentação já pagas.

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

TRADUCCÃO

DO

ENGLISH READING BOOK

DE

IVENS FERRAZ**Adoptado na 2.ª e 3.ª classe dos Lyceus**

POR

Diamantino Diniz Ferretra**PREÇO 500 RÉIS**

A' VENDA NAS LIVRARIAS

A VOZ do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 166

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 réis

ANNÚNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

O artigo 448.º trata das condições indispensaveis para a promoção a segundo sargento.

O n.º 1.º d'este artigo trata da promoção nas armas de infantaria, cavallaria, artilharia (conductores), engenharia (conductores) e tropas de administração militar.

A alinea c) diz: ter sido classificado no grupo 4 no exame a que se refere o artigo 391.º por ter exame de instrução primaria, 2.º grau.

Entendemos que deve ser modificada esta disposição cuja redacção deveria ser a seguinte:

c) Ter sido classificado no grupo 4 no exame a que se refere o artigo 391.º, por ter exame de instrução primaria do 1.º ou 2.º grau.

Não concordamos com a determinação da alinea c) que diz: ter, depois de feita a escola de sargentos, tomando parte em uma escola de recrutas e desempenhado ahi as funcções de sargento com manifesta aptidão.

Esta absurda e bem dispensavel determinação é bastante para afugentar todos os concorrentes ao posto de segundo sargento.

Esperam talvez os legisladores, que os 1.ºs cabos com o exame de instrução primaria 2.º grau, abandonem voluntariamente as suas profissões ou estudos para virem frequentar mais uma escola de recrutas, além da que pela lei de recrutamento foram obrigados?

Voltarem ás fileiras mais quinze semanas?!

Pois não se fartaram de bramar na imprensa os estudantes, contra a lei que os obrigava a uma escola de recrutas?

Não pediram os estudantes, ao Ministro da Guerra, o adiamento para as ferias grandes, recorrendo á imprensa para lhes advogar a sua causa e até ao parlamento para resolver o assumpto?

Pois não reconhece a commissão que estudou a nova organização do exercito, o quanto é disparatada e sem resultados praticos, a

determinação que vimos apreciando?

E' disparatada e illogica tal disposição como vamos provar.

Para a promoção a alferes miliciano basta simplesmente que o candidato tenha tomado parte n'uma escola de repetição (duração de duas semanas), desempenhando as funcções de subalternos.

Quer dizer: para ser official subalterno, basta simplesmente mostrar os seus conhecimentos profissionaes durante 2 semanas; para ser segundo sargento é preciso quinze semanas!!

Será isto logico?

Então um segundo sargento precisa de mais conhecimentos profissionaes do que um official subalterno?

De modo que, com tal determinação, ficamos sem sargentos milicianos e portanto sem officiaes milicianos, pois sem aquelles não podem existir estes.

Para uma boa selecção de quadros, seria preciso a determinação que combatemos? Evidentemente que não.

Senão veja-se. Como se faziam os antigos alferes de reserva.

Para ser alferes de reserva o que era preciso? Ser soldado reservista (sem nunca ter aprendido a instrução de recruta) ter uma certa educação litteraria, decorar duas leias do regulamento de campanha e do serviço interno, que papagueava no dia do exame perante um jury extremamente benevolo, dar tres ou quatro vozes a um pelotão nesse mesmo dia, e d'esta forma se fabricava um alferes de reserva!

Hoje para ser promovido a segundo sargento miliciano exige-se: a frequencia de uma escola de recrutas (quinze semanas) e uma de repetição (duas semanas) para ser 1.º cabo.

Depois a frequencia de uma escola de sargentos (quatro semanas) e em seguida uma escola de recrutas (quinze semanas); isto é, 36 semanas para infantaria,

cuja escola são de menor duração.

A alinea e) do artigo 448.º deve alterar-se e ser redigida da seguinte forma: Ter, depois de feita a escola de sargentos, tomando parte em uma escola de repetição e desempenhado ahi as funcções de sargento com manifesta aptidão.

Se o não fizerem, havemos de perguntar mais tarde onde estão os taes capitães milicianos, que devem commandar as companhias que no quadro permanente são actualmente commandadas por tenentes.

O artigo 453.º trata da promoção ao posto de primeiro sargento miliciano. E' mais um artigo theorico!

Se o candidato tem as habilitações litterarias para ser official, não precisa de ser 1.º sargento, pois é bastante ser 2.º sargento para poder ser promovido alferes miliciano.

A quem pode pois aproveitar? Sómente aos que possuindo algumas disciplinas do Lyceu, não possuem comtudo o 5.º anno. A estes o que se exige mais?

Ter como 2.º sargento, tomando parte em uma escola de recrutas e em uma escola de repetição.

Como se vê mais outra escola de recrutas, isto é mais 15 semanas, o que é bastante, como já demonstrámos, para afugentar os concorrentes. E ainda lhe acrescentaram o contrapeso da escola de repetição!

E que garantias offerece a exigencia d'estas escolas, como preparação para o desempenho das funcções de 1.º sargento? Nenhunas.

Porque a frequencia d'estas escolas, não é desempenhando as funcções de 1.º sargento, como seria natural, mas sim as de 2.º sargento.

E embora a promoção se effectue por meio de concurso, nunca os 2.ºs sargentos milicianos estarão em condições de poder responder por uma companhia!

Para isso não basta a theoria, é preciso a pratica d'alguns annos.

Não basta ter o 5.º anno do

Lyceu e frequentar umas escolas de recrutas, para ser responsavel pela administração e escripturação d'uma companhia.

Gostariamos ver ainda, alguns dos membros da commissão a commandarem uma companhia respondendo por ella, um 1.º sargento miliciano, sómente durante uma escola de repetição.

Era a maior praga que lhes rogavamos.

(Continua)

FÉ E PATRIOTISMO

«Neste momento o paiz enferma de duas grandes doenças — a falta de patriotismo e a falta de fé na Republica.

Implantarmos a Republica foi muito, mas mais do que isso, mais e muito mais importante, é o mantel-a, fortifica-la e torna-la respeitada. Por toda a parte se ouve dizer, que o paiz está perdido, que a Republica falhou. Tal não é verdade. Pois basta a implantação da Republica para mostrar que o paiz tem vitalidade, tem força.

O que produz este mal estar geral, este abatimento, esta falta de energia e de fé, é o esfacelamento do partido republicano, são as luctas absolutamente pessoas que estorvam a marcha da Republica e prejudicam o paiz.»

Palavras do sr. dr. Affonso Costa ao regressar a Lisboa em 18 de Março de 1912.

São pungentes, mas verdadeiras, as affirmações do sr. dr. Affonso Costa ao regressar do estrangeiro. As suas palavras traduzem fielmente, de um modo claro, o que este jornal tem publicado acerca das luctas pessoas entre homens que deviam dar ao povo bellas lições de democracia.

De patriotismo não se honra a Patria de contar com grandes exemplos, porque muitos dos que deram provas de o sentir em algum momento de vigor e reflexão, logo se atrophiam e deram tantos passos atraz que os mais crentes do seu esforço e heroicidade os julgaram loucos com muita sorte.

A conquista do melhor lugar pelos honorarios, foi lucta que supriu a que devia travar-se para o desempenho dos cargos que haviam de dar á Republica jorros de luz por onde o povo começasse a ver o estímulo do

seu trabalho e da sua dedicação.

Quando as columnas dos jornaes não bastaram para alentar a desordem e vingar as luctas, o que já era inaceitavel para os que tinham fé, vieram á rua e agrediram-se.

Os governos, constituídos por bons republicanos, mas inexperientes nos cargos, succederam-se por vezes em condições bem tristes, attribuindo-se a frequencia das substituições a desejos de partidos sediciosos.

Ainda não ha muitos dias que no parlamento a comoção de um patriota pediu respeito pela Republica e não lhe bastaram as lagrimas para que essa consideração fosse acatada, tendo de encerrar a sessão.

O parlamento pôde ter fructificado, mas não em leis para o povo que ignora ainda o que seja um beneficio da Republica.

Não é agradável dizer isto, mas é preciso dizel-o, clara e desassombadamente, para que não corram só as noticias de que tudo navega num mar de rosas.

Os monarchicos não mais dictarão a lei neste paiz, nem tão pouco hão de viver na sua Patria em regimen da sua crença se não se converterem á Republica.

A monarchia foi abolida para sempre e, não havendo a mais pequena probabilidade de ser restaurada, já é irrisorio que anno e meio depois de implantada a Republica ainda se cuide a serio das incursões realistas. Não devemos passar tanto e tão precioso tempo a dar credito a boateiros e a tratar de *paivantes* e monarchicos, quando a Republica reclama de todos os portuguezes o mais decidido empenho em lhe serem uteis nos differentes e complicados problemas que hão de mantel-a, fortifical-a e tornal-a respeitada.

A fé na Republica voltará a existir quando os delegados do Povo no parlamento, embora divididos em partidos, se reunam debaixo da mesma bandeira, sempre que haja de resolver-se qualquer assumpto de interesse publico e que envolva o bem estar do Povo, cuja solução esteja indicada moralmente e não deva nem possa portanto sugeitar-se a discussões partidarias que podem prejudicar e annular, como já tem succedido, as boas intenções.

O patriotismo ha de augmentar pelas novas gerações que vierem com lições de outro quilate e quando a sociedade tiver maiores exemplos a copiar e menos vicios a combater.

Mas fé e patriotismo ainda ha para defender a Republica dos seus inimigos que, infelizmente, não são só os monarchicos. O maior estorvo á sua marcha, que

poderia ter sido brilhante, até hoje, tem vindo dos maus republicanos. O maior perigo vem dos falsos apóstolos da democracia que são hoje os jesuitas modernos.

A sua fé não é precisa e patriotismo nunca o tiveram.

S. FERNANDES.

CONSIDERAÇÕES

Na grande somma de inquebrantáveis esforços resultantes da natural vontade filha de um consciante patriotismo cheio de dedicações, de egoismo santo e de excepcional lucta para acompanhar o sentimento nacional, motivo que sempre honra os que estão do lado da razão e da justiça e pela evolução da moralidade, cabe uma digna parcela á nossa classe.

Não resta duvida que ella, no cumprimento inabalavel de todos os seus deveres, sempre se apresentou como merecedora de consideração e respeito pelos homens de elevada cathedra que sabem pensar, e por isso e porque ella considerava um erro grave a quebra de união entre todos os seus membros, preconizou incançavelmente a união decidida sem desfalecimentos, por se saber depois de tanta experiencia e de factos exemplos que onde não ha união não ha cohesão nem harmonia, e a falta d'harmonia é malsoante com as suas fílas e com as suas variadas desafinações, produzindo os peores resultados.

E' já tempo para cada um deixar de conceber que o mundo existe só para os que teem o seu modo de pensar, julgando simultaneamente que nada teem que responder pela sua profissão e pelo seu posto, e que tudo corre sem perigos e na melhor das animações.

Torna-se necessaria a bem dos interesses communs e não só dos particulares, a vontade de todos posta em actividade.

Assim, tornam-se impossiveis os contratemplos e as surpresas sagazes, e todos na exacta comprehensão d'aquillo que lhes é caro, de aquillo que todos devem cercar d'um apoio decidido, cheio de abnegação leal e desinteressada, cumprindo como sempre esta missão com enthusiasmo, acharão mais tarde os fructos preciosos para seu bem.

E' bom prevêr tudo e tudo abraçar a bem da classe e da Republica.

Muito vantajosa se torna, portanto, a nossa união e a nossa vigilância sem desconfianças nem sobresaltos, mas tambem sem phantasias ridiculas, nem assomos quixotescos.

Evitemos em tudo e por tudo que nos chamem creanças grandes, e que não nos tomem a serio.

Natal.

Promoção

Foi promovido a tenente coronel para o regimento d'infantaria de reserva n.º 21, o grande democrata sr. major José da Silva Bandeira, pelo que lhe apresentamos as nossas felicitações.

Foi colocado em infantaria 31, o nosso camarada e assignante, 1.º sargento Antonio Rodrigues da Silva Braga.

LITERATURA

LA GRANADINA

Quando a *calle* atravessa lestamente,
Levando com *salero* sobraçado
El mantou que desenha alegremente
Um vergel de mil flores matisado,

Leva preso ao vistoso penteado
Um ramo de *clavelos* mui ridentes;
E num gesto, que é todo o meu agrado;
Poisa a mão na cintura, airosamente.

Os olhos... que expressão voluptuosa!
Os labios duas pétalas de rosa
Abertas num sorriso estonteador...

De *hidalgos* e plebeus é cortejada,
Porque essa gentil *hija* de Granada
Inspira aos corações fervente amor.

LAURINDA SERYTRAM

Promoções no Ultramar

Apelamos perante S. Ex.º o Ministro da Marinha e Colonias, a attenção para o seguinte:

No ultramar as promoções das guarnições, aos postos inferiores, teem sido feitas d'uma forma algo laconica; porquanto essa anormalidade partisse dos tempos da deposta monarchia, urge remedia-la.

Nada se tem feito em beneficio dos desprotegidos sargentos, que nas longinquas paragens d'alem-mar, não lhes chega o tempo para cortar as beliosas provenientes de intemperies do china. Será por falta de pedir? Duvidamos; comquanto assim tenha succedido na esperança de que não seria necessario, mas precisamente ao contrario, vê-se que não temos assim procedido — e, nada portanto, nos teem beneficiado, sendo desgosto para nós vermos nos esquecidos, com relação ás regalias e garantias dos nosos camaradas da metropole.

Não temos sido impertinentes com pedidos, demonstração de que somos verdadeiros patriotas pela nossa Republica, desejando o progresso do paiz. Não obstante isso, cremos bem que não se prejudicará os interesses geraes do paiz, se agora tivermos vez, em implorar de s. ex.º o Ministro a sua attenção para o seguinte:

O B. M. U., insere as situações em que os 1.º sargentos podem adquirir o tempo, sujeitos a nomeação de escala, para ascenderem ao posto de alferes; comquanto não possamos sensurar esse D., julgamos não se coadunar com as contravenções da epocha e situação actual, porquanto existindo 3 unidades de cavalaria na provincia de Angola, ha para serem colocados nelas 12 1.º sargentos da mesma arma! Nessas unidades podem, no seu estado completo, caber 3 respondendo por ellas, ficando, portanto o sem colocação que lhes garanta o futuro. O quadro foi exagerado em promoções desta classe, mas que fazer!?... Nós não temos culpabilidade alguma que este serviço se faça ad-hoc.

Não devemos, por esse facto, ser prejudicados no futuro e não se se-

guindo uma norma equitativa, isto é: não se alterando o que está escripto no referido boletim, ficamos lesados neste modo de legislar!

E' uma obra que carece immediata reparação e que julgo, após s. ex.º se certificar d'estas irregularidades, remediar tudo, para nos contentar, o que, com a simples alteração, prestará um acto de consideração para com a classe dos sargentos do ultramar.

Determinar que seja contado aos 1.º sargentos, o tempo como serviço d'escala, visto que o é, de serviço inherente ao posto, para ascenderem ao posto d'alferes, nas seguintes situações:

Respondendo por unidade;
Accumulando o serviço de escripturação na unidade onde haja mais de um 1.º sargento;
Commandando forças, quer destacadas quer em diligencia;
Fazendo serviço em repartições militares, como fiscalisações, secretarias dos governos, commandos militares e outros identicos;
Commandando postos militares, seja qual fôr a sua guarnição, etc.

São estas as situações em que mais usam collocar os 1.º sargentos supranumerarios e que aqui estão annos e annos á espera da mercê dos que se condõem de tão prejudicial situação, collocando-os nas suas unidades para responderem só quando muito bem lhes cabe a vez!...

E' de toda a justiça consumir este assumpto quanto antes, afim de evitar que sejam prejudicados no seu futuro estes servidores do Estado.

Mais uma vez lembramos á ex.ª comissão encarregada de elaborar a reorganização das colonias, que não se esqueça dos nosos pedidos constantes, que mais uma vez, aqui avincamos em beneficio dos sargentos que proseguem nas situações vexatorias perante a sociedade:

A licença graciosa, acto de beneficio que todos os funcionarios gozam, incluindo, pretos e outros com classificação e posição de cathedra inferior. E' a sumula decorosa em que nos collocaram!!!

Tambem imploramos que tenha

em atenção as promoções ao officialato por annos e não por nucleo de forças ou armas conjuntamente; ainda que analogamente ás do quadro privativo, isto é: ascender até tenente reformando-se em major, após o tempo necessario e exigido por lei.

Nestes casos só viriam para o ultramar em commissão os capitães e officiaes superiores a fim de commandarem e inspecionarem unidades.

E' a meu modo de vêr que assim as colonias progrediriam com o amor proprio do trabalho, e, senão, a pratica o demonstraria. Ao passo que continuando com a norma burlária do D. de 14-11-901 nunca as colonias se equilibrarão, comquanto pareça que tudo corre bem, porque o que querem geralmente é encher o sacco e... ála que terminei os dois annos...

Isso não pôde ser! Deve-se acabar com esta theoria.

Egualmente manifestamos o nosso desejo que as promoções dos quadros do Ultramar sejam concebidas nos seguintes termos:

Promover pelos 1.º sargentos mais antigos e que satisfaçam ás condições da lei, e para recuperar quaesquer faltas nos quadros, por deficiencias dos 1.º sargentos do Ultramar, haver convite geral, annualmente, reunindo a certas condições, aos 1.º sargentos da metropole, que seriam agrupados numa escala das do Ultramar e que seria publicada na O. E. e B. M. das colonias; ao contrario d'isto originaria uma lacuna tal qual está.

As promoções, nestes casos, poderiam ser effectuadas por um terço por 1.º sargentos da metropole e trez terços pelos do quadro colonial.

Não é nada de mais se assim se proceder, porque, quem julgar o contrario, conservando-se nestes climas tropicaes, com faltas incalculaveis, 5 ou 6 annos, temos bem a certeza de que tambem assim se expandiriam.

Só as sente quem as soffre...

Lubango, 15-2-912.

M. P. R.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Que uma commissão de damas se constitua em commissão para andar de porta em porta angariando donativos com o fim de socorrer vitimas da desgraça, é tudo quanto ha de mais nobre e simpatico; que porê, como succedeu ha dias nesta cidade, três ou quatro damas, para mais aristocratas, andassem a badalar ás portas dos cidadãos suplicando, num devotado fervor, donativos para socorrer padres rebeldes que não acceitaram a pensão, é tudo quanto ha de mais fantastico!

Tive eu, ou elas, a felicidade de não nos defrontarmos e chegarmos à fala a êsse respeito, porque a resposta seria pronta e só uma: a de lhes oferecer antes água para suas eminências refrescarem os pulsos, pois isso teria a grande vantagem de lhes atenuar o calor proprio em homens são e ociosos.

Seria o maior dos desânimos para essas pobres de espirito e de cérebro, pois muito naturalmente a sua pretensão está em lhes aumentar êsse calor, e nunca atenuar-lho.

Isto no século XX causa assombro!

Mas agora reparo que as minhas acusações não tem a rasão de ser que lhe estou imprimindo.

Afinal essas damas — vulgo **ca-nastras** — são nem mais nem menos do que uma reminiscência da fidalguia de todos os tempos.

Todos nós sabemos muitissimo bem pela historia, que a nobreza e o clero fizeram em todos os tempos conluio em tudo que fosse tendente a produzir efeitos desastrosos ou vergonhosos para o paiz.

Apenas uma única força se lhes tem sempre oposto aos seus desbragados cometimentos — a alma popular.

E' só a essa, e só a essa, que nós devemos não estarmos ainda sob o jugo impenitente de ferro e fogo.

Mas isto é intuitivo. E' bem uma questão psicologica. Gente que nasceu, cresceu e vive, sem ter relações com o trabalho e sem albergar em sua casa privações de toda a especie, não pode por via de regra ter um espirito bem orientado.

São semelhantes ao suino que só come para engordar. A vida para essa gente, é o seu dinheiro e seu goso e os seus caprichos. Para satisfazerem estas delicias, vão até ao crime se fôr preciso, na certeza de que a êsse crime chamam a logica da razão. Vêm no seu semelhante, destituido dessas prerogativas, seres de ordem inferior, que pretendem dominar, não à força da tirania e da contrariedade.

Ora a alma popular, aquela que é culta, luta e lutou sempre pela Liberdade; tanto basta, para que eles sejam inimigos dessa Liberdade. Empregam portanto em sua defeza o competente reagente para a combater — a reacção.

Voltando às damas em questão, só lhes lembro que centenas de creanças as estão aguardando no lumiar das portas, para receberem das suas benditas mãos algum óbulo misericordioso; e por último sempre lhes recomendo o devido acatamento por aquele preceito doutrinario que manda guardar castidade, pois ao que me parece, todas eram casadas, e quem nestas condições pede para padres, a quem esplendidamente cabe esta maxima *Par est fortuna laboris*, decerto não acata esse mandamento com a devida fidelidade.

J. A. Gomes

Noticias militares do Cuamato

S. ex.ª o sr. Commandante militar do Cuamato, tenente coronel do quadro occidental Joaquim Guilherme Galhardo, militar brioso, intelligente disciplinador e trabalhador, tem desempenhado assiduamente, como era de esperar, aquelle cargo que lhe foi confiado por s. ex.ª o sr. Governador Geral, ha mais d'um anno, pois que não obstante as precarias circumstancias em que se encontrou durante cinco mezes pela falta de generos e agua, para uma guarnição de 300 homens, manteu-se sempre com denodo, não deixando por isso de permanecer na extensa região, que tanto sangue fez diffundir aos nossos bravos soldados.

Foi transferido para o corpo de policia de Loanda o nosso camarada e amigo 2.º sargento Antonio de Jesus.

Pediu passagem a uma das unidades do districto de Benguella o 1.º sargento da 2.ª companhia europeia de infantaria, e a Loanda o 2.º sargento da 16.ª companhia indigena de infantaria Adelino Soares da Costa.

Seguiu para o Lubango, escoltando 26 presos civis do Cuanhama

e Cuamato, o 2.º sargento de cavalaria Domingos de Deus.

Em consequencia de haver terminado a 2.ª commissão nas colonias, brevemente vae visitar o lar paterno em Bragança o nosso camarada e amigo Luiz dos Santos Ferreira, 2.º sargento da 16.ª companhia indigena de infantaria.

Encontra-se em serviço de arrolamento do imposto de cubata na região de Ancongo o nosso camarada e amigo Manuel Augusto da Costa Monteiro, 2.º sargento da 14.ª companhia indigena de infantaria.

Encontra-se de licença registada o nosso presado amigo e camarada 1.º sargento Antonio Torres Fernandes.

Reunião da imprensa

Numa das salas do Ateneu Commercial, cedida para esse fim, reuniram-se ante-hontem os representantes de todos os jornaes locais e os correspondentes dos diarios de Lisboa e Porto, sendo apreciado e discutido o assunto da reunião — a forma como alguns colegas foram tratados pela empresa do Teatro Avenida, quando da repetição da peça *Vinte mil dollars*, e a permanente maneira como no referido teatro se procede para com a imprensa, a quem são distribuidos quasi vexatoriamente os peores logares da sala, a par tambem de excepções injustificadas — aprovando-se unanimemente a seguinte

MOÇÃO

«Em virtude da maneira pouco corrêta como foram tratados pela empresa do Teatro Avenida alguns representantes de jornaes locais e diarios, a quem foi negada a concessão de bilhete na repetição de peças, a assembleia resolve:

«Que se suspenda a remessa dos jornaes á empresa do Teatro Avenida, não se dando noticia dos espectaculos que ali se realizem, emquanto a empresa do mesmo teatro não fornecer aos representantes dos jornaes locais e correspondentes dos jornaes diarios aqui reunidos ou representados, bilhete permanente para todos os espectaculos, incluindo os de cinematografo, nos quaes virá designado o numero da cadeira que a cada um pertencer.

«Que esta resolução seja participada á empresa do Teatro Avenida por uma commissão composta pelos representantes de *O Povo de Santa Clara*, *Gazeta de Coimbra*, *Jornal de Coimbra* e *Humanidade*, e os correspondentes de *O Seculo*, *Republica*, e *O Mundo*.

Sala do Ateneu Commercial, 18 de março de 1912.»

A segunda parte desta moção não pode ser cumprida, em virtude de a empresa, quando procurada para aquele fim, se ter esquivado, sob um pretexto qualquer; sendo portanto resolvido publicar este documento em todos os jornaes.

Fizeram-se representar os seguintes jornaes locais:

O Povo de Santa Clara, *Tribuna*, *Sargento*, *Voç do Sargento*, *Gazeta de Coimbra*, *Jornal de Coimbra*, *Humanidade* e *Imparcial*.

E os correspondentes de

O Seculo, *O Mundo*, *A Luta*, *A Patria*, *O Diario de Noticias*, *Republica*, *Capital* e *A Montanha*.

A *Defeza* não enviou representante por se achar suspensa a sua publicação, tendo, porém, declarado um dos seus redatores que, no caso daquele jornal se continuar a publicar, seria solidario com as resoluções tomadas.

O correspondente de *O Primeiro de Janeiro* encontra-se doente e a pessoa que o substitue não compareceu em virtude de não ter plenos poderes para esse fim.

Na reunião effectuada ventilou-se mais uma vez a fundação da respectiva associação de classe, parecendo que desta vez a ideia irá por deante.

Foram colocados em infantaria 23, o sr. major d'infantaria 35, Hermenigildo Augusto dos Santos Pestana e capitão sr. Domingos da Ponte e Sousa.

Foi colocado no grupo de metralhadoras 6, o nosso amigo e assignante 2.º sargento Gaspar d'Almeida.

Passou á situação de reserva, o sr. capitão Antonio Teixeira de Moraes.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importancia de sua assignatura por um anno, do sr. Adelino Soares da Costa, 2.º sargento d'infantaria, Forte Roçadas.

A de trez trimestres, do sr. José Ignacio Tavares, 2.º sargento da Guarda Republicana de Lisboa.

A de um semestre do sr. José Joaquim Magro, alferes do secretariado militar; e a de um trimestre dos srs. José Rodrigues Matta, Clemente José Juncal, 1.º sargentos da Guarda Republicana de Lisboa; Fernandes & C.ª, Lisboa; Verol & C.ª, Manuel Francisco, H. Santos Calleya, Lisboa; Abel Augusto Lopes d'Almeida, amanuense do secretariado militar; José da Cruz Diniz Esteves, 1.º sargento d'infantaria 5; José Rodrigues dos Santos, José d'Oliveira Bello, 1.º sargentos d'infantaria 16; Manuel Pinto da Fonseca, 1.º sargento d'infantaria 1; Manuel Joaquim Magro, 1.º sargento d'infantaria 2; José Emygdio Adáuta de Figueiredo Mendonça, alferes de artilheria; José Sallas, sargento ajudante, José Soares d'Almeida, Casimiro Ramires, Antonio da Silva Neves, Joaquim Franco, 2.º sargentos, Arthur da Silva Videira, José Francisco Guerra, 1.º sargentos e Salla dos sargentos de engenharia.

AMENDOAS

O melhor sortimento de amendoas, doces diversos e mercearia, encontra-se na **Casa Innocencia**, pegada ao Chiado.

Mandam-se tabelas de preços a quem as pedir.

MARÇANO

Oferece-se com pratica de mercearia e vinhos.

Nesta redacção se informa.

ENSINO PRIMÁRIO**Arimética, Sistema métrico e Geometria**

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em harmonia com os actuais programas de instrução primária

POR

Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscricção Escolar, professor diplomado de instrução primária e sócio honorário de El Fomento de Las Artes de Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAYURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇOBrochado..... **160 réis**
Cartonado..... **210**A' venda na livraria **F. FRANÇA AMADO**

Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 123

COIMBRA

O FRANCEZ

Inglês, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial do Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

*Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.**Codigo do Registo Civil, 200 réis.**Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.**Lei da Instrucção Primaria, 100 réis.**Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.**Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.**Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.**Bases da Ortografia Portuguesa, 100 réis.***BONETS**

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

BONETS

E

ARTIGOS MILITARES**H. SANTOS CALLEYA**

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Bolões dourados. — Preços limitadissimos.

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

ALFAIATE**Antonio Ribeiro das Neves Machado**

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

BREVEMENTE**Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra**Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, comerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párcos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica

Preço, 500 réis

PENSIONATO ACADEMICO

Sittuado na rua n.º 6 do aprazível, saudavel e hygienico bairro

DO

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de Coimbra, num edificio com muito ar e muita luz, a 5 minutos do Lyceu e muito perto da Universidade

TRATAMENTO EM FAMILIA**Direcção e administração a cargo de****José d'Albuquerque**

Oficial do exercito

Alojamento: — Em magnificos quartos, todos com grandes janellas. — Dois ou trez pensionistas em cada quarto conforme a sua capacidade e tamanho.

Preço do alojamento por cada pensionista: — Até ao fim do anno lectivo, 8:000 réis, pagos no acto da admissão.

Mobiliario — a cargo dos pensionistas.

Os pensionistas que quizerem um quarto só para si, pagam o dobro do preço marcado.

ALIMENTAÇÃO: — 13:300 MENSAES

Almoço — Sopa e 1 prato ou 2 pratos, chá e torradas.

Jantar — Sopa e 2 pratos, 3 dicilitros de vinho e sobremeza.

Ceia — Chá e torradas.

A's 5.ª feiras e domingos ha doce á sobremeza.

NOTAS

1.º — A verba alimentação deve ser paga sem falta até a dia 2 de cada mez, e bem assim qualquer outra despeza.

2.º — O Pensionato fornece livros, pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é intuito seu negociar com os pensionistas.

3.º — A alimentação especial e tratamento por doenças, são pagas á parte.

4.º — O Pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento de roupa dos pensionistas, por 1:000 ou 1:500 réis mensaes, conforme a roupa de goma que usar.

5.º — A importancia do alojamento só é restituída por falta de cumprimento d'estas condições.

6.º — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnisação alguma das verbas de alojamento e alimentação já pagas.

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO

COIMBRA.

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e Impressão de Jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMODOS